



Universidade de Aveiro Departamento de Línguas e Culturas
Ano 2014

**Joana Rita
Guedes Dias**

**Especificidades da edição para a infância em
Portugal: o caso da Bruaá**



Universidade de Aveiro Departamento de Línguas e Culturas
Ano 2014

**Joana Rita
Guedes Dias**

**Especificidades da edição para a infância em
Portugal: o caso da Bruaá**

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Estudos Editoriais, realizada sob a orientação científica da Doutora Ana Margarida Corujo Ferreira Lima Ramos, Professora Auxiliar do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro.

À minha família.

Ao I. por tudo.

o júri

presidente

Prof. Doutor João Manuel Nunes Torrão
Professor Catedrático da Universidade de Aveiro

Doutora Carina Miguel Figueiredo da Cruz Rosa Rodrigues
(arguente)

Prof. Doutora Ana Margarida Corujo Ferreira Lima Ramos
Professora Auxiliar da Universidade de Aveiro (orientadora).

agradecimentos

Agradeço à Professora Ana Margarida Ramos, minha orientadora, a disponibilidade com que me tratou desde o primeiro momento até à conclusão deste trabalho. Agradeço-lhe pela ajuda, pela atenção dispensada e pela prontidão com que sempre me ajudou em todas as minhas questões e dúvidas.

Ao Miguel Gouveia da *Bruá* que tão bem me recebeu na sua nova e simpática loja e que desde cedo se prontificou a responder-me a todas as minhas questões sobre o projeto que tão bem abraça e pelo qual tenho uma grande admiração.

Aos meus pais por acreditarem, pelo encorajamento e por me incentivarem a ir mais longe.

Ao I. por tudo o que é e o que acrescenta à minha vida. Nada disto seria possível sem a tua amizade e o teu incondicional amor.

À minha família. Que as nossas gargalhadas perdurem no tempo.

Às Book Geeks, obrigada pela amizade e por fazerem parte do meu caminho.

A todos os que indiretamente me ajudaram a chegar até aqui e enriqueceram o meu percurso académico e a minha vida.

palavras-chave

Literatura para a infância, pequenas editoras, edição, mercado editorial, editora Bruaá

resumo

O mercado editorial tem sofrido, nos últimos tempos, uma mudança profunda no seu funcionamento, com o crescimento e consolidação dos grandes grupos editoriais e com a consequente extinção das pequenas editoras.

Temos, atualmente, um mercado liderado por dois grandes grupos que monopolizam as vendas, deixando pouco espaço de manobra para as pequenas empresas da área que tentam subsistir.

Por outro lado, a edição para a infância conhece nos últimos anos um crescimento sem igual, com a integração de autores e ilustradores de qualidade, que emergem no mercado através das pequenas empresas que investem neles. Assistimos a uma importância acrescida ao livro infantil que até aqui era inexistente e a um crescimento e desenvolvimento do setor.

Assim, no presente trabalho, queremos, através de uma análise de um exemplo concreto, mostrar que, apesar de todas as dificuldades não só financeiras mas também de visibilidade no mercado, é possível que existam pequenos editores dedicados à literatura para a infância que, em nichos muito específicos de mercado, atuam neste setor da edição.

Iremos, através de uma análise do mercado editorial e mais aprofundadamente do setor da edição para a infância, analisar o exemplo de uma pequena editora - a Bruaá, especializada principalmente na tradução de livros estrangeiros para a infância de modo a perceber as estratégias de subsistência das pequenas empresas neste setor, o seu comportamento no mercado, o que as diferencia e a forma como se relacionam entre si.

keywords

Children's literature, small publishers, publishing, publishing market, Buaá

abstract

The publishing industry has been suffering a profound change, with the growth and consolidation of the major publishing groups and the consequent extinction of small publishers.

We now have a market led by two large groups that, together, monopolize sales, leaving little space for small publishers trying to survive.

Nonetheless, literature for children has been growing like never before in recent years, accompanied by the blending of fine authors and illustrators that emerge in the market through the small companies that invest in them.

We are witnessing to an ever increasing importance regarding books for children, that until recently did not exist, and to the growth and development of this sector.

Here, through a practical case analysis, we propose to show that despite financial and market visibility difficulties, it is possible for small publishers, which dedicate to literature for children, to exist in specific market gaps.

We analyze the publishing market, specifically the literature for children publishing sector, considering the case of a small publisher – Buaá, which mainly specializes in translating books for children published outside of Portugal, in order to understand some survival strategies that small publishers use in this industry, their market behavior, what makes them different and how they relate between each other.

Índice

| | |
|-------------------------------|----|
| O júri..... | 7 |
| Agradecimentos..... | 9 |
| Palavras-chave e resumo | 11 |
| Keywords and abstract | 13 |
| Índice | 15 |
| Índice de Ilustrações..... | 17 |
| Introdução..... | 19 |

Parte I

| | |
|---|----|
| Contextualização do mercado editorial português | 25 |
| Literatura para a Infância | 31 |
| a. A legitimação da literatura para a infância e o conceito de infância | 31 |
| Caracterização da literatura para a infância | 35 |
| a. A literatura para a infância na atualidade..... | 36 |
| b. Editoras a publicar para a infância..... | 40 |
| c. Análise das Publicações | 45 |

Parte II

| | |
|------------------------------------|----|
| O Caso da Bruaá..... | 53 |
| a. A editora | 53 |
| b. Política Editorial | 60 |
| c. O Catálogo..... | 63 |
| d. Análise do Catálogo | 77 |
| e. O <i>Site</i> | 83 |
| f. A Bruaá nas Redes Sociais | 85 |
| g. Promoção dos Livros | 87 |
| h. Projetos Futuros | 91 |

| | |
|---|-----|
| Conclusões..... | 93 |
| Bibliografia..... | 99 |
| Anexos..... | 105 |
| a. Guião da Entrevista Editora Bruaá..... | 107 |
| b. Entrevista Editora Bruaá | 109 |

Índice de Ilustrações

| | |
|---|----|
| Imagem 1- <i>A Maior Flor do Mundo</i> (2013) e <i>O Menino no Sapatinho</i> (2013) (Editorial Caminho) | 46 |
| Imagem 2- <i>Assim Mas Sem Ser Assim</i> (2013) editado pela Caminho, <i>O Rosto</i> (2010), <i>As Mais Belas Coisas do Mundo</i> (2010) editados pela Alfaguara e <i>Nweti e o Mar</i> (2011) publicado pela Dom Quixote | 46 |
| Imagem 3- Exemplo de publicações pertencentes à coleção “Contos Tradicionais” da Kalandraka..... | 47 |
| Imagem 4- Exemplo de álbum ilustrado publicado pela Planeta Tangerina | 48 |
| Imagem 5- Exemplos de álbuns ilustrados editados pela Gatafunho – <i>Quando a Mãe Grita</i> (2006) e <i>O Meu Avô</i> (2014) pela Orfeu Negro | 49 |
| Imagem 6- Livros pertencentes às coleções do catálogo da Trinta Por Uma Linha | 50 |
| Imagem 7- Alguns dos livros da Bags of Books | 51 |
| Imagem 8- Exemplos dos diferentes formatos da Pato Lógico | 52 |
| Imagem 9- Logótipo da Editora..... | 53 |
| Imagem 10- <i>O Arenque Fumado</i> (2011) nas diversas fases de leitura | 62 |
| Imagem 11- <i>Esqueci-me Como se Chama</i> (2011)..... | 62 |
| Imagem 12- <i>A Árvore Generosa</i> (2008) | 63 |
| Imagem 13- <i>Eu Espero</i> (2008) | 64 |
| Imagem 14- <i>A Grande Questão</i> (2008) | 65 |
| Imagem 15- <i>O Ponto</i> (2009)..... | 65 |
| Imagem 16- <i>O Livro Negro das Cores</i> (2010) | 66 |
| Imagem 17- <i>Lágrimas de Crocodilo</i> (2010)..... | 67 |
| Imagem 18- <i>Quem Quer um Rinoceronte Barato?</i> (2010)..... | 67 |
| Imagem 19- <i>Popville</i> (2010)..... | 68 |
| Imagem 20- <i>O Arenque Fumado</i> (2011) | 69 |

| | |
|--|----|
| Imagem 21- <i>Isto ou Aquilo?</i> (2011) | 69 |
| Imagem 22- <i>Na Noite Escura</i> (2011) | 70 |
| Imagem 23- <i>Esqueci-me Como se Chama</i> (2011)..... | 70 |
| Imagem 24- <i>O Urso e o Gato Selvagem</i> (2011) | 71 |
| Imagem 25- <i>Na Floresta da Preguiça</i> (2012) | 72 |
| Imagem 26- <i>O Tigre na Rua</i> (2012) | 72 |
| Imagem 27- <i>A Rainha das Rãs que não Podia Molhar os Pés</i> (2012)..... | 73 |
| Imagem 28- <i>Arturo</i> (2012) | 73 |
| Imagem 29- <i>O Jardim de Babã</i> (2013) | 74 |
| Imagem 30- <i>Um Nome para o Cão</i> (2013)..... | 75 |
| Imagem 31- <i>Guarda Como um Segredo</i> (2013) | 75 |
| Imagem 32- <i>Estava a Pensar</i> (2014)..... | 76 |
| Imagem 33- <i>Herberto</i> (2014) | 76 |
| Imagem 34- Número de publicações da editora (por ano) | 79 |
| Imagem 35- <i>Arturo</i> (2012) | 80 |
| Imagem 36- Blogue da Bruaá..... | 85 |
| Imagem 37- <i>Facebook</i> da Bruaá..... | 86 |
| Imagem 38- Atividades elaboradas pelos alunos | 88 |
| Imagem 39- Oficina de Poesia na Biblioteca Municipal de Arouca | 89 |
| Imagem 40- Editora Bruaá na Feira do Livro de Coimbra (maio 2014) e Figueira da Foz (agosto 2014)..... | 89 |

1. Introdução

O presente estudo afirma-se como uma análise do mercado editorial atual, debruçando-se sobre o setor do livro para a infância. Assim, numa primeira fase, pareceu-nos de extrema importância construir uma visão do mercado da edição em geral e refletir sobre as mudanças que este tem atravessado ao longo da última década. Desta forma, iremos observar que o panorama editorial apresenta dois polos: de um lado temos dois grandes grupos editoriais, constituídos por chancelas entretanto adquiridas, e que publicam uma oferta muito variada e a um ritmo célere, e, do outro, as pequenas editoras que subsistem procurando um método editorial inovador e convidativo. Nesta primeira abordagem ao mercado editorial, iremos analisar os principais problemas que constituem o grande leque de dificuldades que o mercado vive atualmente e refletir sobre a influência que têm na posição destes grupos no mercado. Ainda dentro desta análise, iremos enumerar alguns exemplos de pequenas editoras e perceber de que forma se inserem no mercado e compreender os seus mecanismos e estratégias de diferenciação.

De seguida, iremos abordar e caracterizar de forma sucinta e não exaustiva o universo da literatura para a infância. Nesse momento, procuraremos sintetizar a evolução da literatura e perceber as alterações ao seu estatuto literário, ainda alvo de alguma contestação. O conceito de infância é ainda recente e tem vindo a sofrer, ao longo dos últimos anos, uma considerável evolução devido aos estudos realizados por interessados na área. As alterações relativas ao estatuto da literatura infantil têm consequências no universo editorial, com a conquista de uma maior atenção e de um maior relevo, ganhando espaços muito relevantes. Neste sentido, interessa perceber a importância que tem conhecido nos últimos anos, bem como a sua situação no mercado atual. Com as novas técnicas de impressão, com o incentivo por parte das bibliotecas, dos professores, com a implementação do Plano Nacional de Leitura e com a criação de casas editoras especializadas nestas publicações, a literatura para a infância tem vindo a ocupar um novo patamar de importância e uma visibilidade que não conhecia antes, pelo menos a este nível. Iremos averiguar que autores publicam hoje para a infância, que tendências é que segue este setor de mercado, os géneros mais publicados, a diversidade de temas tratados, entre outros. Para além da narrativa, iremos abordar o importante “boom” criativo ao qual o livro para a criança tem estado sujeito, com o aparecimento de novos ilustradores e de novas

abordagens à ilustração, assim como o seu reconhecimento internacional. De seguida, iremos enumerar as principais editoras especializadas a publicar para a infância atualmente, de modo a perceber este mercado através da análise dos seus catálogos e dos projetos a que se dedicam.

Numa segunda parte deste trabalho, iremos fazer uma análise um exemplo prático tomando como objeto de interesse a editora Bruaá. Num primeiro momento, iremos apresentar a editora, explicando a sua origem, a sua missão no mercado, o desenvolvimento da sua atividade, entre outros aspetos. Iremos averiguar os principais problemas com que os seus editores se depararam no processo de edição atual, referindo a distribuição, a falta de originais portugueses que atraiam a sua atenção para posterior publicação, a saturação do mercado que se reflete nas estantes das livrarias, a grande oferta de ilustração relativamente à escassa oferta de textos, os pagamentos por parte dos clientes, as dificuldades inerentes às traduções, a compra e venda de direitos, entre outros. Iremos ainda perceber de que forma se dá todo o processo de edição, desde a escolha do texto à publicação do mesmo com a chancela da Bruaá.

De seguida, iremos caracterizar a política editorial da editora e os seus objetivos, analisando globalmente o seu catálogo, de modo a perceber de que forma se posiciona no mercado, abordando ainda a questão dos nichos aos quais as pequenas editoras se dedicam. Num momento seguinte, iremos analisar detalhadamente o catálogo da editora, dando uma visão, livro a livro, das suas publicações, identificando tema, tipo de ilustração e género das publicações. Analisaremos o catálogo, averiguando o número de publicações por ano e o ritmo de edição da editora, que autores e géneros publica, para compreender os critérios de edição que seguem. Analisaremos, também, a forma como a editora se apresenta aos seus clientes, descrevendo as estratégias que usa para estar em contacto com eles: o seu *site* e as redes sociais.

Após essa análise, iremos perceber de que forma a Bruaá promove os livros que publica, seja por meio de lançamentos ou através da elaboração de atividades para pais e educadores disponibilizadas gratuitamente. Para além destas atividades, tenta manter contacto com as escolas de forma a levar os seus livros diretamente ao público leitor, perceber reações e respostas ao seu trabalho, uma questão que nos parece essencial quando falamos da sustentabilidade do negócio no mercado. Ainda dentro desta análise iremos abordar a questão das presenças nas feiras internacionais e a visibilidade que estas dão ao

trabalho efetuado e à contribuição que representam na viabilidade da editora. Ainda falando da editora, iremos fazer um breve apontamento sobre projetos futuros e que estão na mesa desta para o próximo ano e que integrarão o seu catálogo.

O mercado editorial tem sido alvo de uma série de mudanças, nos últimos anos, que culminam na situação atual em que temos dois grandes grupos editoriais que dominam o mercado e que, naturalmente, monopolizam as vendas, deixando pouca margem para outras empresas na área. Para além desta questão, é importante referir que as empresas de distribuição - que têm um papel fulcral em todo o processo de edição, ao fazer chegar os livros aos livreiros - atravessam também um período de dificuldade. Entre 2001 e 2006 assistimos a um aumento de cerca de cem novas editoras, o que levou, segundo Rui Beja (2011), a uma saturação do mercado devido à edição excessiva de livros que, com a falta de distribuidores em Portugal, não chegam às estantes. Nesta altura, falamos também do fenómeno da criação de livrarias *online* que prejudicam as casas editoriais devido aos acordos desvantajosos que fazem. Este acontecimento virou o mercado para a era digital, onde os *e-books* começaram a ganhar importância e levaram a um descontrolo por parte das casas editoriais relativamente aos títulos que editam, em questões de direitos de autor.

Em 2007, com a compra do grupo Bertrand por parte do Direct Group Bertelsmann, deu-se início ao processo da unificação das editoras e que nos trouxe até à situação atual, caracterizada por um mercado dominado pelo grupo Porto Editora, que é líder de vendas, e pelo grupo Leya. Estes dois grandes grupos são compostos por chancelas que respondem, de forma diferenciada, a cada setor do mercado, canalizando, assim, os diferentes produtos e possuindo uma oferta muito variada. Contudo, ao analisarmos as publicações editadas por qualquer uma das chancelas destes dois grupos, apercebemo-nos que estas se orientam maioritariamente por uma visão comercial, onde os *bestsellers* são uma prioridade. Existe assim, um domínio, por parte destes dois grupos, que torna complicado o acesso das pequenas editoras às livrarias, com uma oferta especializada para um público mais preocupado e seletivo em relação ao que lê. Devido à preocupação com as vendas e à posição que ocupam no mercado, estes dois grandes grupos acabam por, apesar da grande oferta, concentrar-se nos títulos com mais sucesso, caem na repetição de temas e banalizam o conceito do livro e do objetivo cultural inerente ao ato de ler.

Numa perspetiva distinta, temos as pequenas empresas que, apesar de se preocuparem com a vertente das vendas, pois precisam de subsistir, encontram nichos do

mercado por preencher e respondem às expectativas de leitores mais exigentes. É nestes nichos de mercado que encontramos estas pequenas empresas que, mantendo a genuína preocupação com o livro como objeto cultural e com respeito pelo que os leitores querem realmente ler, procuram sobreviver apesar das dificuldades de visibilidade no mercado atual. Porém, estas pequenas editoras entram no mercado com uma visão realista de que não são concorrentes com os grandes grupos e adotam uma postura de diferenciação e de inovação perante o já existente.

No presente trabalho iremos analisar a postura contrastante destes dois lados do mercado e perceber que não é de todo impossível que as pequenas editoras habitem num mercado pequeno onde existem dois grandes grupos a editar. De uma forma geral, as grandes editoras editam para as massas e para os leitores que veem o livro como forma de entretenimento. Pelo contrário, as pequenas editoras buscam a qualidade literária, assim como da ilustração, se for o caso, como forma de criar um objeto de qualidade e de proveito cultural enriquecedor do leitor. Assim, com estas distintas visões de mercado, iremos comprovar que a existência destes dois lados acontece devido às diferentes abordagens de mercado que possuem.

A literatura para a infância, a par da literatura para adultos, representa atualmente um importante setor de mercado, devido ao crescimento e desenvolvimento que tem conhecido, sendo ainda um veículo transmissor de valores, além de um entretenimento cultural e estético para os pequenos leitores. Ainda que alguns críticos duvidem do estatuto artístico e/ou canónico da literatura para a infância, por considerarem que a criança não está apta a compreender literatura sem a ajuda de um adulto, há, por outro lado, quem defenda que as capacidades da criança se desenvolvem quanto mais cedo for o seu contacto com a leitura. Afinal, as crianças são futuros adultos que, ao adquirirem hábitos de leitura desde cedo, transportarão consigo esses hábitos para o futuro. A literatura para a infância tem sido alvo de muita atenção por parte dos estudiosos e tem ganho, ao longo da última década, uma importância acrescida. O conceito de infância como o conhecemos na atualidade é uma noção muito recente, pois a criança não era vista como um ser com necessidades específicas e com capacidades de interpretação, o que fazia com que as crianças mais pobres comessem a trabalhar para ajudar a família, não sobrando espaço para viverem a infância como uma etapa fundamental do seu crescimento. Até aqui, o livro

estava associado às famílias com mais posses e exclusivamente ao ensino, ou seja, o livro era um objeto de difícil acesso que estava dissociado do conceito de entretenimento.

Em Portugal, só a partir do séc. XIX é que se começou a valorizar o conceito de infância e, a partir do momento em que esta visão mudou, os estudiosos perceberam que a restante literatura não satisfazia as necessidades das crianças. A partir deste momento a oferta aumentou não só em quantidade mas também em qualidade. No séc. XX dá-se uma mudança cultural e de mentalidades, que proporcionou o desenvolvimento da edição dos livros para a infância.

Atualmente presenciamos um novo desenvolvimento neste setor, devido à qualidade significativa dos ilustradores e autores que se dedicam ao livro para a infância, para além do progresso tecnológico e das suas implicações no processo de edição. O prestígio dos livros infantis tem crescido. Há uma diversidade de temas tratados que incluem problemas do foro infantil e juvenil, promovendo a identificação imediata dos leitores, para além do desenvolvimento das capacidades de leitura das crianças. Acresce à qualidade literária, a qualidade plástica, resultado da colaboração por parte dos ilustradores que têm desenvolvido um trabalho que está a ser reconhecido internacionalmente.

Como amante da leitura que sou e por ter, desde criança, uma grande estima pelo livro-objeto, encontrei, ao longo da minha formação académica, pessoas nas quais me revii por partilharem o mesmo gosto. Recordo muitos professores que, com a mesma paixão, partilhavam projetos novos e interessantes, ao mesmo tempo a que assistíamos a uma perda de qualidade no mercado editorial, pela repetição excessiva de temas, pela saturação evidente do mercado, entre outros fatores. Ao mesmo tempo, surgiam projetos novos, de pequenas editoras especializadas, que voltavam a conferir qualidade ao livro e a mostrar nas suas publicações uma dedicação e preocupação com o público leitor. Sempre me mantive a par de projetos que defendem o livro como um objeto de uma dimensão cultural imensa, com uma estima acrescida pelo livro e pela leitura. Devido à frequência de disciplinas ligadas à área da literatura para a infância, que me possibilitaram conhecer projetos inovadores e publicações de qualidade, houve um crescente interesse não só pelo livro para crianças mas também pelas pessoas que o editam. Mais tarde, devido à minha atividade profissional estar ligada ao trabalho com essa faixa etária, houve um acrescido sentimento de que as crianças de hoje precisam de livros de qualidade que despertem nelas o gosto pela leitura.

A literatura para a infância, como anteriormente foi referido, tem vindo a ocupar um lugar cada vez mais importante nas estantes das livrarias e apresenta-se como um setor relevante e em desenvolvimento no mercado da edição atual. A par dos grandes grupos editoriais, há pequenas editoras que, com uma maior atenção ao livro, persistem em publicar e a não desistir de um mercado conturbado e em permanente convulsão, ao mesmo tempo que começam a criar público, formado por um grupo de leitores que se interessam e preferem o trabalho mais cuidado e dedicado destas pequenas casas editoras. Num mundo dominado pelo *marketing* e em que consideramos a viabilidade dos negócios pela sua rentabilidade, existe uma curiosidade inerente a este trabalho em tentar perceber o papel das pequenas editoras, a sua posição no mercado de forma a tornarem o seu negócio rentável. Considero, ainda, fundamental analisar o mercado atual para perceber os contrastes existentes para, assim, poder tirar algumas conclusões.

2. Contextualização do mercado editorial português

Vivemos, neste momento, em Portugal, uma situação muito especial, resultante de um longo período de turbulência no mercado editorial. A sucessiva “vitória”, em termos de vendas e de margem de lucro, dos grandes grupos editoriais resultou de uma monopolização do mercado por parte destes, não deixando lugar para as pequenas editoras, que ficaram pelo caminho ou subsistem a muito custo. Não será, no entanto, “justo” referirmo-nos apenas a uma “crise” nas pequenas editoras, mas também nas empresas de distribuição, que têm um papel fundamental na chegada dos livros aos livreiros e também na divulgação das editoras que usam este caminho para verem os seus livros nas estantes das livrarias.

Neste sentido, de acordo com Rui Beja (2011, 60), em intervenção proferida no Congresso dos Editores Portugueses, em 2006, já se detetavam vários problemas na globalidade do mercado editorial português. Entre eles, destaco, pelo seu especial relevo, a pouca comunicação entre os editores e os seus clientes, a pouca divulgação que o país tem no mercado internacional e, conseqüentemente, a pouca difusão da sua cultura, a questão da proteção dos direitos de autor e o combate à pirataria e por último, a pouca visibilidade que o livro tem nos media. Porém, nos últimos anos, podemos perceber que algumas mudanças foram feitas e que o livro tem conhecido um lugar de maior importância. Em 2009, já havia existido um esforço neste sentido, com o apoio dado pela Direção Geral do Livro, Arquivos e Bibliotecas (DGLAB). Com este apoio foram publicadas cerca de 180 obras de autores portugueses e africanos de língua portuguesa no estrangeiro. Alguns exemplos são *O Murmúrio do Mundo*, de Almeida Faria, autor nunca antes publicado no Brasil, pela Tinta da China Brasil, e *Os Passos em Volta*, de Herberto Helder, traduzido para a língua francesa pela editora Chandeigne. A presença de Portugal, como país convidado, na Feira do Livro de Bogotá, resultou na tradução de 30 obras portuguesas como *Irmão Lobo*, de Carla Maia de Almeida, *A Contradição Humana*, de Afonso Cruz, e *Como Tu*, de Ana Luísa Amaral. Estes apoios servem de incentivo à presença de autores portugueses noutros países e como divulgação de obras portuguesas no estrangeiro. Estes apoios contemplam ainda os géneros de literatura para a infância e banda desenhada, tendo sido apoiada a edição de *Quando eu Nasci*, de Isabel Minhós Martins, na Grécia, de *Circo*

de Papel, de Vergílio Alberto Vieira, no Egito, e *Achimpa*, de Catarina Sobral, na Suécia e em Itália. Assim, podemos perceber que há uma tentativa de expandir as fronteiras do mercado português e de marcar presença noutros países. No contexto de negócio, esta é, sem dúvida, uma boa solução que a longo prazo fará com que o mercado editorial português ganhe território e se possa consolidar e expandir. Percebemos que esta é uma preocupação do presente e que tem vindo a ganhar dimensão através do mercado digital.

Contudo, a situação atual do mercado editorial português resulta de uma série de acontecimentos registados anteriormente e que o poderão ter prejudicado. Segundo Rui Beja (2011, 61), entre os anos de 2001 e 2006, houve um significativo aumento de editoras, tendo sido criadas mais de uma centena, originando, assim, na opinião deste especialista, uma saturação do mercado, porque, naturalmente, o número de títulos editados duplicou (*ibidem*). A piorar esta situação, e devido à escassez de distribuidoras em Portugal, estes títulos não chegavam às estantes, quer por falta de eficácia, quer por que é dada prioridade aos *best-sellers*. Neste momento, falamos também de um novo canal de negócio – as livrarias *online* – que canalizam muito do que se faz e que se tornaram num atrativo para muitos clientes. Nesta altura, houve um *boom* de livrarias virtuais, inspiradas naquela que se diz hoje a mais importante, fundada em 1994 – a Amazon – facto que, ao contrário do previsto, veio dificultar a vida de muitas casas editoriais. Por um lado, poderíamos pensar que facilitaria o escoamento dos livros e a promoção de vendas, porém, esta ideia está longe de se ver cumprida, pois a Amazon, para conseguir preços largamente vantajosos, negocia de forma a ter margens cada vez maiores, não deixando espaço de manobra para as editoras que, neste cenário, são obrigadas a ceder. Falamos, pois, de uma fase em que o negócio editorial começa a virar-se para o digital, não só através das livrarias *online* mas também do negócio dos livros digitais – *e-books* – e dos leitores de livros digitais – *e-readers*. Se há quem pense que este negócio facilitou a divulgação de conhecimento e de obras que, até aqui, eram inacessíveis a muitos, também aumentaram os *downloads* ilegais e a pirataria, em consequência de regulamentação insuficiente ao nível dos direitos de autor. Através de uns simples cliques tornou-se mais fácil o acesso aos documentos sem “prestar contas” às casas editoras que criam os produtos.

Adicionalmente, com o desenvolvimento de novos canais de venda, como os supermercados e as grandes superfícies, mas também as lojas de conveniência, entre outros, onde há uma seleção grande dos títulos vendidos e um leque de questões

económicas específicas associadas, o livro passou a tomar uma dimensão mais acessível, fazendo com que as livrarias perdessem o seu lugar privilegiado, levando ao encerramento de muitas lojas, inclusive livrarias históricas e de grande relevância na história da edição em Portugal.

No ano de 2007, inicia-se um processo pelo qual já todos esperavam, por força das circunstâncias anteriormente referidas, mas que, ainda assim, iria gerar toda a diferença no mercado editorial português: dava-se, então, a unificação das casas editoriais. Viviam-se momentos complicados perante os quais muitas editoras não souberam dar resposta, fosse por falta de uma estrutura sólida de gestão, fosse por falta de meios económicos. Este processo teve início quando o Direct Group Bertelsmann comprou o grupo Bertrand. Porém, este acontecimento foi só o início do processo que nos conduziu à situação atual, dominada pelo grupo Porto Editora (que inclui o grupo Bertrand Círculo) e pelo grupo Leya, líderes de mercado, estando a Porto Editora à frente com 150 milhões de euros de vendas e a Leya com cerca de 90 milhões.

Atualmente, a Porto Editora é constituída pela Areal Editores, Raiz Editora, Assírio & Alvim, Sextante e Wook e integra, ainda, uma editora angolana Plural Angola e a editora moçambicana Plural Moçambique. Dentro do grupo Porto Editora, temos ainda o grupo Bertrand Círculo, que é constituído pelas seguintes editoras: Bertrand Editora, Quetzal, Pergaminho, Temas e Debates, Contraponto, Arteplural, 11x17 e a Gestão Plus.

Do outro lado, temos a Leya, da qual fazem parte Academia do Livro, ASA, BIS, Caderno, Caminho, Casa das Letras, D. Quixote, Estrela Polar, Gailivro, Livros d’Hoje, Lua de Papel, Novagaia, Oficina do Livro, Quinta Essência, Sebenta, Teorema e Texto Editores. A Leya está ainda presente em Angola, com a Leya Angola, em Moçambique com a Leya Moçambique e no Brasil com a Leya Brasil, fortalecendo, assim, uma tendência referida anteriormente, a internacionalização no espaço lusófono.

Parece-me, ainda, importante salientar que ambos os grupos possuem gráficas especializadas na elaboração de livros e distribuidoras próprias, estando esse negócio todo canalizado dentro do mesmo grupo, não precisando de recorrer a serviços exteriores nem a *outsourcing*.

Desta forma, conseguimos perceber que o panorama atual do mercado editorial português é constituído por dois grandes grupos, dentro dos quais subsistem chancelas diferenciadas, sendo que cada uma delas responde às necessidades específicas do seu setor.

Este leque grande de chancelas que cada um dos grupos possui faz, assim, com que, do ponto de vista das vendas, se consiga proporcionar uma oferta editorial muito variada, mantendo, até certo ponto, a sua identidade original específica. Contudo levantam-se várias questões. Num cenário cujo mercado é liderado por grandes grupos, sobra espaço para outras editoras? Representando os livros um universo essencial para a cultura de um país, deverá existir um controlo por parte dos editores em relação àquilo que lemos? Este monopólio pode conduzir à publicação massiva de livros de venda fácil, em detrimento da qualidade das publicações ou mesmo da atenção a géneros menos “comerciais”.

É, neste contexto, que surgem as pequenas editoras. Aquelas que, para além da visão comercial, se apercebem do impacto cultural do livro. Surgem com o objetivo de colmatar falhas existentes na edição literária, de oferecer aos leitores mais seletivos o que querem ler e de promover a saída do anonimato de novos autores. Contudo, devido à conjuntura financeira atual, esta opção torna-se muito difícil, em alguns casos quase impossível. É desta forma que, ao analisarmos a missão de algumas destas pequenas empresas, percebemos, desde logo, que elas sobrevivem porque têm conceitos editoriais inovadores, de caráter atual e que se afirmam pela diferenciação face ao que já existe. Percebemos que estas editoras preenchem nichos muito específicos de mercado – razão natural da sua subsistência e possível sucesso. Estas pequenas editoras não surgem com o objetivo de concorrerem com os grandes grupos editoriais, mas sim de encontrar o seu próprio caminho, claramente alternativo em relação ao existente, onde procuram afirmar-se e criar a sua imagem de marca. Ou seja, dado o panorama atual, as novas editoras não se podem afirmar como concorrentes dos grandes grupos ou mesmo umas das outras, para evitar um esmagamento por parte das suas “rivais”. Quase todas procuram um setor pouco explorado, ou uma forma diferente de explorar um setor já existente. Como refere Eva Mejuto, responsável pela OQO, editora galega que também se encontra a publicar em Portugal, há um vazio no que toca a “livros de qualidade, de alto conteúdo artístico e que cheguem às crianças novas maneiras de olhar o mundo e a si próprias” (Portal Galego da Língua, 2011).

Neste sentido, e apesar de este trabalho se focar na literatura para a infância, mas estando nós a falar de pequenas empresas editoriais, parece-nos oportuno dar como exemplo algumas editoras de diferentes áreas e que respondem às condições descritas anteriormente, a fim de percebermos melhor a situação em que nos encontramos neste

campo. Começamos por referir a editora Alfarroba, especializada em publicações de autores nacionais consagrados e que tem um cuidado especial na criação do objeto livro, proporcionando um resultado final cuidado. Contempla vários setores da edição, desde a poesia, à literatura para crianças, biografias, crônicas, entre outros. A editora tem especial cuidado com a criação do livro como um objeto e é, nesse sentido, que se diferencia das concorrentes. Por outro lado, temos a Livros de Ontem, que apenas aposta em novos autores nacionais, com o objetivo de dar a conhecer novas formas de escrita que, de outra maneira, nunca sairiam do anonimato. A Livros de Ontem aposta essencialmente em levar até ao leitor literatura nacional de qualidade mas totalmente nova. Possui, ainda, *online*, uma plataforma de venda de livros académicos para que os estudantes possam adquirir livros usados a preços acessíveis. Noutro setor completamente diferenciado, mas que representa atualmente uma importante parte do que se faz editorialmente, além de se tratar de um setor em grande desenvolvimento, temos a Boca, editora especializada na criação de audiolivros. Tem o objetivo de levar até ao leitor a palavra ouvida e de dar a possibilidade de ler livros através da sua audição.

Como podemos verificar, todas estas pequenas editoras focam-se em critérios muito específicos de mercado, deixando de lado as estratégias já usadas pelos grandes grupos editoriais, grandes exemplos da eficiência do *marketing* nas suas vendas. Concluímos, pois, que, assim como em outros mercados, temos empresas líder e na edição não é diferente. Porém, são sempre deixados espaços por preencher, quer estejam relacionados com géneros literários por publicar ou públicos-alvo a quem responder. Após esta análise, podemos perceber que não é impossível grandes e pequenas editoras coexistirem. A partir do momento em que ambas não cruzem o mesmo caminho, poderá, até, dar-se uma boa relação editorial, sem terem o rótulo de concorrentes, pelo menos diretos. Desta forma, existe um ambiente propício à sua convivência e subsistência. As grandes editoras continuam a publicar o que as maiorias querem e gostam de ler. As pequenas editoras centram-se num público mais exigente e especializado não havendo, assim, confrontos de mercado.

3. A literatura para a Infância

A literatura para a infância representa, hoje, um universo muito importante mas que levou o seu tempo a ser merecidamente conquistado. Só a partir dos anos 70 do século XX, com a importância dada ao livro como divulgador de pensamentos e ideias e, pela atribuição do seu lado educativo, é que o volume de edições aumentou (Bastos, 1999, 21), assim como a qualidade estética e artística dos volumes dedicados aos mais novos, produzidos em maior escala. Este aumento deveu-se também às bibliotecas escolares, que têm um papel fundamental na divulgação dos livros junto das crianças, às bibliotecas municipais da rede pública de leitura, aos educadores e até aos próprios autores, que cada vez mais tentam chegar até ao seu público leitor.

Havendo ainda dúvidas, por parte de alguns setores da sociedade, quanto ao estatuto da literatura para crianças como objeto literário, não nos podemos esquecer de que esta, a par com a literatura para adultos, tem adquirido uma importância sem igual na transmissão de valores humanos, sociais e culturais, entre outros, tão presentes no quotidiano.

a. A legitimação da literatura para a infância e o conceito de infância

Do ponto de vista da crítica literária mais tradicional, esta tem dúvidas quanto ao estatuto da literatura para a infância dentro do sistema literário, relegando-a, muitas vezes, para zonas periféricas. Esta opção provém, entre outros aspetos, também da dúvida sobre a competência leitora da criança em relação a uma obra literária. Por um lado, temos autores que defendem que a leitura literária é efetuada pelos pais e responsáveis educativos, mediadores no processo, e que os valores e ideologias transmitidas pelas obras só podem chegar à criança quando explicadas pelos adultos. Por outro lado, temos a perspectiva de que a capacidade crítica das crianças aumenta quanto mais cedo contactarem com obras literárias adequadas à sua idade. Ainda que exista um debate sobre a validação da literatura para a infância, segundo a perspectiva de Even-Zohar, “o sistema literário é fluído e

permite, dentro de alguns condicionalismos, (...) movimentos de descanonização dos textos, em resultado das modificações sociais, culturais e estéticas” (*apud* Ramos, 2012, p. 15). Assim, seguindo a perspetiva de Aguiar e Silva, que refere “a literatura enquanto sistema foi e continua a ser um sistema aberto” (1988, 31), podemos perceber a literatura como um sistema em mudança, cuja abertura se tem manifestado nas transformações evidentes que tem sofrido ao longo dos tempos.

Assim, ultrapassada a questão da legitimação deste sistema literário, este conhece um lugar significativo no panorama literário e editorial. Podemos fazer a distinção direta entre literatura para a infância e o conhecido cânone literário, devido ao público a que se dirige, sendo que a primeira se destina preferencialmente a crianças que se encontram num processo evolutivo de formação como leitores. No que toca às suas vertentes, podemos sistematizar a especificidade da literatura para a infância, com base na articulação equilibrada das dimensões educativa, lúdica e estética (Ramos, 2012, 17).

Segundo, Ana Margarida Ramos (*ibidem*), o que distingue uma obra literária para a infância de qualidade é a forma como ela integra a vertente estética (artística) com a formativa. Ramos (*ibidem*) defende que a literatura para a infância deve convidar à reflexão, assim como estimular a sensibilidade para diferentes temas que compõem o espectro dos interesses infantis. É, neste sentido, que a exigência da escrita para crianças se revela, fazendo com que, muitas vezes, este universo literário seja também apreciado por adultos. Este reconhecimento da literatura para a infância como integrando o sistema literário tem-se feito, nas últimas décadas, graças ao trabalho de estudiosos que tentam perceber as várias vertentes que este universo integra e a evolução que tem conhecido ao nível dos temas tratados e do estilo e registos, entre outros.

Em termos históricos, presenciamos uma evolução clara da literatura aquando da divulgação da imprensa, que permitiu que as classes mais desfavorecidas tivessem acesso aos livros e à leitura. Com isto, não só o público leitor mudou mas também os autores e os assuntos tratados. Nesta altura, por ainda não se fazer uma distinção entre crianças e adultos e também por não existir um conceito de infância, não existia a distinção entre livros para adultos e para crianças. A criança não era vista como uma criança nos termos que hoje se conhece, sendo vista como um “adulto em miniatura” (Rodrigues, 2008, 30) e, por isso, sem necessidades diferenciadas dos adultos. Até aqui a vida era muito idêntica

para todas as idades, as crianças trabalhavam, assim como os adultos, e as mais nobres acabavam por ter uma vida idêntica aos seus pais e familiares:

Durante a Idade Média, antes da escolarização das crianças, estas e os adultos compartilhavam os mesmos lugares e situações, fossem eles domésticos, de trabalho ou de festa. Na sociedade medieval não havia a divisão territorial e de atividades em função da idade dos indivíduos, não havia o sentimento de infância ou uma representação elaborada dessa fase da vida (Nascimento, Brancher e Oliveira, 2008, p.6).

Desde sempre, o livro, na perspetiva infantil, estava ligado à educação como ferramenta pedagógica e parte essencial do ensino. Deste modo, a leitura como forma de entretenimento e diversão não estava sequer ligada à literatura para crianças. As poucas obras existentes eram sobretudo fábulas, relatos de viagens, cartilhas para aprendizagem, literatura de cordel, entre outras, a maioria das quais em registos tipicamente populares que estavam ligados à tradição da literatura oral (Rodrigues, 2008, 30). Fora de Portugal, a literatura para a infância começou a tomar o seu caminho através de autores como La Fontaine ou Charles Perrault. Em Portugal, só a partir do século XIX é que começou a existir o interesse em estudar a infância e perceber as diferenças e o porquê de as crianças serem seres distintos e com necessidades diferentes das dos adultos. Neste sentido, os contos populares tiveram uma importância elevada no começo da literatura para crianças em Portugal (*ibidem*). A partir deste ponto, e percebendo que as crianças requeriam outro tipo de textos literários, os livros para crianças começaram a aumentar, em quantidade e em qualidade, assim como a oferta dos temas tratados, tornando possível a leitura por prazer – e não só com fins escolares e didáticos – por parte das crianças. Contudo, é no século XX, o chamado “século da criança” (*ibidem*) que se dá um crescimento no volume de edições. Esta situação decorreu de uma mudança cultural, de mentalidades e também escolar. Segundo Rodrigues (2010: 31), é nas últimas décadas do séc. XX que a literatura para a infância toma uma importância até aqui inexistente, em Portugal, com “a renovação das bibliotecas escolares; a criação da disciplina de Literatura para a Infância, nos cursos de formação inicial de educadores de infância e de professores do Ensino Básico, nas escolas do Magistério Primário e, mais tarde, nas Escolas Superiores de Educação”, com a publicação de obras, “como é o caso das publicações de Maria Laura Bettencourt Pires,

com a sua *História da Literatura Infantil em Portugal* (1983), assim como Natércia Rocha, com uma *Breve História da Literatura para Crianças em Portugal* (1984)”.
.

4. Caracterização da literatura para a infância

A literatura para a infância é hoje alvo de seminários, palestras e tem já um papel importante dentro das instituições de ensino, sendo cada vez mais alvo de investigação, o que lhe legitima reconhecimento como pertencendo ao universo literário.

No mundo atual, cada vez mais virado para as questões tecnológicas, onde grande parte do universo editorial se transportou para uma realidade virtual, o mercado do livro para a infância continua a ter um lugar importante no desenvolvimento das crianças e ocupa cada vez mais estantes das livrarias portuguesas. É, portanto, um mercado em expansão numa era voltada para os suportes digitais.

A literatura para a infância ocupa, hoje em dia, um lugar importante nas estantes das livrarias, sendo um objeto precioso no crescimento das crianças como seres mais despertos e sensíveis à realidade envolvente. Assim, os temas tratados são cada vez mais contemporâneos, numa sociedade cada vez mais desenvolvida, sendo importante desmistificar temas como o preconceito, mas continuar a abordar as relações familiares, os afetos, a busca de identidade. Neste sentido, os temas têm ligação direta ao quotidiano de forma a existir uma identificação direta da criança com a narrativa. Desta forma, podemos falar de dois tipos de público, ao contrário do que se podia pensar, quando falamos da literatura para a infância. Assim, Sandra Beckett (*apud* Ramos, 2010, 54), investigadora deste tema, defende a “dualidade” de públicos, apercebendo-se de que este universo abrange não só crianças mas também adultos, quebrando barreiras que à partida estariam estabelecidas. Segundo Isabel Minhós Martins, da editora Planeta Tangerina, “são muitos os adultos que compram os livros da Planeta Tangerina (e outros do género) para consumo próprio” (Silva, 2014, 9). Segundo o editor Francisco Vaz da Silva, da Bags of Books, “tem havido um desenvolvimento muito grande nesta área e não há só um público infantil, mas também um público adulto que compra livro ilustrado e que se interessa” (*Diário Digital*).

A literatura para a infância segue os padrões da literatura atual, caracterizando-se, por isso, pela diversidade de temas e géneros, o que facilita a entrada de novos leitores. (Ramos, 2010, 55). O interesse pela literatura para a infância é, por isso, crescente, chegando a um público abrangente e a um leque variado de leitores.

a. A literatura para a infância na atualidade

Nos últimos tempos, assistimos a um grande aumento do interesse por parte dos estudiosos em relação à literatura para a infância, estabelecendo termos de comparação com as obras consideradas clássicas e organizando a sua evolução de forma a estabelecer marcos históricos. O que permite a uma obra integrar um cânone literário são fatores como a “seletividade”, “escolhendo” obras de autores que de alguma forma caracterizam e definem uma cultura literária, “a continuidade”, a permanência dos textos e obras ao longo dos séculos e a “formatividade”, que contempla a intenção pedagógica das mesmas, através da perpetuação de “valores, ideologias e estilos” (Ramos, 2012, 19). Nos últimos anos, são muitos os autores, géneros e temas que têm integrado o *corpus* dos textos de referência. São várias as razões que levam a um aumento significativo de publicações, e nem todas se prendem com o ponto de vista literário.

Não podemos deixar de referir o desenvolvimento da tecnologia e o impacto que esta tem na produção de livros de qualidade, no que toca especialmente à parte estética e ilustrativa da obra, mas também a valorização social da importância da leitura na infância, com o desenvolvimento das bibliotecas escolares e com a instituição do Plano Nacional de Leitura (*ibidem*). A criação e o aparecimento de casas editoriais especializadas neste segmento de mercado fez com que o volume de publicações aumentasse e confirmou a existência de um público interessado neste mercado.

No que toca aos autores, nos últimos tempos, houve uma consolidação respeitante ao trabalho de muitos deles na área, tendo-se assistido, igualmente, ao aparecimento de autores que não haviam ainda escrito para crianças ou até de novos autores a publicar as suas primeiras obras. Os prémios literários representam um impulso muito grande e importante para o lançamento de novos autores e para a filtragem de novos conteúdos a publicar. No que toca a autores com uma obra complexa e extensa na área, temos nomes como Matilde Rosa Araújo, António Torrado, Luísa Ducla Soares, Alice Vieira. Por outro lado, Rita Taborda Duarte, Eugénio Roda, Afonso Cruz são alguns dos novos autores que sobressaem no panorama literário infantil dos últimos anos. Curiosamente, nomes como José Saramago, Mia Couto, Ondjaki, José Eduardo Agualusa, autores que habitualmente publicam noutras áreas literárias, publicaram, também, para a infância (*ibidem*).

Em relação aos gêneros que conhecem maior protagonismo na literatura para a infância, são os textos narrativos, como os contos, a novela e o romance, no que toca ao segmento juvenil, e o álbum. No setor juvenil, destacam-se as obras de Alice Vieira, Ana Saldanha e Álvaro Magalhães, estas últimas num género mais fantasioso (*ibidem*).

Segundo a apreciação crítica que Ana Margarida Ramos faz da obra de Ana Saldanha - autora de romances e novelas – ela caracteriza-se por recriar “comportamentos sexuais desviantes”, a busca de identidade, os obstáculos que surgem durante o crescimento, além de questões que dizem respeito às ligações familiares e aos afetos. No que toca à escrita de contos infantis, destaque-se Rita Taborda Duarte, Afonso Cruz e David Machado. A primeira, com um tom “original”, foca-se nas relações familiares, usando humor e levantando questões, desmistificando preconceitos existentes. Já David Machado conjuga aspetos da vida real com o lado fantasioso, possibilitando a criação de novas perspectivas de abordagem às temáticas. Afonso Cruz, por seu turno, questiona o mundo ao seu redor, fazendo com que o leitor partilhe as mesmas questões, colocando pontos de interrogação relativamente aos acontecimentos e levando o leitor a “embarcar numa aventura” que é a própria leitura e interpretação. No que toca ao álbum, este tem vindo a ocupar um importante espaço no universo editorial infantil/juvenil. Neste segmento editorial, percebemos que se trata de um formato distinto do habitual, onde a imagem e o texto se conjugam de forma harmoniosa para narrar uma história. O álbum está sobretudo indicado para pequenos leitores, devido ao reduzido número de páginas, à interação fácil feita por meio de imagens e ilustrações e à sua impressão rica em cores e objetos de interesse, mas a verdade é que o leque de leitores pode ser muito amplo. O álbum permite aos leitores o desenvolvimento de capacidades como a da observação, da interpretação, “associação de ideias”, “antecipação de possibilidades”, entre outras. Nesta área, a Planeta Tangerina desempenha um papel inovador e que conta com vários prémios – nacionais e internacionais – e traduções. Também não podemos deixar de nomear o texto poético, que tem vindo a ser alvo de consideração através da publicação de várias obras e coletâneas (*ibidem*).

No que toca aos gêneros e temas abordados, a literatura para a infância não sofreu grandes modificações, para além da atenção aos assuntos atuais, específicos da sociedade contemporânea e que requerem uma especial atenção nos dias de hoje como “os problemas ambientais e a ecologia, o multiculturalismo e a interculturalidade, o racismo e a

xenofobia, a guerra e a violência, o sofrimento ou a sexualidade, episódios históricos controversos e questões políticas” (*ibidem*). A tradição oral continua presente nas publicações atuais através de adaptações elaboradas por autores como António Torrado ou Alice Vieira, em coleções que revisitam e recriam a herança tradicional. A fantasia continua a ser uma tendência em livros que recriam novos mundos e onde se reinventa a realidade. Quanto ao realismo, assistimos à reflexão sobre a realidade atual, onde se convida à filosofia e à “introspeção”, para além do tratamento de questões ligadas aos afetos, aos universos familiares e às vivências quotidianas. Os temas ligados aos animais e à natureza mantêm-se. O discurso distingue-se quando é inovador e criativo mas mantém intenções pedagógicas, para além de recorrer a jogos de palavras e ao humor. As narrativas tendem para finais felizes, tal como a tradição oral nos habituou (*ibidem*).

Uma questão cada vez mais relevante é a ilustração e o *boom* criativo a que assistimos atualmente neste elemento do universo editorial. Com o aparecimento de novos nomes no mundo da ilustração, esta tem vindo a desenvolver, nos últimos tempos, uma importância inegável na edição e publicação de novas obras. Neste sentido, os prémios de ilustração têm sido uma rampa de lançamento para novos ilustradores. Em Portugal temos o Prémio Nacional de Ilustração, desde 1996, atribuído pela Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas e que já beneficiou ilustradores como João Caetano, Manuela Bacelar, Danuta Wojciechowska, Gémeo Luís, André Letria. Para além dos nomes referidos anteriormente, há ilustradores que merecem especial destaque devido ao trabalho de qualidade que têm desenvolvido, como Catarina Sobral, Yara Kono, Marta Madureira, Afonso Cruz, Inês Oliveira. Desta forma, a presença em feiras, como é caso da Feira do Livro Infantil de Bolonha, é muito importante para que haja uma divulgação da ilustração e das obras publicadas ao nível nacional e reconhecimento dos autores e criadores. Desta forma, destacamos Catarina Sobral, vencedora do prémio atribuído pela Feira do Livro de Bolonha, em março de 2014, – prémio internacional de ilustração para jovens com menos de 35 anos – e que lhe atribuiu um reconhecimento invejável. Desta forma, a ilustração portuguesa ganhou um protagonismo que até então não conhecia. Catarina Sobral admite que o prémio foi muito importante e que teve impacto nas vendas de direitos a editoras estrangeiras, sem esquecer a sua internacionalização como autora e criadora. A editora dos livros de Catarina Sobral, Orfeu Mini, cuja responsável é Carla Oliveira, refere que este prémio se reflete nas vendas dos livros desta ilustradora nas livrarias e que há interesse por

parte de editoras estrangeiras na publicação dos seus livros noutros países (Silva, 2014: 18).

De forma geral, a ilustração ocupa, hoje em dia, um lugar de destaque nas livrarias e no enriquecimento das obras. O interesse por parte do leitor nas ilustrações e na qualidade das mesmas é maior, assim como por parte dos críticos, cada vez mais atentos:

“Um bom livro ilustrado estimula perceptiva e intelectualmente o leitor, sem conivência com a preguiça. [...] Um bom livro ilustrado respeita o leitor: respeitar é desafiar, é enriquecer a interpretação, é apelar aos sentidos, à visão, ao tacto. O que é essencial num livro ilustrado é a orquestração do todo em si mesma, a relação entre texto, ilustração, design, qualidade dos materiais e da impressão.” (*apud* Pimenta, 2014)

Desta forma, a ilustração ocupa, assim, um lugar cada vez relevante nas páginas dos livros, e também nos paratextos, como as capas e contracapas. A ilustração serve de primeiro “isco”, até porque, em muitos casos, é fator relevante para a aquisição do livro nas livrarias. Numa altura onde nos apercebemos da grande oferta existente, assim que entramos numa livraria, o livro tem de se destacar e esta poderá ser uma forma para a conclusão desse objetivo. A ilustração pode estar presente de formas muito variadas, mas promove quase sempre uma forte interação entre a criança e o livro, facilitando a forma como a criança explora a narrativa e a maneira como a criança retira prazer do livro como objeto, como é o caso dos livros *pop-up*, por exemplo:

“Entendida sobretudo como um produto estético, tanto ao nível do texto como das ilustrações, a literatura para a infância conquista paulatinamente uma legitimidade no sistema literário, deixando de estar subjugada à dimensão pedagógica e /ou moralizadora ou, pelo contrário, de ser vista como um mero entretenimento lúdico da criança.” (Ramos, 2010: 38)

A ilustração portuguesa encontra-se, de momento, num processo de internacionalização devido aos vários prémios arrecadados e à atenção que o resto do mundo tem focada em Portugal e no que por cá se faz. Neste sentido, podemos também referir, indo para além da ilustração, o prémio que a editora Planeta Tangerina ganhou, em 2013, para melhor editora europeia do ano no segmento infantil e que possibilitou um aumento ligeiro do volume de negócios mas, muito principalmente, um acréscimo das

vendas de direitos para o estrangeiro que já representa “40% do total de faturação”. Isabel Minhós Martins afirma que este crescimento se deve maioritariamente à qualidade das ilustrações portuguesas e que, por oposição, os textos não revelam a mesma qualidade. Porém, ao falarmos de crescimento, este não acompanha as vendas nas livrarias, que se mantêm estagnadas. Tanto a editora Planeta Tangerina como a Orfeu Mini e a editora Bruaá partilham da mesma visão, o que faz com que publiquem poucos livros por ano por se encontrarem todas em período de contenção. Neste sentido, as grandes empresas editoriais também se viram forçadas a reduzir o número de publicações e a aposta em novidades. Porém, segundo a visão de Miguel Gouveia, esta situação foi frutífera, pois permitiu um escoamento ao nível da qualidade das publicações: apesar de a oferta ser menor, a qualidade aumentou o que faz todo o sentido, pois uma empresa, ao ter que investir numa publicação, faz uma reflexão mais ponderada e terá diferentes parâmetros em conta que até aqui não teriam sido tão importantes.

Do ponto de vista livreiro, a Livraria Bertrand afirma que este segmento ocupa atualmente um lugar de importância nas suas vendas representando o segundo lugar nas suas preferências devido ao “crescimento sustentado” e à oferta “diversificada”, originadas através de programas de leitura, como por exemplo o Plano Nacional de Leitura. Eva Mejuto, da editora OQO, refere que “no mercado português [...] nos últimos tempos nota-se uma reativação no mercado, com projetos novos que estão a chegar com grande frescura, com propostas próprias [...] Ao mesmo tempo que se produziu uma enorme concentração editorial em grandes grupos, nasceram pequenas editoras com apostas arriscadas e atrativas [...]” (Portal Galego da Língua, 2011).

b. Editoras a publicar para a infância

De forma a conseguirmos caracterizar o panorama editorial atual da literatura para a infância, parece-nos oportuno enumerar as editoras que se dedicam à publicação de obras para a infância, fazer uma breve análise de cada uma delas de modo a perceber de que forma se inserem no mercado atual. Iremos, de forma geral, falar das pequenas editoras, das pequenas empresas que se dedicam apenas a esse nicho de mercado mas também perceber de que forma é que os grandes grupos estão presentes neste segmento de mercado literário.

Esta análise inicia-se caracterizando as editoras com sede na Galiza e que estão há algum tempo presentes também em Portugal e a publicar em língua portuguesa, como a Kalandraka e a OQO editora.

A Kalandraka publica em Portugal desde abril de 2002, concentrando-se, essencialmente, em adaptações de contos tradicionais, clássicos da literatura infantil, obras de produção própria e promoção de novos autores e ilustradores. Em 2012, foi-lhe atribuído um importante prémio pelo Ministério da Educação, Cultura e Desporto de Espanha, tendo sido a primeira casa editorial de literatura infantojuvenil a receber este prémio – “Premio Naconal a la Mejor Labor Editorial” – sendo a qualidade dos textos e das ilustrações um dos motivos da atribuição deste prémio. A editora foi ainda elogiada por ser uma referência não só em Espanha mas também no estrangeiro. No presente ano de 2014, a Kalandraka leva a cabo um projeto de publicação da obra de Maurice Sendak, famoso autor americano do livro *Where the Wild Things Are* (*Onde vivem os monstros*, na tradução portuguesa publicada pela primeira vez em 2009), um conjunto significativo de livros que tinham sido descatalogados ou estavam completamente inéditos. Neste sentido, conseguimos perceber que existe uma preocupação com a publicação de narrativas de qualidade com vista a torná-las intemporais e acessíveis a todos.

A OQO editora aposta no conteúdo artístico, com o objetivo de possibilitar um novo olhar às crianças sobre o mundo que as rodeia estimulando a sua imaginação. Eva Mejuto, responsável pela editora, defende que, desde o início da sua presença em Portugal, houve um interesse em trabalhar com autores e ilustradores portugueses e descobrir novos talentos (Portal Galego da Língua, 2011). Esta editora dedica-se principalmente ao álbum ilustrado de produção própria.

Quando pensamos no panorama editorial português, há editoras que de imediato surgem no nosso pensamento por ocuparem um lugar importante nas estantes das livrarias e pelo foco de protagonismo a que têm estado sujeitas devido aos prémios arrecadados nos últimos anos. É o que acontece sobretudo com a Planeta Tangerina, mas existem outras casas editoriais de referência, como a Bags of Books, a Gatafunho, a Tcharan, Edições Eterogémeas, Gato na Lua, entre outras.

A editora Tcharan foi fundada no final do ano de 2010 e publicou o seu primeiro livro em novembro do ano seguinte, *A Crocodila Mandona*, que foi distinguido com uma menção especial no Prémio Nacional de Ilustração desse ano. Adélia Ferreira, uma das

responsáveis pelo projeto, refere que um dos caminhos para o sucesso é o conhecimento do seu público leitor – neste caso as crianças. Defende que as crianças não querem livros “pedagógicos” mas sim livros com “ritmo, apelo à imaginação e disparate”. Esta editora aposta numa identidade gráfica que seja reconhecida ao longo das obras publicadas, mas não rejeita a publicação de novos autores e ilustradores desde que estes vão ao encontro dos objetivos da editora (Jornalismo Porto Net). Esta editora “vive” dentro de uma livraria no Porto, a Papa-Livros, dedicada exclusivamente à venda de livros para a infância. A Tcharan também se dedica à exportação de livros para o estrangeiro e à venda de direitos das suas publicações havendo, nesta altura, negociações com Brasil, Israel, Coreia e Colômbia.

A Gato na Lua surgiu em 2011 e é especializada em álbuns ilustrados para um público entre os 3 e os 10 anos de idade. Esta editora surgiu pelas mãos de Paulo Monteiro após findar a sua colaboração de 18 anos com a já não existente editora Ambar. Através dos seus livros, a Gato na Lua pretende criar livros divertidos sem deixarem de ser também educativos. Centra-se essencialmente no trabalho de autores premiados ou reconhecidos internacionalmente e considera isso uma mais-valia, pois aposta na multiculturalidade dos autores que, conseqüentemente, possuem uma diversidade imensa de perspetivas culturais. Neste sentido, a editora considera esta questão como uma contribuição positiva para as crianças, pois, por via da literatura, têm acesso à diversidade cultural e aos valores universais. Não é por acaso que a primeira publicação desta editora foi da autoria de Kazuaki Yamada, um autor japonês. O catálogo da Gato na Lua tem a presença de várias nacionalidades, como é o caso da Grécia, Inglaterra, França, Itália, Suíça, Egito, Estados Unidos e Japão (*Novos Livros*).

A editora Planeta Tangerina já conta com um grande reconhecimento no mercado editorial português tendo sido reconhecida, no ano de 2013 como a melhor editora europeia num prémio atribuído pela Feira do Livro Infantil de Bolonha. Isabel Minhós Martins defende que os livros Planeta Tangerina devem ser um “elo entre pais e filhos” não sendo, por isso, exclusivos das crianças. Em declarações ao jornal *Público*, Isabel Minhós Martins referiu que uma das principais preocupações na publicação das suas obras é que o texto e a imagem entrem em consonância e não se sobreponham ao nível da importância que cada um ocupa e que se harmonizem entre os dois. Como foi referido anteriormente, a maior fatia de faturação pertence à venda de direitos, pelo que conta já com títulos publicados em

inglês, italiano, francês, coreano e norueguês, entre outras línguas. A ilustração ocupa um lugar importante nos critérios em que a editora assenta, e na publicação dos seus trabalhos, pois acreditam tornar os livros mais atrativos para os leitores.

A Bags of Books é uma editora aveirense, que se dedica ao livro ilustrado para “todos os que trazem uma criança dentro de si”. Assenta num critério de escolha que prima pela qualidade e diversidade no sentido gráfico e da escrita, tentando divulgar novos autores, recolher obras de qualidade com o objetivo de difundir o melhor do que se publica na literatura para a infância. Um dos motes centrais da editora assenta na divulgação de autores de várias nacionalidades, para assim difundir culturas variadas. Existe uma preocupação primordial com os valores e ideais transmitidos nas narrativas que publicam, com vista a que os direitos humanos e das crianças sejam apoiados e respeitados. Como prova disto são os autores que o seu catálogo contempla, de várias nacionalidades, como a italiana (Beatrice Alemagna), americana (Tomi Ungerer), mexicana (Gabriel Pacheco), espanhola (Antonio Ventura), chilena (Loreto Salinas), portuguesa (João Vaz de Carvalho), entre outras.

A Gatafunho é uma editora e uma livraria ao mesmo tempo, sediada em Lisboa e dirigida por Ana Paula Faria. Dedicase em grande parte à edição de álbuns. Criaram o seu próprio ponto de venda para poderem estar do outro lado do negócio mas também para poderem dar aos seus livros o protagonismo que não lhes é atribuído noutras livrarias. Pretendem apostar em autores e ilustradores portugueses com histórias ricas e de qualidade (Revista *Pública*, 2012).

A editora Pato Lógico, de André Letria, aposta em livros que interajam com as crianças, brincando com o formato e tirando proveito do livro como objeto que cria relações e desenvolve empatia física com quem lhe mexe. Aposta em autores portugueses, como valter hugo mãe, José Jorge Letria, Afonso Cruz, e ilustradores como Catarina Sobral, André da Loba e o próprio André Letria. Recentemente, em parceria com a Imprensa Nacional Casa da Moeda, publicou uma coleção em que cada livro corresponde a uma personalidade importante da História de Portugal, propondo uma nova abordagem desta temática.

A Orfeu Negro, de Carla Oliveira, nasceu em 2007 e dedica-se à publicação de ensaios e de trabalhos documentais, com uma veia para as artes contemporâneas como a dança, o cinema, a arquitetura, o teatro e a fotografia. Um ano depois da sua criação, em

outubro de 2008, foi fundada a Orfeu Mini, uma chancela exclusiva da literatura para a infância, na qual se destaca um premiado livro, ilustrado por Catarina Sobral, *Achimpa*, que ganhou o prémio de Melhor livro infantojuvenil atribuído pela Sociedade Portuguesa de Autores. A Orfeu Mini dedica-se aos álbuns ilustrados que se destacam pelo *design* gráfico e transmitem a preocupação que a editora tem pelo livro como objeto. No caso de *O Livro Inclinado*, de Peter Newell (2009), a primeira publicação da Orfeu Mini, há uma consonância com os materiais usados para que o livro com vertente de objeto faça parte da narrativa e vice-versa.

A Trinta Por uma Linha foi fundada em 2007, é um projeto ligado a publicações para a infância, desde projetos literários, estudos críticos, estudos sobre educação, formação literária, promoção da leitura, unindo a parte cultural e estética, de forma a promover, de forma inovadora, a criatividade. Apresenta-se como tendo a missão de combater a literacia tendo em especial cuidado os conteúdos que aborda. Possui três chancelas que são a Trinta Por Uma Linha, a Tropelias & Companhia e a WhyNotBooks.

A Edições Eterogémeas, foi fundada por Luís Mendonça, mais conhecido no meio artístico por Gémeo Luís. É professor, *designer*, escultor, porém é especialmente conhecido pela vertente de ilustrador, na qual utiliza diferentes técnicas e materiais, sobretudo o recorte do papel com o bisturi, que confere aos seus trabalhos uma originalidade e características muito próprias. A editora que fundou assume uma linha editorial estritamente ligada ao álbum ilustrado e ao livro artístico e é onde Gémeo Luís assina com frequência a maioria das obras publicadas. Porém, autores como João Pedro Mésseder, Eugénio Roda, valter hugo mãe, Álvaro Siza Vieira, Matilde Rosa Araújo, entre outros, já integram o catálogo desta editora.

Neste contexto parece-nos ainda importante referir duas editoras que se destacam pela qualidade dos seus trabalhos e publicações: a Lobobom e a Bichinho do Conto. São duas editoras a trabalhar para a infância, mas que apresentam um ritmo de edição muito pontual, com cerca de três a quatro livros no seu catálogo. Estas editoras podem definir-se como editoras que entram e saem do mercado, consoante as publicações que fazem e os projetos que desenvolvem. Podemos, assim, perceber, um carácter volátil no mercado editorial para a infância, que permite que exista a inclusão de novos projetos, não só pela rapidez do ritmo editorial mas também pela facilidade em moldar-se a novos conceitos e projetos.

c. Análise das Publicações

Iremos agora fazer uma análise geral da evolução pela qual tem passado a edição para a infância, no sentido de percebermos as mudanças que tem vivido, assim como tentaremos caracterizar sucintamente os principais temas abordados, os géneros predominantes e os formatos utilizados. Sendo os catálogos das editoras o espelho do seu trabalho, reflexo dos projetos que editam e da sua linha editorial, é muito importante percebermos em que bases assentam. Esta análise é feita de forma a percebermos o que se edita em Portugal, permitindo identificar a existência de alguma unidade ou se, pelo contrário, existe uma diversidade muito grande da oferta.

Nos últimos tempos, devido ao grande desenvolvimento da literatura para a infância, não só em Portugal mas no mundo, às tecnologias de impressão, aos custos de produção mais baixos, ou até ao surgimento do Plano Nacional de Leitura, temos assistido a um crescimento deste segmento da edição. Neste contexto, e como já foi anteriormente mencionado, o surgimento de novas editoras a publicar para o público infantil e juvenil foi inevitável. Assim, referimo-nos não só às pequenas novas empresas mas também à manutenção da aposta por parte dos grandes grupos editoriais neste segmento de mercado que tanto enriquecem as suas coleções com obras de autores portugueses como traduzem novas obras e clássicos.

Veja-se, por exemplo, o caso da Editorial Caminho, a ilustrar a aposta que os grandes grupos editoriais têm feito na publicação de autores portugueses e/ou lusófonos para enriquecer os seus catálogos, com a republicação de *A Maior Flor do Mundo* (2013), de José Saramago, agora ilustrado por André Letria, e do autor lusófono Mia Couto, com *O Menino no Sapatinho* (2013), com ilustrações de Danuta Wojciechowska, para além da publicação de obras de Afonso Cruz, Rita Taborda Duarte, Alice Vieira ou João Pedro Mésseder.

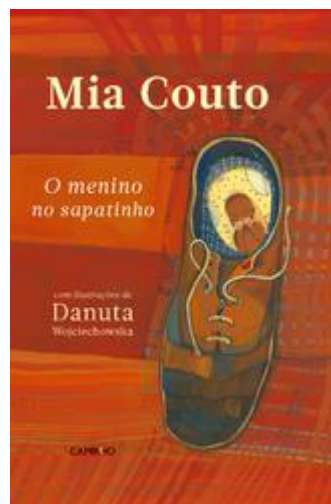


Imagem 1- *A Maior Flor do Mundo* (2013) e *O Menino no Sapatinho* (2013) (Editorial Caminho)

Os exemplos acima mencionados – José Saramago e Mia Couto – pertencem ao grupo dos autores que não se dedicam exclusiva ou preferencialmente à escrita para a infância, porém, esta tendência tem vindo a alterar-se, com a inclusão nos catálogos de novos autores neste universo, como Afonso Cruz, Valter Hugo Mãe, José Eduardo Agualusa, entre muitos outros.

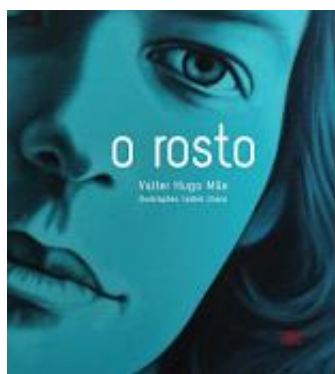


Imagem 2- *Assim Mas Sem Ser Assim* (2013) editado pela Caminho, *O Rosto* (2010), *As Mais Belas Coisas do Mundo* (2010), editados pela Alfaguara, e *Nweti e o Mar* (2011) publicado pela Dom Quixote

Afonso Cruz publicou, na Editorial Caminho, *Assim Mas Sem Ser Assim* (2013), e Valter Hugo Mãe deu à estampa *O Rosto* (2010) e *As Mais Belas Coisas do Mundo* (2010) na Alfaguara. Finalmente José Eduardo Agualusa editou, pela Dom Quixote, *Nweti e o Mar* (2011), por exemplo. Como podemos perceber, temos, neste breve exemplo, três editoras distintas a publicar autores que normalmente não publicam para estas idades.

Quanto aos géneros, os mais publicados continuam a ser os narrativos, com

destaque para o conto, que tanto pode aparecer isolado ou incluído em coletâneas. Como exemplo de uma editora a publicar contos, temos a Kalandraka, editora galega presente em Portugal, que tem na publicação de narrativas breves e de álbuns um dos “alicerces do seu trabalho” estando esta editora “intimamente ligada à transmissão oral do conto” com a recolha de contos tradicionais de todo o mundo (Fernandes, 2013, p. 46).



Imagem 3- Exemplo de publicações pertencentes à coleção “Contos Tradicionais” da Kalandraka

O álbum também é um género que conquista cada vez mais o mercado editorial. Num álbum ilustrado, é comum a pouca presença de texto e a predominância de ilustrações que se implicam na história, formando um diálogo combinado entre as duas linguagens presentes no livro. Atualmente temos muitas editoras a publicar neste segmento, com especial destaque para a Planeta Tangerina, fundada em 1999, que produz álbuns ilustrados de raiz, já tendo sido premiada como a melhor editora infantojuvenil europeia no ano 2013 — galardão atribuído durante a feira de Bolonha, o Prémio BOP (“Bologna Prize for the Best Children Publisher”). O exemplo que se segue é uma das mais recentes publicações da editora. Trata-se de *Com o Tempo* (2014), um álbum com texto de Isabel Minhós Martins e ilustrações de Madalena Matoso, ilustrando todas as potencialidades sígnicas deste tipo de publicações.



Imagem 4 - Exemplo de álbum ilustrado publicado pela Planeta Tangerina

Para além da Planeta Tangerina, temos ainda a Gatafunho e a Orfeu Negro como exemplos de pequenas editoras a publicar álbuns ilustrados. Nos grandes grupos, tal opção também está presente em editoras como a Assírio & Alvim, a Alfabeta, a Presença, a

Caminho, entre outras. Pode dizer-se que o álbum ilustrado moderno teve o seu início a partir de meados do séc. XX, com o aumento da produção de livros infantis e aquando da publicação, em 1963, do livro *Onde Vivem os Monstros* de Maurice Sendak:

“No último terço do séc. XX a produção de livros infantis aumenta exponencialmente, sendo nesta altura editado o título que, sem dúvida, marcou a passagem para o panorama contemporâneo do género em estudo [álbum ilustrado].” (Ferreira, 2013, p. 12)



Imagem 5- Exemplos de álbuns ilustrados editados pela Gatafunho – *Quando a Mãe Grita* (2006) e *O Meu Avô* (2014) pela Orfeu Negro

De forma a percebermos em que linhas se inserem as pequenas casas editoriais, é necessário analisarmos as suas apostas e o seu conceito editorial. Como já referimos anteriormente, estas pequenas empresas apenas subsistem desenvolvendo um conceito muito próprio de edição, respeitante a um nicho de mercado, que não é abrangido pelos grandes grupos editoriais. Neste contexto, destacamos a Trinta Por Uma Linha, editora fundada em 2007, e que se dedica exclusivamente à publicação de autores portugueses. No seu catálogo inclui várias coleções, nomeadamente duas de poesia, *Rimas Traquinas* e *Poesia Juvenil*, a primeira para um público mais novo e a segunda para o público, como o próprio nome indica, juvenil. A primeira conta, até ao momento, com dezasseis livros editados e a segunda com quatro. Face à escassa edição de poesia, esta é uma estratégia que marca a identidade e a diferença desta editora em relação à concorrência.

Para além destas duas coleções dedicadas à poesia, conta com a coleção *Oito Por Um Cordel*, dedicada a contos para uma faixa etária alargada, onde também dedica especial atenção à edição de álbuns ilustrados. A coleção *Adolescentes.com* aborda temáticas ligadas à adolescência, e o catálogo conta ainda com uma coleção *Contos e Narrativas*, Os

Tesouropatas, uma coleção constituída por livros que retratam as aventuras de um grupo de amigos, Ditos Impopulares, uma coleção que recria lenga lengas e ditos populares, dando-lhes uma nova roupagem.



Imagem 6- Livros pertencentes às coleções do catálogo da Trinta Por Uma Linha

Como podemos perceber, a Trinta Por Uma Linha atua num nicho de mercado muito próprio, caracterizado pelo relevo de autores portugueses e pelo cuidado com a qualidade, tanto narrativa como gráfica, destinado a diferentes tipos de públicos.

Ao tomarmos consciência do risco e do desafio que é trabalhar na publicação de livros para a infância, que já por si ocupa uma fatia pequena do mercado editorial, e ainda, restringindo-a, por opção, consideravelmente, trabalhando apenas com autores portugueses, verificamos tratar-se este de um projeto ambicioso, desafiante e muito arriscado. Porém, como podemos ver, a Trinta Por Uma Linha está em funcionamento há sete anos, com um célere ritmo de publicação, para além de realizar muitas atividades de promoção dos seus livros e autores em escolas e bibliotecas, escoando assim parte da sua produção.

Num outro contexto de publicação, mas ainda falando de pequenas empresas editoriais, temos a Bags of Books que se distancia totalmente do exemplo anterior no que à sua linha editorial diz respeito. Se, por um lado, o exemplo anterior se dedica à publicação de autores exclusivamente portugueses, o projeto editorial Bags of Books publica predominantemente autores estrangeiros, de diferentes nacionalidades e culturas, de forma a filtrar e divulgar o que de melhor se faz na edição para a infância no mundo.

Até ao momento, a Bags of Books conta com um catálogo pequeno, mas de

assinalável qualidade, que integra autores como Beatrice Alemagna (italiana), Tomi Ungerer (francês) e Beatrice Rodriguez (francesa), Susan Hanssen (americana), Loreto Salinas (chilena). De Beatrice Rodriguez conta com três livros que se inserem na coleção *Histórias sem Palavras*, ou seja, dedicada apenas a álbuns ilustrados sem texto.



Imagem 7- Alguns dos livros da Bags of Books

Ainda num contexto de diferenciação, destaquemos agora a editora *Pato Lógico*, fundada pelo ilustrador André Letria, que tem uma linha editorial muito própria, pois é uma editora que se dedica a livros apostando, muitas vezes, em formatos diferentes e conta já com algumas apostas na não-ficção. São livros para a infância que primam por ser originais, tanto nos formatos como nos temas que abordam.

Estrambólicos (2011) e *De Caras* (2011), de José Jorge Letria e ilustrações de André Letria, são dois livros que servem de bom exemplo para a questão dos diferentes formatos nos quais a *Pato Lógico* aposta, pois são livros que se constroem consoante o gosto e a vontade de cada leitor, explorando a divisão das páginas em tiras e as múltiplas possibilidade de recombinação desses segmentos que, quando conjugados entre si, formam uma nova imagem. São livros que funcionam como um jogo e dependem da interação com o leitor que é coconstrutor da “história”. Noutro formato diferente, mas igualmente inovador, a *Pato Lógico* tem *Destino* (2011) e *Incómodo* (2011), dois livros em formato desdobrável, sem palavras, apenas compostos por ilustrações e que contam uma história. Esta editora tem ainda aplicações para telemóvel inspiradas nalguns destes livros, o que permite que a história se prolongue para além do papel.

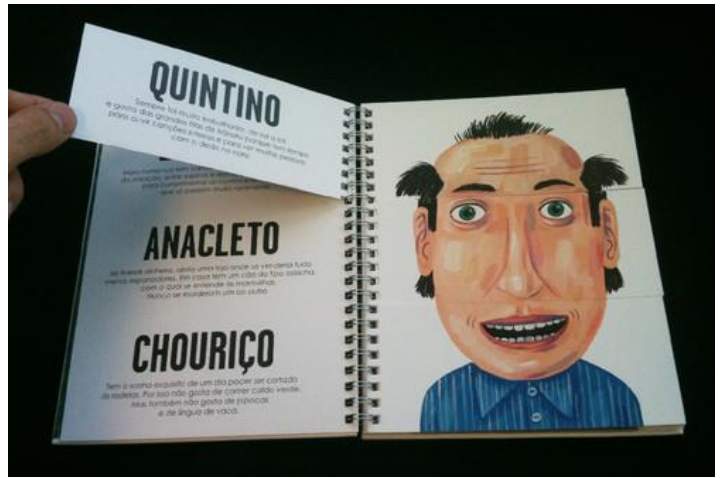


Imagem 8 - Exemplos dos diferentes formatos da Pato Lógico

5. O Caso da Bruaá

a. A editora

bru·a·á

(francês *brouhaha*)

substantivo masculino

Ruído de muitas vozes ou de muitos ruídos difusos. = Alarido, Algazarra, Assuada, Balbúrdia, Escarcéu, Tititi

(Dicionário Priberam da Língua Portuguesa)



Imagem 9- Logótipo da Editora

A editora Bruaá foi fundada no ano de 2008, na Figueira da Foz, por Cláudia Lopes e Miguel Gouveia, e entra no mercado editorial com uma política muito criteriosa na publicação dos seus títulos e na elaboração do seu catálogo, não só no que toca aos autores – que são de referência –, mas também aos ilustradores que fazem do seu trabalho parte indissociável da narrativa.

Miguel Gouveia era professor de inglês num colégio privado em Carcavelos e Cláudia Lopes *designer*, a trabalhar em Coimbra. Devido ao cansaço da rotina da vida de professor, começaram a pensar nalguma forma de poderem trabalhar juntos, num projeto de que ambos gostassem. Começaram, então, a pensar na criação de uma editora, onde Miguel Gouveia, com a sua dedicação e apreço pelos livros e Cláudia Lopes com os conhecimentos de *design*, se complementariam.

O livro de estreia no mercado foi *A Árvore Generosa* (1964), de Shel Silverstein, um clássico americano que, até à data, ainda não havia sido publicado em Portugal. A Bruaá entra assim no mercado editorial com o objetivo de divulgar e publicar autores e ilustradores de grande qualidade, opondo-se à tradicional publicação monótona e contínua de um mesmo autor. Neste sentido, a editora pretendia desobstruir o mercado, proporcionando alternativas e criando possibilidades a novos autores de se mostrarem aos leitores:

[Queremos] apostar em autores que nunca foram divulgados em Portugal. O

nosso mercado de literatura infanto-juvenil ainda é muito dominado por alguns nomes que publicam livro após livro, mas existem de certeza outros que não conseguem ter uma oportunidade. (Gouveia, 2008)

Desta forma, Miguel Gouveia e Cláudia Lopes apoiam-se no seu gosto pessoal para a escolha de novos títulos a publicar, fazendo com que esta editora consiga oferecer um novo leque de publicações, saindo do tradicional e já repetidamente editado em Portugal, obtendo assim um catálogo diversificado e alternativo.

No fundo, começou a criar-se aquela ideia de que há aqui um nicho por explorar com autores fantásticos, livros incríveis e ninguém está a fazer isso. Havia, uma das minhas referências ainda hoje, a Planeta Tangerina, mas é um projeto totalmente autónomo, com características muito próprias, mas a nível do livro estrangeiro traduzido não (...) ¹

No ano de lançamento da editora, em 2008, o objetivo seria publicar seis livros de autores estrangeiros e, mais tarde, publicar autores portugueses. Iniciaram-se com a distribuição em seis livrarias do país, mas, neste momento, já expandiram a sua distribuição e estão também presentes na livraria Bertrand e na FNAC. No que toca à distribuição, Miguel Gouveia explica que, desde a fundação da editora, quiseram ser eles próprios a tratar dessa questão. A distribuição de livros traz consigo uma situação pouco rentável para as empresas, sendo rotulada como o “monstro da edição”, pois é a parte mais dispendiosa e dificultada de todo o processo de edição. Quando falamos de ter uma empresa a fazer a distribuição dos livros para uma editora estamos a falar de margens de lucro de 60% para cima, situação que é muito complicada de conciliar numa pequena empresa, pondo em causa a sua própria sustentabilidade no mercado. Desta forma, a Bruuá optou por fazer a sua própria distribuição, desde o início, em 2008 com três livros, até ao presente momento, quando já conta com um catálogo com cerca de vinte livros. Para além da questão das margens de lucro da distribuição, Miguel Gouveia refere que não é produtivo para a empresa colocar os seus livros nas mãos de desconhecidos, sem saber como é que esses livros vão chegar às mãos dos livreiros e ainda como é que são apresentados nas livrarias. Afirma, ainda, que a visibilidade, se tivessem optado por uma distribuidora, podia ser muito maior, pois os canais de venda aumentariam substancialmente, porém, preferem não arriscar e continuar a tratar deste processo de

¹ Consultar anexo, Entrevista Editora Bruuá.

forma autónoma.

Na Bruaá existe uma tentativa de publicar livros de grande qualidade, existindo uma preocupação com clássicos – que podemos ver pela publicação de Shel Silverstein com um livro publicado pela primeira vez em 1964 – e pelas obras que em Portugal nunca foram dadas a conhecer, ou com a tentativa de as abordar numa outra perspetiva:

São livros que tentam alargar o espectro de escolha dos leitores, fugindo de algumas características comuns a uma produção massiva e, aparentemente, diversa, mas que se rege por modas e fórmulas mercantilistas. (Gouveia, 2011)

Após a decisão do texto que vão publicar, o processo de edição na Bruaá começa a desenrolar-se seguindo as etapas que dele fazem parte. No caso de a publicação a ser editada ser uma tradução, ou seja, quando compram os direitos a outros editores, este processo é um pouco mais curto e está, naturalmente, simplificado. Dessa forma, basta fazer a tradução do texto para português, recorrer a alguns ajustes gráficos e enviar o livro para a gráfica. Porém, fazer um original é um trabalho substancialmente maior, pois é um livro feito de raiz, em que tudo precisa de ser pensado e há vários fatores a jogar com o resultado final. Miguel Gouveia alerta para o facto de ter sempre outros projetos pensados caso alguma coisa, no projeto que pretendem fazer no momento, falhe. Após o texto escolhido e tratado, o que requiere muita pesquisa, procuram um ilustrador que acham que irá conseguir adaptar-se àquele projeto e fazer um trabalho que vá ao encontro do que têm pensado. Neste sentido, existe muitas vezes o inconveniente de o ilustrador escolhido ser muito requisitado e não conseguir cumprir prazos e deixar o projeto arrastar-se. Nestes casos, têm de fazer escolhas e optar pelo que consideram viável. Estas situações acabam por atrasar o trabalho e o ritmo de edição da editora. No ano anterior, fazem um plano daquilo que irão editar no ano seguinte, preparam as maquetes para poderem levar a Bolonha com uma ideia muito próxima do projeto final, de forma a averiguar se há editores interessados naquele trabalho. A conjugação da ilustração com o texto cabe a Cláudia Lopes, que combina tudo de forma a ter o projeto final pronto. Na impossibilidade de saberem se um livro venderá ou não, contactam alguns editores com quem já têm relação e mostram os seus projetos para recolher opiniões e pontos de vista.

Não existe, portanto, em exclusivo a visão comercial do que vende e do que segue os padrões e estereótipos atuais na edição da literatura para a infância, já que esta editora procura fazer propostas alternativas de modo a que o público encontre livros diferentes daqueles que os grandes grupos editam.

Nós sentimos que há muita ilustração que tem por trás uma máquina de *marketing* avassaladora e faz-nos crer que há uma moda, que são todos editados por grandes editoras que de repente são a coqueluche da edição mundial.²

Nesta perspetiva, Miguel Gouveia refere que sente pressão ao aperceber-se de que há livros que vendem mais do que os seus, ou porque têm um aspeto mais colorido ou porque aproveitam o sucesso de alguma personagem da moda. Refere-se à edição como uma máquina que precisa constantemente de novidades para poder faturar e é nesse sentido que entram os autores, de alguma forma, banalizados, que têm um ou dois títulos de qualidade mas que começam a cair num ritmo automático de escrita, apenas porque têm de produzir, devido aos contratos que têm com os seus editores. Esta situação satura o mercado e leva a que haja uma oferta muito grande e simultaneamente muito repetida. Perante esta oferta, o leitor vê-se incapaz de escolher e filtrar os títulos, uma vez que a maioria dos leitores entra numa livraria sem saber o que irá adquirir.

A máquina precisa de livros e tu tens de a alimentar. Os escritores são contratados por grandes editoras e têm que continuar a produzir, as ideias não aparecem todos os dias e têm que recorrer à caixinha das fórmulas.³

Neste mundo de grande oferta, e em que os autores começam a criar uma rotina de escrita, ao nível dos temas e da ilustração, apenas os bons leitores é que conseguem aperceber-se do *marketing* gerado à volta do que fazem, da publicidade, da escrita repetitiva, das abordagens que usam para cativar o leitor: “Leiam tudo, é isso que defende os leitores contra os maus escritores, é a nossa experiência.”⁴ Um autor não deve pensar no que o leitor irá interpretar a partir do que escreve, pois nesse ato retira toda a liberdade ao leitor de interpretar por si mesmo e de construir uma mensagem pessoal. Miguel Gouveia refere que quando, em 2008, iniciaram a atividade da Bruaá, reconheciam um ou dois nichos de mercado que ainda não tinham resposta, porém, atualmente não veem isso, pois está tudo preenchido devido à saturação de mercado existente e que se reflete nas estantes das livrarias.

Acho que se edita em demasia e não temos mercado para isto tudo mas como o mercado funciona à base da novidade e da faturação, tens de estar sempre a

² Consultar anexo, Entrevista Editora Bruaá.

³ Consultar anexo, Entrevista Editora Bruaá.

⁴ Consultar anexo, Entrevista Editora Bruaá.

debitar livros para entrar dinheiro.⁵

O editor alerta ainda para a urgência em abrandar o ritmo de edição para que se possa dar espaço aos autores para estes lerem muito do que já foi feito, refletirem sobre o que escrevem e perceberem realmente aquilo que estão a criar. Com esta saturação existente e com a constante vontade de criar, existe um mercado dominado pelas mesmas ideias, onde as coisas se repetem. Assim, há um défice no que toca à ideia chave da narrativa, àquilo que prende o leitor. Miguel Gouveia pensa que já se escreveu sobre tudo, porém refere que há novas abordagens a experimentar em vez de se cair na repetição dos mesmos lugares-comuns.

Neste sentido, por ter uma proposta editorial diferente, o seu público leitor é de largo espectro, podendo-se dizer que a literatura para a infância consegue chegar a todas as idades: os pais, por acompanharem as leituras dos filhos, e os familiares que, numa tentativa de oferecer livros de boa qualidade, acabam por se aproximar das histórias, das ilustrações e das mensagens inerentes às publicações:

Estamos a caminhar para um futuro em que propostas cada vez mais imaginativas e desafiadoras dos preconceitos face ao livro infantil, atenuarão distinções etárias, unindo adultos e crianças em volta de um objecto de qualidade. (Gouveia, 2008)

Neste sentido, Miguel Gouveia refere que uma das coisas que mais o fascina, na literatura para a infância, é o facto de ser um mundo dominado por adultos. Ou seja, existe um mundo pensado por adultos, para as crianças. Os livros e as crianças nunca estão verdadeiramente a sós, pois o livro foi escolhido por um adulto que o comprou e que encontrou razões que o levaram a essa decisão. Assim, para os dois fundadores, o trabalho é redobrado e de grande responsabilidade, pois passa por escolher as melhores publicações e os melhores ilustradores, o que é a chave para que os livros cheguem a todas as faixas etárias:

[O nosso dia a dia] passa por escolher, à escala planetária, aqueles que consideram ser os melhores livros e que, amiúde, chegam longe em termos etários por serem histórias, autores e ilustrações de "grande qualidade". (Gouveia, 2011)

Desta forma, toda esta responsabilidade associada às expectativas das obras que publicam explica a razão pela qual o crescimento do seu catálogo é lento e o crescimento

⁵ Consultar anexo, Entrevista Editora Bruuá.

da editora tem sido faseado e gradual. Há uma tentativa de publicar apenas o que consideram especial, o que, num universo imenso de livros, se torna um desafio e um processo moroso. É nesta perspectiva que também se deparam com a dificuldade de se manterem fiéis ao seu ritmo de edição, devido à velocidade que caracteriza o mercado editorial atualmente, onde as novidades são diárias e os destaques saem das estantes num ápice. Por semana chegam milhares de livros às livrarias e torna-se difícil, até para o público leitor, filtrar os bons livros. Outra dificuldade à qual a editora está exposta diz respeito ao aspeto monetário, aos pagamentos por parte dos clientes que se atrasam, o que, em termos práticos, se reflete nas tiragens, no número de publicações editadas, na própria expansão da empresa e na inclusão de mais pessoal. Ao longo dos anos tiveram de mudar a posição que tinham para com os livreiros, pois no início confiavam na sua palavra e enviavam as encomendas sem qualquer compromisso. Após começarem a ver os seus livros devolvidos pelas livrarias, sendo que muitos volumes vinham danificados, começaram a enviar à consignação e só a quem cumpre.

Em termos de tipologia de publicação, a Bruaá tem, na sua maioria, publicações do tipo “álbum”, onde o texto e as ilustrações tomam um carácter único e transmitem em unísono a narrativa expressa.

Quanto às traduções, a maioria é feita por Miguel Gouveia, excluindo situações em que o original é russo ou persa, por exemplo. A questão da tradução é, naturalmente, um fator muito importante na publicação de um livro, pois é o que irá transmitir a mensagem da narrativa original e é parte integrante do livro como um todo. Traduzir, por si só, quer seja literatura para a infância ou literatura em geral, não é uma tarefa facilitada pois, em momento algum, a mensagem original pode ser deturpada. Traduzir para a infância tem as suas especificidades e cuidados acrescidos que devem ser tidos em conta, devido à linguagem usada que pode não ser a mais adequada, ou não ser coerente em ambas as línguas ou, ainda, quando se colocam em causa fatores multiculturais. Miguel Gouveia refere que uma das suas principais dificuldades são as rimas, devido ao facto de ter que encontrar palavras que rimem, mantendo o mesmo significado do original. É necessário que o tradutor se mantenha fiel ao texto de origem e que respeite o que o seu autor queria transmitir, com os recursos certos. É importante manter a qualidade do texto original, respeitar algumas escolhas do autor, como a pontuação, o uso dos sons ou estar sensível a algumas expressões idiomáticas que possam surgir. Quando falamos em literatura para a

infância, importa ainda pensar em quem vai ler e, no caso de ser uma criança, terá de ter um texto adequado à sua compreensão e capacidades. Assim, os tradutores não podem cair no erro de traduzir um texto de uma forma demasiado séria e formal. Miguel Gouveia refere que o seu principal desafio, no catálogo da Bruaá, foi o livro *Guarda Como um Segredo* (2013), “porque a autora escreve com muita musicalidade que é difícil manter no português”⁶.

⁶ Consultar anexo, entrevista realizada à Editora Bruaá.

b. Política Editorial

Até agora, Miguel Gouveia e Cláudia Lopes orgulham-se em dizer que apenas publicaram livros que fazem parte do seu gosto pessoal. Ambos se aperceberam de que existia um vazio no que dizia respeito à publicação de livros ilustrados e de autores e ilustradores de qualidade que nunca viram o seu nome nas estantes portuguesas. Esse vazio está a ser colmatado, mas trata-se de um projeto a longo prazo, que levará tempo a ser alcançado. Foi desta forma que abraçaram este projeto, com a perspectiva de que os seus livros são “livros que respeitam o leitor, que vão ao seu encontro de uma forma sincera. Tanto a nível de texto como de ilustração. São obras de partilha e descoberta.” (2011, Revista *Pública*). Neste contexto, com a responsabilidade de quererem publicar o que de melhor se faz, existe o compromisso acrescido com os seus leitores.

A editora pretende criar um novo conceito de literatura infantil, promovendo autores e ilustradores de qualidade. Como o nome indica, os bruaás e os ruídos das personagens fazem-se valer em livros de qualidade, em ilustrações bonitas e bem conjugadas com a narrativa para os novos leitores mais exigentes. A bruaá nasce “(...) como resposta ao bruaá existente na edição infantil, na tentativa de criar um bruaá novo” (*ibidem*).

Até 2011 a editora ansiava por poder estar presente em algumas feiras do ramo, pois, até essa data, as escolhas, as negociações de direitos, os contratos e as encomendas eram feitas via internet. Em 2014 já contam com várias participações em feiras como a de Bolonha, ou o Festival Internacional de Ilustração de Valladolid. Ao nível nacional, já estiveram presentes na Feira do Livro de Lisboa, do Porto, de Coimbra, entre outras.

No que toca às publicações, dizem ter o caminho facilitado, pois há uma grande facilidade em negociar livros, inclusivamente livros premiados mundialmente, pois em Portugal não existem muitos concorrentes interessados, ficando, muitas vezes, com exclusiva negociação do título em questão. Como exemplo, temos o livro *Popville*, que foi um grande sucesso mundial, e que se tornou muito fácil negociar pela editora e publicar em Portugal, numa coedição. Outro livro de grande sucesso foi *Eu Espero*, que já tinha sido publicado há três anos, antes da data de publicação em Portugal, e cujas negociações decorreram de forma tranquila e fácil. É com alguma surpresa que Miguel Gouveia e Carla

Lopes se apercebem destas situações, pois não entendem como livros de tamanha qualidade plástica e literária nunca suscitaram interesse noutras editoras em Portugal.

Nesta perspetiva, ao observarmos o mercado atual português, rapidamente nos apercebemos da sua pequena dimensão, o que poderá levar a um desvio de atenções para outras obras, *bestsellers* ou outras publicações mais rentáveis. Por outro lado, a grande oferta de livros de qualidade faz com que seja impossível acompanhar o ritmo de publicação, passando, muitas vezes, ao lado de livros que podiam suscitar interesse. Outro aspeto prende-se com a não existência de mercado para tanta oferta e, assim, na seleção que as editoras fazem há obviamente livros que acabam por não ter a atenção que possivelmente mereciam. É neste contexto que nos apercebemos das diferenças editoriais entre as pequenas casas editoriais e os grandes grupos. Se há, por um lado, grandes empresas a satisfazer os leitores mais fáceis, há, por outro lado, pequenas editoras que publicam livros que são nicho de mercado, satisfazendo leitores mais criteriosos.

Desta forma, Isabel Minhós Martins, fundadora da Planeta Tangerina, atenta à questão da “dualidade” entre os livros comerciais e os livros direcionados a nichos, refere que “as grandes editoras optam por definir um catálogo que consiga alcançar um equilíbrio”, ou seja, “através da edição de best-sellers conseguem lucro suficiente e o retorno necessário para publicarem um género de alta literatura que tenha menos procura, como forma de compensar custos” (Luz, 2010, p. 127).

Para já, a Bruaá não pode publicar todos os livros que gostaria, pois há custos de produção que não podem suportar, porém preferindo publicar a um ritmo lento, tendo a certeza que seguem o caminho que planearam, tendo como objetivo conseguir aumentar o ritmo de publicação e enriquecer e consolidar o catálogo. Confessam que a escolha dos títulos é muito complexa, pois, devido à contenção de custos e ao facto de não poderem suportar qualquer publicação, têm de escolher entre um grande leque de publicações existentes. Por isso, numa primeira fase, “(...) vamos primeiro aos “grandes amores” para depois passarmos aos “amores seguintes”. Temos muitos amores “à primeira vista” que se tornam possíveis.” (*ibidem*).

Contudo, nem todas as publicações dizem respeito a autores estrangeiros. Analisando o catálogo da editora, conseguimos perceber que a maioria das publicações é de autores e ilustradores estrangeiros, porém, em 2011, existiu uma mudança, com duas publicações de autoria nacional. A primeira é o livro *O Arenque Fumado* (2011), que inicia

um projeto pelo qual os editores ansiavam, a publicação de um ilustrador português, no caso André da Loba. Neste livro, as ilustrações de André da Loba são desenvolvidas através de um poema de Charles Cros, o que deu origem a “um livro que não é livro”, ou seja, é um “objeto que entra em jogo com o próprio poema” (*ibidem*). Ou seja, este projeto não obedeceu ao tradicional jogo de escolher o título e traduzir. Foi um projeto criativo feito de raiz, o que saiu das diretrizes normais em que a editora aposta.



Imagem 10- O *Arenque Fumado* (2011) nas diversas fases de leitura

Nesta perspectiva, também neste ano, a editora publicou *Esqueci-me como se Chama* (2011), tendo igualmente apostado no ilustrador português Gonçalo Viana. Pode dizer-se que, tirando estes dois projetos, os restantes 22 livros do catálogo têm autores e ilustradores estrangeiros das mais variadas nacionalidades. Iniciava-se, então, um investimento em ilustradores portugueses, aposta que, até à data, não se repetiu.

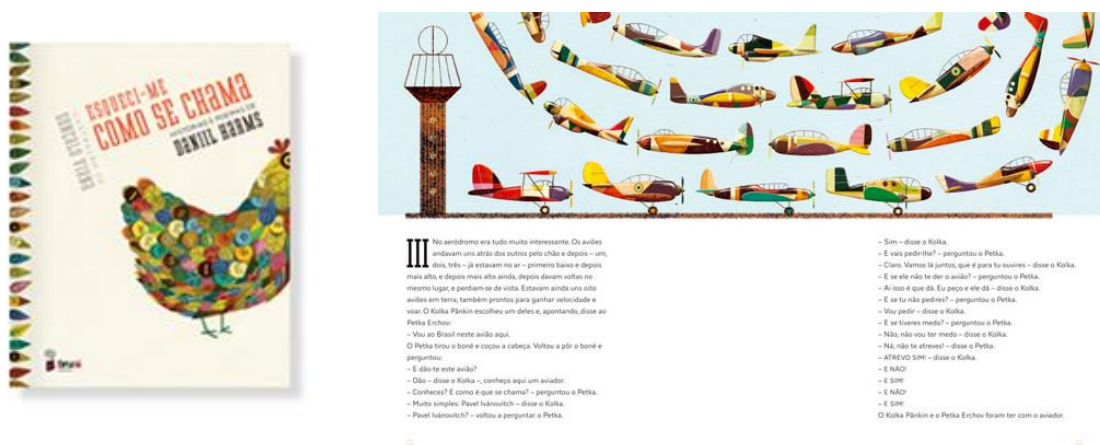


Imagem 11- O livro *Esqueci-me Como se Chama* (2011)

c. O Catálogo

A editora Bruuá iniciou a sua atividade em janeiro de 2008, com a publicação do livro *A Árvore Generosa* (2008), escrito e ilustrado por Shel Silverstein. Este livro teve a sua primeira publicação no ano de 1964, com o título original *The Giving Tree*. Encontrase traduzido em mais de trinta línguas, porém nunca havia sido, até esse ano, publicado em Portugal. Trata-se de um álbum narrativo, já considerado um clássico da literatura norte-americana, na medida em que faz parte das memórias de diferentes gerações. É um livro com poucas palavras onde é retratada a relação do homem com o meio-ambiente e aborda questões como a vida, a morte, a amizade e o amor, assim como a questão da passagem do tempo, o ato de dar o que se tem de uma forma profunda e emocional. As ilustrações são sóbrias e de extrema simplicidade, com linha negra sobre folhas de cor clara, o que confere ao livro um registo muito discreto, existindo uma complementaridade entre a narrativa e as ilustrações. No seu todo, inclui ilustrações e palavras simples recheadas de simbolismos que tornam esta obra marcante.



Imagem 12- O livro *A Árvore Generosa* (2008)

Ainda neste ano, houve a publicação de dois livros *Eu Espero* (2008), escrito por Davide Cali e ilustrado por Serge Bloch, e *A Grande Questão* (2008), escrito e ilustrado por Wolf Erlbruch. O primeiro tem uma capa peculiar, que contém todas as características de um envelope, recriando-o na perfeição. No seu interior, inclui ilustrações simples, estando as personagens desenhadas a preto em folhas de cor branca. Apenas tem um

apontamento de cor vermelha, um fio de algodão que percorre todas as páginas, do início ao fim, estabelecendo uma ligação entre todas elas. Toda a narrativa é uma metáfora da vida em que um fio vermelho de algodão vai percorrendo momentos marcantes durante a existência de um ser humano. No final, esse fio de algodão aparece envolvido numa meada, momentos que se conjugam e constituem a nossa vida. Nesta evolução aqui recriada percebemos que há uma grande diferença em relação às coisas que esperamos quando somos crianças e quando somos adultos. Neste leque de acontecimentos são retratados temas como o amor, o casamento, a doença e a morte. Este fio é, assim, o fio da vida.

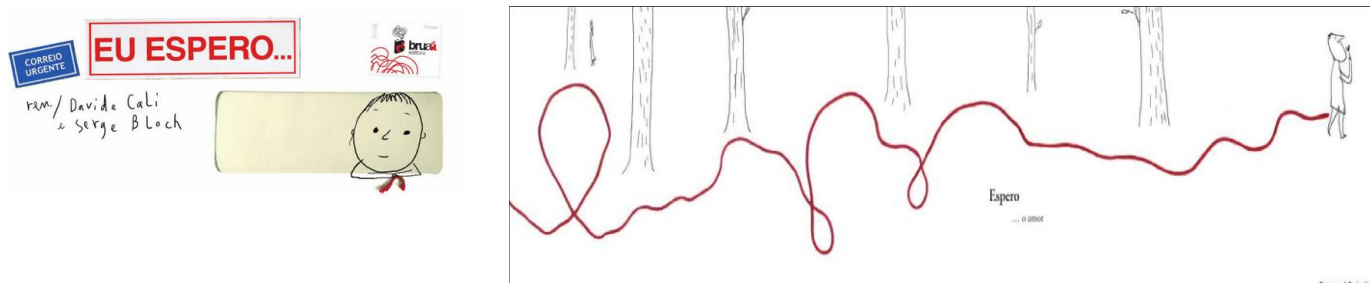


Imagem 13- O livro *Eu Espero* (2008)

Ainda em 2008, a editora aposta também em *A Grande Questão* (2008), de Wolf Erlbruch, que viria a ser o terceiro livro editado pela “Bruaá”. Este livro desenvolve uma interrogação que está subentendida e que serve de mote para o desenrolar das suas páginas: “Por que estou eu no mundo?”. Na capa vemos um rapaz com ar curioso, de braços abertos, pronto para encontrar algumas respostas. Ao longo da história, esta questão vai sendo respondida por várias personagens, num tom peculiar e, por vezes, humorístico. No fim do livro, temos algumas páginas que dão possibilidade aos leitores de o completarem com respostas pessoais sobre o porquê de viverem. É um livro emocionalmente muito rico com ilustrações simples mas muito afetuosas.

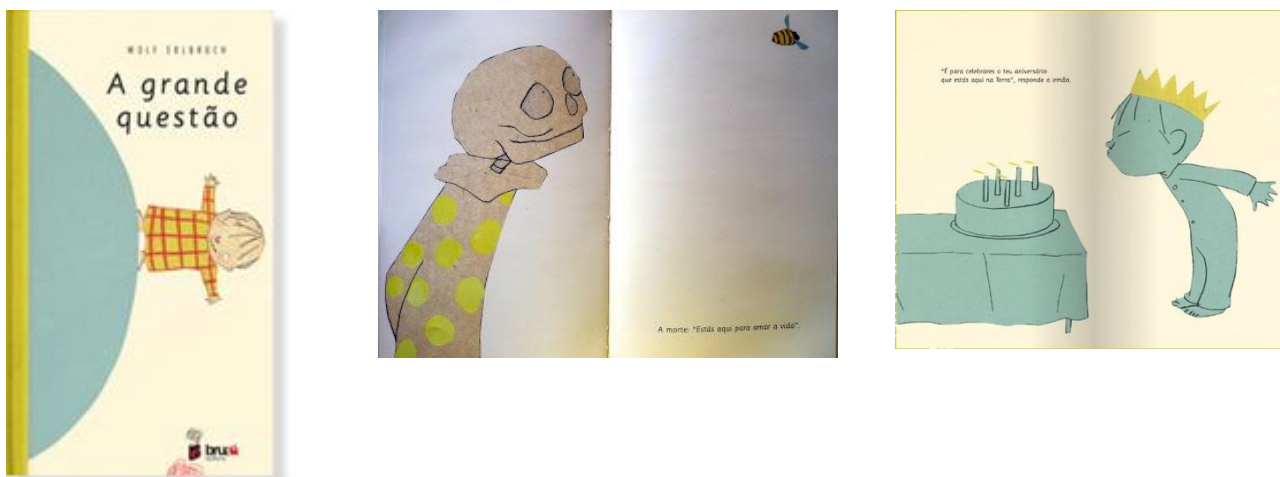


Imagem 14- O livro *A Grande Questão* (2008)

Em 2009, a editora apenas publicou um livro, *O Ponto* (2009), escrito e ilustrado por Peter Reynolds. Trata-se de um apelo à criatividade dos leitores, ao mesmo tempo que se debruça sobre a importância do enriquecimento da autoestima e da confiança que a criança deve ter em si mesma. A história desenrola-se quando a protagonista, Vera, insiste, numa aula, que não sabe desenhar e deixa a sua folha em branco. A professora incentiva Vera a fazer alguma coisa na folha. Este incentivo levará Vera a aperceber-se da importância de não baixar os braços perante as adversidades, assim como iniciará a personagem num longo caminho de sucesso criativo. Este livro mostra-nos o poder de encorajar e a mudança que isso traz para a vida de um ser humano, sendo um livro traduzido para várias línguas e muito premiado. Este livro foi selecionado para o Plano Nacional de Leitura (PNL).



Imagem 15- O livro *O Ponto* (2009)

No ano seguinte, em 2010, a editora publica *O Livro Negro das Cores*, escrito por Menena Cottin e ilustrado por Rosana Faría, um livro premiado pelo Bologna Ragazzi, que tem uma vertente formativa muito relevante devido à temática que aborda. Ao longo do livro somos acompanhados por uma personagem, que nunca aparece, e que nos fala das cores na perspectiva de quem as não vê. A narrativa é complementada pelas ilustrações, que são negras com brilho e relevo, o que gera uma sucessão de descobertas do leitor a partir do manuseamento do livro. Assim como as ilustrações, também as páginas são de cor negra e têm um relevo que permite não só aos leitores cegos ler este livro, mas que também convida ao toque de todos os leitores em geral. Este livro “negro” fala sobre as cores, o que permite aos leitores que se abstraíam graficamente dessa dimensão visual permitindo-lhes sentir as cores em toda a sua plenitude e apelando aos cinco sentidos num livro em que não existem cores para além do negro, apesar da sugestão do título.



Imagem 16- *O Livro Negro das Cores* (2010)

Ainda durante o ano de 2010, a editora publicou o livro *Lágrima de Crocodilo* (2010), escrito e ilustrado por André François. Este livro foi publicado pela primeira vez em 1956. Trata-se de um livro cuja capa foi elaborada em formato de envelope, no qual um pai tenta explicar ao seu filho o que significa a expressão “lágrimas de crocodilo”. Nesta tentativa, o pai divaga por uma série de aventuras que não dizem respeito à expressão em si, desde uma viagem ao Egito, um crocodilo que leva crianças à escola e aspetos e curiosidades sobre a espécie. Para além da narrativa, este livro conta com uma particularidade interessante: possui um invólucro recriando a caixa postal onde se transportariam os crocodilos do Egito, referidos na história.

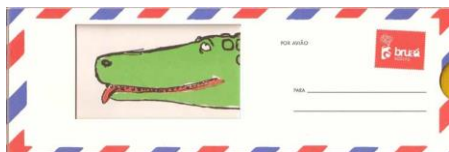


Imagem 17- Lágrimas de Crocodilo (2010)

Quem quer Ser Um Rinoceronte Barato? (2010) foi o terceiro livro publicado neste ano e o segundo de Shel Silverstein que a editora incluiu no seu catálogo. Foi originalmente publicado no ano de 1964 e explica as habilidades de um rinoceronte, incentivando os leitores a ter um rinoceronte como animal doméstico. E este animal, em particular, tem muitas qualidades, desde saber jogar às cartas, saltar à corda e ser muito barato. É um livro divertido, onde as ilustrações, também elas engraçadas mas muito simples, jogam com a narrativa, criando um ambiente descontraído e animado que apela à criatividade dos leitores, de cada vez que lhes é indicado o porquê de escolherem um rinoceronte para ter em casa. Um livro onde, mais uma vez, Shel Silverstein prova que a simplicidade não é incompatível com uma história de qualidade. Este livro foi selecionado para integrar as listas do Plano Nacional de Leitura (PNL).



Imagem 18- Quem Quer um Rinoceronte Barato? (2010)

Popville (2010) é um livro muito especial, pois apresenta, num universo *pop-up*, a evolução urbanística de uma cidade. O livro retrata o crescimento urbano que se começa a

desenvolver à volta de uma igreja, retratando tridimensionalmente esse processo. No final do livro, existe um texto do autor Joy Sorman que nos sensibiliza para as questões do desenvolvimento de uma comunidade. É um livro muito rico em termos criativos, construindo uma cidade que “salta” do livro para surpreender o leitor. O livro, se lido em sentido contrário, também poderá retratar um percurso inverso, ou seja, da cidade para o campo. Nestas duas possíveis leituras, o leitor é levado a perder-se na magia ali criada através da engenharia do papel. As ilustrações são de Anouck Boisrobert e Louis Rigaud. *Popville* é mais um dos livros do catálogo da “Bruaá” que consta do Plano Nacional de Leitura (PNL).

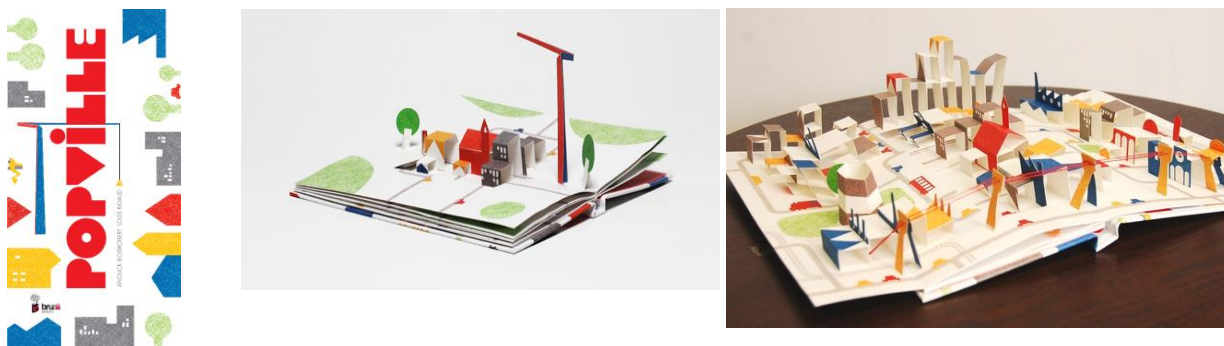


Imagem 19- *Popville* (2010)

O Arenque Fumado (2011) foi publicado pela “Bruaá” no ano de 2011 e nasce de um poema de Charles Cros que foi escrito e publicado no ano de 1872, primeiro em prosa e depois em verso. É um poema intemporal que se tem mantido ao longo de gerações até à atualidade. Esta obra foi feita de raiz pela editora, o que constituiu uma novidade no seu percurso habitual que passava pela escolha de obras estrangeiras e pela sua tradução. Desta vez as ilustrações são de um autor português, que desenvolve a parte gráfica através do poema, criando um livro-objeto caracterizado por uma relação única entre texto e as imagens. Neste livro não existem páginas, uma vez que se trata de um desdobrável que forma um peixe. Este livro assinalou a entrada para o catálogo de ilustradores portugueses, neste caso, de André da Loba, pois até aqui, como vimos, o catálogo contemplava apenas autores estrangeiros. Este livro também faz parte do Plano Nacional de Leitura.



Imagem 20- O Arenque Fumado (2011)

O segundo livro de 2011 foi *Isto ou Aquilo?* (2011), de Dobroslav Foll. Trata-se de um livro que brinca com o olhar e a interpretação do leitor em relação a cada objeto. É um livro e é também um jogo, devido à brincadeira que proporciona através das diferentes imagens que nos mostra numa mesma página, levando o leitor a partir à descoberta, dando asas à sua imaginação e criatividade. É um livro que nos permite descobrir que o nosso olhar pode ver várias coisas num mesmo objeto: desde uma cegonha que se transforma numa tesoura a um avião que se transforma em andorinha. *Isto ou Aquilo?* também está incluído no Plano Nacional de Leitura.



Imagem 21- Isto ou Aquilo? (2011)

Na Noite Escura, também publicado em 2011, é um livro escrito e ilustrado por Bruno Munari. Este livro vem contrariar a ideia de que as crianças só gostam de livros coloridos. Num universo de páginas escuras, há silhuetas em fundo negro e pequenas partes de texto que as acompanham. Num misto de variadas técnicas de impressão, tipos de papel e materiais (cartolina, papel vegetal, entre outros) existe uma história passada em diferentes ambientes, o que permite ao leitor uma constante descoberta através dos

sentidos. A história convida-nos a entrar pela noite dentro, cativados por uma luz que se revela através de uns orifícios nas páginas. A narrativa evolui no tempo, assim como os materiais que são usados, para transmitir essa passagem da noite para o dia. *A Noite Escura* integra igualmente o Plano Nacional de Leitura.

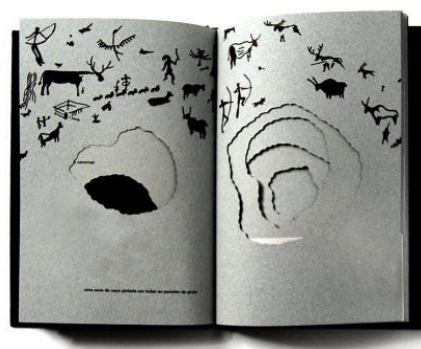


Imagem 22- *Na Noite Escura* (2011)

Esqueci-me Como se Chama (2011) entra para o catálogo da “Bruuá” em 2011 como mais uma aposta num ilustrador português, desta feita Gonçalo Viana, com texto de Daniil Harms. Este livro reúne dez textos da obra infantil do autor, desde poemas a prosa, marcados por um registo humorístico, característico da escrita do autor. *Esqueci-me Como se Chama* (2011) foi o segundo livro do catálogo da editora a contemplar um ilustrador português.



Imagem 23- *Esqueci-me Como se Chama* (2011)

Ainda no ano de 2011, a Bruuá dedica-se à edição de *O Urso e o Gato Selvagem*, com texto de Kazumi Yumoto e ilustração de Komako Sakai. Este livro aborda dois temas de grande intensidade, como a amizade e a morte. Um urso, muito triste pela morte do seu amigo passarinho, irá conhecer um gato que o ajudará a ultrapassar o terrível luto e solidão em que se encontra. Este livro faz referência a temas muito intensos, como a dor, a perda, a solidão, o luto e a separação, contendo, nas últimas páginas, respostas para estas questões tão controversas.



Imagem 24- *O Urso e o Gato Selvagem* (2011)

No ano seguinte, em 2012, a Bruuá edita mais quatro livros, sendo o primeiro *Na Floresta da Preguiça*, com texto de Sophie Strady e ilustrações de Anouck Boisrobert e Louis Rigaud. Depois de *Popville*, a editora Bruuá volta a publicar um livro tridimensional e interativo destes dois ilustradores. Trata-se de um livro que aborda o tema da destruição das florestas e dos repetidos atentados ao meio ambiente, num ambiente tridimensional, onde mais uma vez as construções em papel são o destaque.

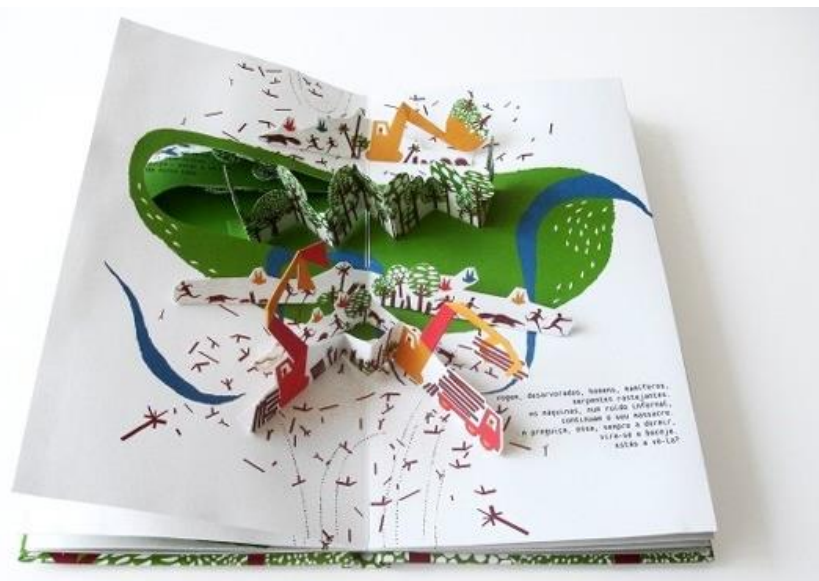


Imagem 25- Na Floresta da Preguiça (2012)

O segundo livro publicado em 2012, *O Tigre na Rua*, já faz parte do Plano Nacional de Leitura, contém poemas de vários autores, que constituem, assim, esta antologia poética marcada pela diversidade. Uma vez que as antologias poéticas para a infância são escassas, a editora apostou neste género como forma de enriquecer a oferta numa área que ainda não tem o merecido destaque. Este livro reúne poesia de todo o mundo, desde o Canadá à Argentina, e autores como Maria Elena Walsh, David Chericíán, Javier Villafañe, entre muitos outros. As ilustrações são de Serge Bloch.

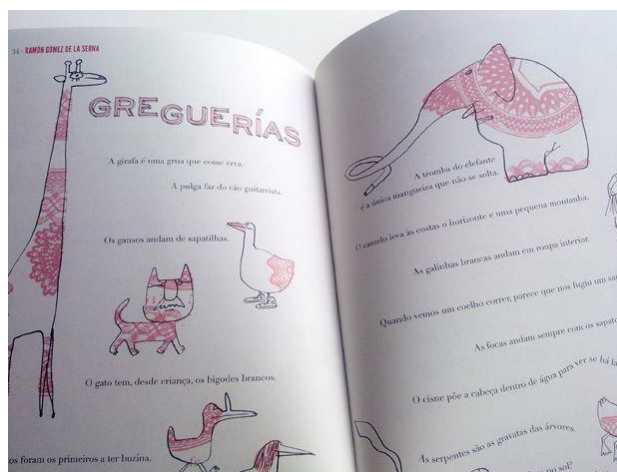


Imagem 26- O Tigre na Rua (2012)

Ainda neste ano a Bruuá edita *A Rainha das Rãs que não Podia Molhar os Pés* (2012), com texto de Davide Cali e ilustrações de Marco Somá. Este livro descreve a chegada de uma rã com coroa, que é nomeada a rainha das rãs, e a mudança que este “reinado” trará na vida de todas as rãs. Contudo, esta rã que é rainha começa a tornar-se muito exigente e superior, o que desagrada às restantes, que começam a lutar pela mudança e a questionar este “reinado”. Este livro introduz as crianças na noção política, no porquê da necessidade da mudança e desmistifica as razões da revolta por parte do povo – neste caso aplicado às rãs – assim como o desejo descomedido pelo poder.



Imagem 27- *A Rainha das Rãs que não Podia Molhar os Pés* (2012)

Novamente com texto de Davide Cali, foi editado, ainda neste ano, *Arturo*, um livro que integrou o Plano Nacional de Leitura. Este livro sai um pouco da linha das ilustrações habituais, sendo que, ao longo das suas páginas, encontramos fotografias de um cão - o Arturo – que nos transmite as suas qualidades, como a do amor incondicional que tem pelo seu dono, passando os dias a aguardar por ele e a ansiar o tão esperado reencontro. As fotografias são de Ninamasina.

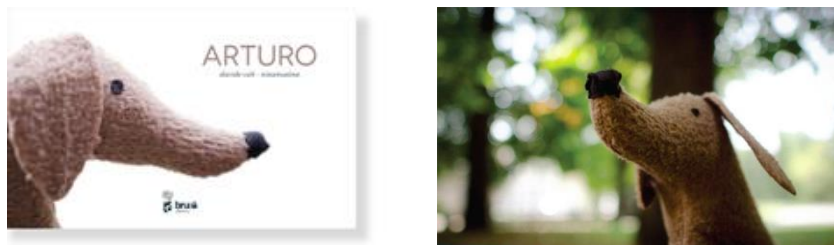


Imagem 28- *Arturo* (2012)

No ano seguinte, em 2013, dá-se a publicação de *O Jardim de Babai*, com texto e ilustração de Mandana Sadat. Este livro tem uma característica muito interessante na forma como apresenta a sua narrativa. Inclui uma versão em persa e em português, sendo que o livro se inicia com a versão em português na primeira página e com a versão em persa na última. Pelo que, onde se inicia a história em português, encontramos o final da história em persa e vice-versa.

O livro tem dois contos, nos quais se recupera o formato dos contos da tradição oral antiga, repleto de influências da cultura oriental.



Imagem 29- *O Jardim de Babai* (2013)

Um Nome Para um Cão (2013) foi o segundo livro editado neste ano, com texto e ilustrações de Ivan Chermayeff. Este livro retrata a conversa entre dois amigos que tentam decidir o nome do seu animal de estimação. Na conversa, lembram-se de várias palavras, o que começa a ser um jogo de idealização que os leva a imaginar o futuro e o que querem para eles mesmos.



Imagem 30- *Um Nome para o Cão* (2013)

Guarda Como Um Segredo (2013), com texto de Sandol Stoddard e ilustrações de Ivan Chermayeff, é o terceiro e último livro editado no ano de 2013 pela Bruuá. Após o nascimento de um bebê, há a descoberta, a vontade de dar tudo a esse novo ser, nomeadamente de lhe mostrar o mundo e de que forma são feitas as coisas. Esse livro fala disso - do que devemos mostrar, dar a cheirar, dar a conhecer a um bebê que inicia a sua jornada e como devemos mostrar-lhe a importância daquilo que acabou de acontecer - o seu nascimento.

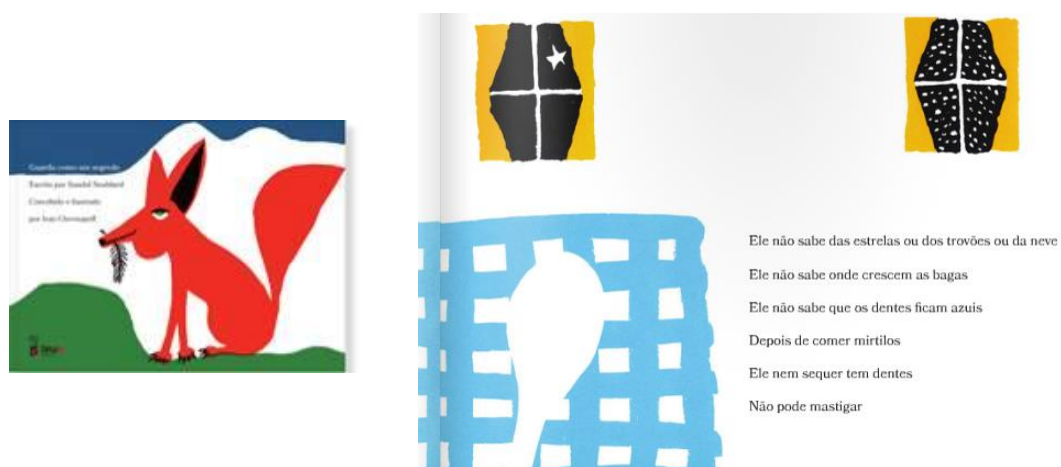


Imagem 31- *Guarda Como um Segredo* (2013)

No presente ano de 2014, já assistimos a duas publicações da Bruuá: *Estava a Pensar...* e *Herberto*.

O primeiro, com texto de Sandol Stoddard e ilustrações de Ivan Chermayeff, é um livro que confronta dois universos, o apressado dos adultos e o criativo e introspetivo das crianças. O livro retrata o dia a dia de uma criança que vive no seu próprio mundo e os

adultos que, com horários, insistem que as crianças se apressem e acompanhem o seu ritmo.



Imagem 32- *Estava a Pensar* (2014)

O segundo é *Herberto*, um livro com texto e ilustrações de Lara Hawthorne. Fala de uma lesma que ocupa os seus dias a comer alfaces. Um dia, quando o alimento escasseia, a lesma deixa o seu canto, onde passa os seus dias, e parte à descoberta de um mundo que ela desconhecia. Conhece novos seres que apresentam capacidades muito interessantes: uma aranha que tece a sua teia, as formigas que criam o seu túnel, além de outros seres que ocupam os seus dias a trabalhar. É neste contexto que esta história nos desperta para o reconhecimento do talento nos outros e para a busca dos nossos próprios talentos quando, a partir desta aventura, *Herberto* descobre as suas capacidades.

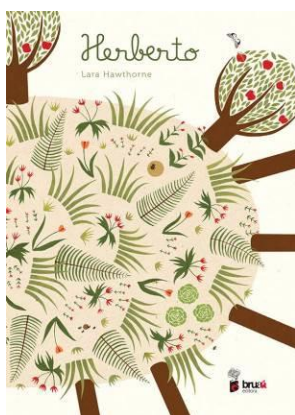


Imagem 33- *Herberto* (2014)

d. Análise do Catálogo

A análise que se seguirá foi feita desde o primeiro ano de publicação da editora, 2008, até ao presente ano de 2014, contendo todos os livros publicados, tendo em perspectiva a política editorial da editora. O catálogo de uma editora é o espelho do trabalho que esta desenvolve e dos projetos em que acredita e aposta, daí a importância de analisarmos essa componente, para além de procurarmos reconstituir a sua história. Ao fazermos essa análise do catálogo da Bruaá, torna-se evidente o facto de esta editora se dedicar, na sua grande maioria, à importação de histórias mundialmente conhecidas para Portugal, traduzindo-as e mantendo-lhes as ilustrações originais. Conseguimos perceber que a Bruaá se dedica predominantemente à edição de álbuns ilustrados, apresentando uma forma de trabalho extremamente coesa que observamos desde a primeira publicação, em 2008, à mais recente, em 2014. A editora pretende dar a conhecer livros de grande qualidade, cuja grande maioria nunca havia sido publicada em Portugal, divulgando tanto os escritores como os ilustradores junto do público português. A Bruaá nasceu de uma vontade de ver certas necessidades respondidas. Miguel Gouveia refere, devido ao seu contacto com a literatura estrangeira, que se apercebia de um grande vazio, no mercado português, relativamente a livros que ele considerava serem clássicos.

“De facto havia títulos e autores que eu nunca tinha visto publicados aqui em Portugal e que, de facto, me aguçavam o apetite para criar qualquer coisa. Eu lia livros e pensava “porque é que isto não está publicado cá”, por exemplo. E ao fim ao cabo, é uma questão de justiça intelectual para os nossos miúdos (...)”⁷

Como vimos, a editora dedica-se especialmente a traduções de autores estrangeiros, porém apresenta dois projetos onde insere dois ilustradores portugueses que desenvolvem a sua componente criativa a partir dos textos, como André da Loba e Gonçalo Viana.

Como pudemos verificar pelo catálogo anteriormente descrito, a Bruaá tem, até ao momento, vinte e dois livros publicados, com evidente peso nas traduções e reedições. O catálogo contém apenas dois livros cujas ilustrações foram desenvolvidas de raiz - *O Arenque Fumado* (2011) e *Esqueci-me Como se Chama* (2011), com o objetivo de projetar no mercado ilustradores portugueses de assinalável originalidade e qualidade. Contudo,

⁷ Consultar anexo, Entrevista Editora Bruaá

este projeto não se repetiu, talvez devido à grande ousadia das duas propostas, claramente diferentes e muito originais ou mesmo insólitas, continuando a editora a dedicar-se exclusivamente às traduções.

Desta forma, percebemos que, no seu ano de fundação, estreou-se com a publicação de apenas três livros, *A Árvore Generosa* (2008), *Eu espero* (2008) e *A Grande Questão* (2008), possivelmente por se tratar do primeiro ano de existência da editora no mercado, dos baixos recursos para proceder a mais publicações, numa estratégia que podemos considerar como expectante e prudente de abordagem do mercado.

Este número reduzido de reedições podia sugerir a ideia de que as publicações da Bruaá iriam aumentar, ano após ano, ainda que a um ritmo lento. Porém, isso não aconteceu, pois no ano seguinte, em 2009, apenas foi publicado um livro, *O Ponto*.

Em 2010 dá-se um aumento significativo no número de publicações, aumentando para quatro o número de livros traduzidos nesse ano. Foram eles *O Livro Negro das Cores*, *Lágrimas de Crocodilo*, *Quem Quer Ser um Rinoceronte Barato?* e *Popville*.

Em 2011, este número continua a aumentar, passando para cinco: *O Arenque Fumado*, *Isto ou Aquilo*, *Na Noite Escura*, *Esqueci-me Como se Chama* e *O Urso e o Gato Selvagem*. Este foi também o número máximo de publicações por ano da editora. A partir daí, possivelmente com o agravar da crise económica no país, o número de publicações desce de ano para ano.

Em 2012, o número de livros publicados volta a descer para quatro: *Na Floresta da Preguiça*, *O Tigre na Rua*, *A Rainha das Rãs que não Pode Molhar os Pés* e *Arturo*.

E em 2013 desce novamente, tendo editado apenas três livros: *O Jardim de Babai*, *Um Nome para o Cão* e *Guarda Como um Segredo*.

No ano presente de 2014, e até ao momento atual de redação deste trabalho, apenas foram publicados dois livros, sendo eles *Estava a Pensar...* e *Herberto*.

De seguida apresentamos um gráfico que ilustra estas constatações, analisando a produção anual da editora. Através deste gráfico, podemos perceber que a média de publicação da Bruaá é de três livros por ano.

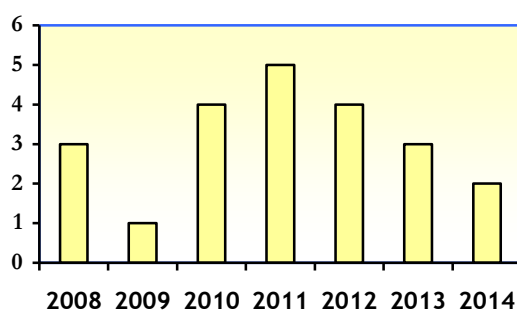


Imagem 34- Número de publicações da editora (por ano)

A editora pretende publicar histórias que foram importantes e que, algumas delas, já se tornaram clássicos da literatura para a infância, de autores e ilustradores que perduram ou irão perdurar no tempo, pelos excelentes temas que abordam e pela forma sóbria e terna com que os escrevem. São livros com o intuito de percorrer gerações e de manterem a intemporalidade que os caracteriza.

É ainda importante referir a multiculturalidade presente no catálogo Bruaá, as diferentes nacionalidades de que são oriundos autores e ilustradores. Esta multiculturalidade permite adicionar ao catálogo algo novo de uma forma constante, pois todas as culturas transportam novidade e diferença consigo. É também nesse sentido que podemos constatar que a editora possui um catálogo com um grande leque de diferentes abordagens, diferentes temas e diferentes traços gráficos, mantendo sempre uma linha coesa, sobretudo na parte gráfica, sobre o objeto em que trabalham, marcado pela qualidade.

Ainda que, em alguns dos títulos, nalgumas livrarias online encontremos faixas etárias atribuídas às publicações da Bruaá, a editora nunca distingue os seus livros por idade e não faz, em momento algum, essa distinção no seu catálogo. São livros para todos, quer saibam ler ou não, sejam crianças ou adultos.

No que toca aos géneros, temos, na sua grande maioria, textos narrativos e poucos, mas ainda presentes, livros de poesia.

Como já vimos, a Bruaá apresenta-se com um grande leque de álbuns ilustrados que, devido à qualidade estética e à criativa abordagem aos temas tratados, tem vindo a crescer muito nos últimos anos. Na atualidade são muitas as pequenas editoras a publicar álbuns ilustrados como a Gatafunho, Orfeu Negro, Planeta Tangerina, já anteriormente

referidas, entre outras. Também há editoras pertencentes aos grandes grupos a publicar neste segmento, como é caso da Caminho, a Assírio & Alvim, a Presença, entre outras.

O álbum ilustrado é uma das grandes apostas editoriais dos últimos tempos, tanto por parte dos grandes grupos editoriais com uma longa trajetória no mercado do livro, como de algumas pequenas editoras que surgiram recentemente. (Fernandes, 2013, p. 3)

A complexidade do álbum ilustrado reside no facto de ser pensado como um objeto final que liga a narrativa às ilustrações de forma harmoniosa, combinado num só, sem se pensar num livro com imagens, pensamos numa história composta por um todo formado por texto e grafismo.

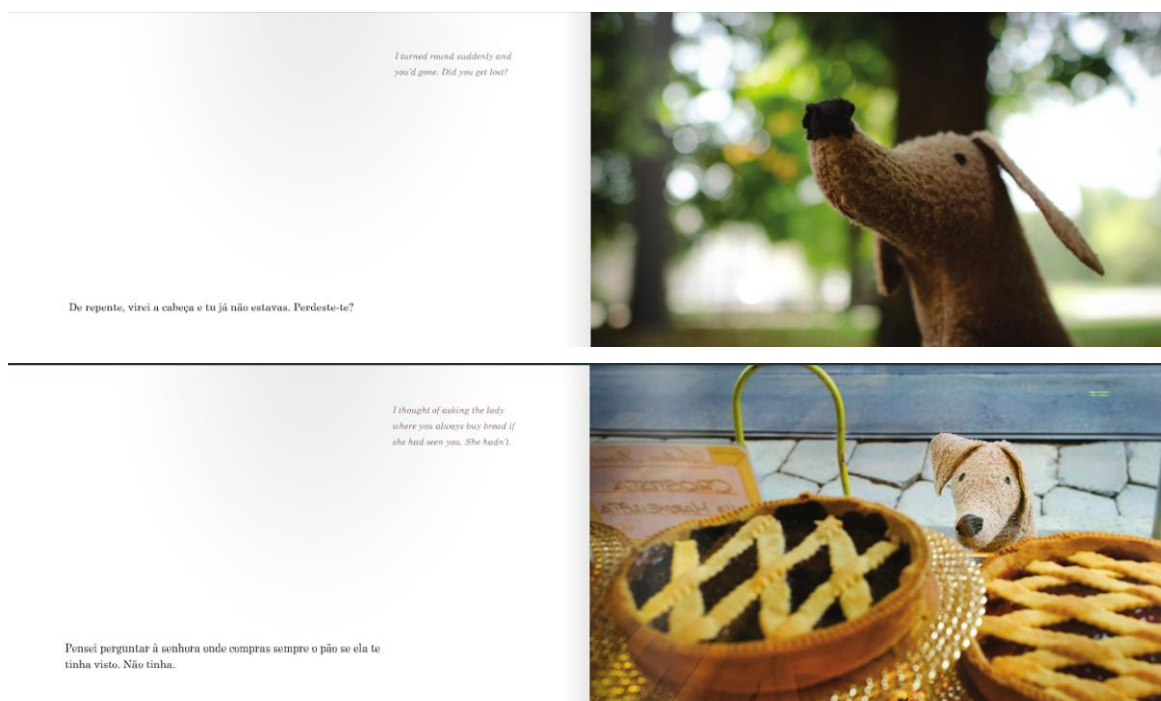


Imagem 35- – *Arturo* (2012) como exemplo de álbum ilustrado editado pela Bruaá

Miguel Gouveia, quando questionado sobre o que mais lhe importa quando escolhe uma determinada publicação, refere sem hesitar que são os textos que esta contém. Ainda que o livro tenha ilustrações de qualidade, se o texto não transmitir algo que capte a sua atenção, não pensa em publicar. Neste sentido, o editor vê no mercado atual um défice de ideias que façam os autores realizar bons textos. Nos últimos anos assistimos a um *boom* de ilustradores e esta área está a ganhar cada vez mais forma, com nomes que têm surgido e que captam o olhar das pessoas. Na Bruuá não são editados livros sem texto, daí o editor referir a importância dos textos como parte essencial das suas publicações. Menciona que para um texto reter a sua atenção não tem que ser complexo, pode ser um texto simples, mas se tiver uma ideia muito interessante que revele um estudo prévio que foi feito e que saiba jogar com a ilustração que o acompanha, imediatamente captará a sua curiosidade. Uma questão essencial que está intimamente ligada ao processo da escrita diz respeito, falando do álbum ilustrado, à forma como a ilustração joga com a narrativa e vice-versa. Assim, para Miguel Gouveia, há autores que, quando escrevem para a infância, precisam de ter esta componente em conta. Por vezes, têm de se “anular” para fazer sobressair a ilustração, pois a ilustração é também uma forma de narrar:

“(…) os escritores ainda têm mais uma ferramenta que têm de dominar que é anularem-se, muitas vezes, para deixar sobressair a ilustração e saber fazer esse diálogo. Nem todos sabem fazer isso. Há quem escreva sem imaginar o trabalho que cabe à ilustração de narrar também.”⁸

Para Miguel Gouveia, todos os editores devem ser ávidos leitores de forma a perceber e desvendar o que está por trás de um texto - ferramenta que só se ganha com a experiência e leitura. Há autores que usam a escrita para transmitir a sua opinião sobre variados assuntos, porém, muitos deles possuem uma ideia romantizada e desviada do conceito de infância, fazendo com que encontremos textos em que os finais felizes predominam, em que os temas são simples e banais, que no fundo não trazem nada de novo à criança como ser que capta e interpreta à luz da sua experiência. Para o editor, os floreados, os mundos demasiado coloridos e os mundos camuflados que alguns livros querem transmitir são desviados da realidade e não contribuem para a evolução do sentido da vida adquirido pela criança.

⁸ Consultar anexo, Entrevista Editora Bruuá

Por estas razões, Miguel Gouveia tem publicado apenas descobertas feitas por ele mesmo, fruto de pesquisas e muitas horas dedicadas à leitura de muitos livros e textos. Não encontrou, até este ano, motivação para publicar nada que lhe tenham enviado devido ao facto de não ver nesses textos nada de novo. No presente ano de 2014 irá publicar um livro a partir de um texto que lhe enviaram e que será o primeiro em que aposta, porque, surpreendentemente, encontrou qualidade e novidade.

e. O Site

O *site* da Bruaá está dividido em duas componentes, assim como a própria empresa. Ao entrarmos na página principal temos dois separadores com “editora” e “*design*” consoante a opção pretendida - as duas atividades às quais se dedica.

Na zona destinada à editora, encontramos uma página identificadora, com um breve texto sobre a sua missão, a sua história e ainda algumas linhas sobre os serviços que presta. Estes serviços contemplam: “consultoria” (criação e gestão de marca, *namings*, estratégias de comunicação, identidade corporativa), “multimédia” (*web design*, e-mail *marketing*, *web social marketing*), “*design* gráfico” (logotipos e estacionário, promoção editorial, embalagem, eventos, exposições e sinalética) e “serviços editoriais” (revisão de texto, tradução, ilustração, criação de conteúdos).

Seguidamente, no separador “os livros”, temos uma listagem de todos os livros publicados pela Bruaá, acompanhada da imagem da capa e de uma sinopse, ao lado. Podemos continuar a saber informações adicionais sobre o livro pretendido clicando em “ler mais”, onde temos acesso a uma página apenas desse livro, onde nos é mostrada a sinopse em versão completa, assim como o número de páginas, o preço e o formato do livro e ainda algumas críticas especializadas ao livro. Dentro das páginas dedicadas a cada livro, temos um menu que diz “folhear”, “press” e “atividades”.

No primeiro, somos transportados para um outro *site* onde temos contacto com a versão virtual do livro e onde podemos folhear as primeiras páginas, apreciar um pouco da história e das ilustrações. Esta componente parece-nos muito importante para todos os clientes que queiram comprar os livros *online* – na loja disponibilizada pela editora e que veremos mais à frente. Serve, assim, para ficar a conhecer um pouco melhor o livro pretendido, no que toca ao texto e às ilustrações, pois, nesta apresentação, a leitura é legível e a qualidade das imagens elevada.

Em “press”, temos à disposição um documento para *download*, onde encontramos informações sobre os livros, a história e os autores/ilustradores, para todos os meios de comunicação que queiram publicitar os livros da editora ou até anunciar um novo lançamento. Esta componente, porém, não está disponível para todos os títulos publicados.

De seguida temos “atividades”, um recurso muito importante e benéfico para professores, educadores, pais e mediadores que queiram, após ler o livro com os seus

alunos ou filhos, desenvolver atividades sugeridas pela editora. Estas atividades englobam a parte criativa e da imaginação, podendo estar ligadas às artes plásticas, à construção de narrativas ou à interpretação das histórias, gerando debates e discussões de ideias. Para além da disponibilização destes documentos com ideias e propostas, a Bruaá disponibiliza, ainda, a elaboração de oficinas para grupos, onde são abordadas várias temáticas e onde se tenta desenvolver as capacidades das crianças.

Em “encomendas” temos uma loja *online*, com uma listagem dos livros publicados, onde o utilizador colocará a quantidade dos livros que pretende adquirir, a forma de pagamento e um formulário de contacto e morada para que cheguem ao destino pretendido.

Existe ainda uma área reservada a contactos da editora com as moradas da sede e do escritório, para que o utilizador saiba onde encontrar a equipa Bruaá.

Na componente dedicada ao “*design*”, ao qual a empresa também se dedica, para além da parte editorial, quase todo o site é comum à “editora” analisada anteriormente, ou seja, algumas páginas consultadas têm o mesmo conteúdo, como é o caso das “encomendas”, dos “contactos” e da página “sobre nós”. O que distingue esta componente da outra, é a área reservada ao “portfólio” que apresenta os trabalhos desenvolvidos pela Bruaá para várias entidades e organismos.

Concluimos, pela análise breve do *site*, que a empresa pratica ambas as atividades, tirando partido da sua complementaridade - a do design e a da edição - porém, o foco principal está centrado na Bruaá como editora, pois apresenta um destaque fulcral, tanto no site como no blogue.

f. A Bruaá nas Redes Sociais

As redes sociais ocupam, hoje em dia, uma parte muito importante na difusão das empresas junto dos seus clientes, com uma abordagem menos formal e mais próxima das necessidades dos utilizadores e seguidores dos projetos.

Ainda na componente do *site* “editora”, temos uma área reservada ao blogue, em que a editora nos põe a par de todas as novidades com alguma regularidade.

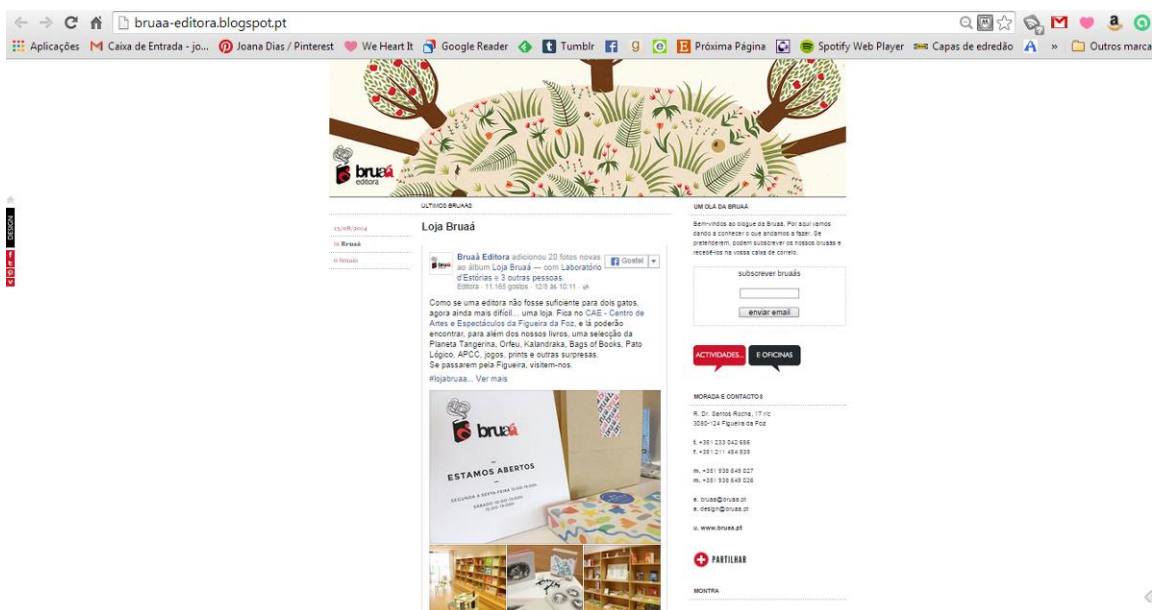


Imagem 36- Blogue da Bruaá

No blogue, são abordados todos os assuntos respeitantes à editora, como por exemplo, dar conhecimento aos utilizadores de lançamentos de livros, novos títulos, atividades realizadas ou a realizar pela equipa, fotografias, participações em feiras, entre outras. A componente do blogue é, hoje em dia, uma forma muito importante, rápida e eficaz de fazer chegar qualquer empresa até ao seu cliente. É, sem dúvida, uma forma de o utilizador se aperceber rapidamente da situação da editora e das notícias mais recentes.

Neste contexto, e com cada vez mais importância, apresenta-se a rede social *facebook*. A Bruaá está também presente no *facebook*.



Imagem 37- Facebook da Bruuá

Uma vez que, no blogue, a atualização ocorre para assuntos que dizem respeito apenas e só à editora, no *facebook* existe uma maior frequência na publicação, pois existe também a partilha de conteúdos que digam respeito à literatura para a infância, a outros projetos editoriais, a assuntos e notícias do mundo da edição em geral, a futuros eventos editoriais, fotografias de livros e novas publicações, notícias, entre tantas outras temáticas. O *facebook* permite uma relação quase direta com o público leitor que segue a atividade da Bruuá, através dos comentários, das mensagens e do número de “gostos” que vão aumentando ao longo dos tempos. É, assim, uma forma muito dinâmica de incluir a editora no dia a dia dos seus clientes e amigos, sempre que acedem às redes sociais.

As redes sociais permitem um nível de proximidade e de interação que, até há uns tempos, não era possível. É importante para o editor estar perto do seu público-alvo de forma a perceber as tendências e gostos de quem o segue, para que o trabalho desenvolvido mantenha o rigor da qualidade narrativa e ilustrativa que o tem caracterizado. Para além disto, é produtivo saber as opiniões e as críticas dos pais, educadores, professores e leitores em geral, pois são eles que motivam o desenvolvimento destes projetos, como principais clientes, compradores e impulsionadores do elo entre a criança e o livro.

g. Promoção dos Livros

Todas as editoras promovem os livros que publicam, quer seja no próprio lançamento, como nos canais de venda, através de publicidade física ou virtual. Porém, neste meio, os grandes grupos editoriais veem a sua vida facilitada devido à sua grande presença no mercado, têm um acesso muito facilitado a recursos e meios que as pequenas editoras não têm. Desta forma, as pequenas editoras veem este caminho mais dificultado, porém, não menos importante para que cheguem até aos leitores. É neste contexto que iremos agora analisar os meios que a editora Bruaá usa para promover os seus livros, ao mesmo tempo que promove a leitura e o amor pelos livros nos mais pequenos.

Como afirmámos anteriormente, a Bruaá contempla, no seu *site*, um leque variado de atividades, organizadas por título publicado, que são facultadas a qualquer pessoa, de forma gratuita através do seu *site*. Depois de um educador ou pai ler uma história Bruaá ao seu aluno ou filho poderá ir até ao *site* da editora e fazer o download gratuito de documentos com ideias e propostas de atividades de desenvolvimento e interpretação da história lida. Esta é uma ideia praticada por algumas pequenas editoras, que possibilita um trabalho facilitado, principalmente aos educadores e professores no desenvolvimento de capacidades dos seus alunos, quer seja em grupo ou de forma individual. Estas atividades estimulam a observação das capas e das ilustrações dos livros ao longo da história, questionam algumas temáticas importantes na abordagem ao tema tratado e sugerem atividades complementares à experiência da leitura. Estas atividades podem estar ligadas à narrativa, através da criação de histórias, ou às artes, pela criação de ilustrações. No final, a editora sugere o envio do resultado destas atividades para que, também através deste meio, possam ter um maior contacto com o seu público leitor. De momento, a Bruaá contém atividades respeitantes aos livros *A árvore generosa* (2008), *Eu espero* (2008), *A grande questão* (2008), *O ponto* (2009), *O livro negro das cores* (2010), *Lágrimas de crocodilo* (2010), *Quem quer um rinoceronte barato* (2010), *Popville* (2010), *Isto ou aquilo* (2011), *Na noite escura* (2011), *Esqueci-me como se chama* (2011), *O urso e o gato selvagem* (2011), *Na floresta da preguiça* (2012) e *A rainha das rãs não pode molhar os pés* (2012).

Para além destas atividades, a Bruaá conta ainda com algumas oficinas planeadas e que, através de um contacto, podem ser realizadas. Publicitadas no *site*, contam com quatro

oficinas que poderão organizar e dizem respeito aos livros *O Tigre na Rua* (2012), *Popville* (2010) e *Eu Espero* (2008). A primeira, “No Ning Nang Nong, Poesia De Tutto El Monde”, inteiramente ligada à poesia, é um recital poético, de todo o mundo e que levará ainda à produção escrita de poemas. A segunda, “Popvila”, aborda o tema do desenvolvimento das cidades e é dinamizada pela arquiteta Susana Bicho em torno do livro “Popville”. A terceira, “Eu espero”, diz respeito ao livro com o mesmo nome e é uma oficina de escrita sobre o sonho e a esperança, temas abordados na história *Eu espero* (2008). A quarta oficina trata a temática da edição explicada às crianças, desde a ideia do autor para escrever, passando pela escrita da narrativa, até à produção do livro e pela chegada às mãos do leitor. Ainda nesta oficina, são dados a conhecer os mais bonitos livros desenvolvidos no resto do mundo. Estas atividades constituem uma vertente de promoção do livro e consequentemente da editora e das suas publicações, pois chegam diretamente ao público-alvo.



Imagem 38- Atividades elaboradas pelos alunos

Para além destas, existem outras formas de promoção do livro. Uma delas já foi anteriormente referida - as redes sociais e a internet. É através do seu blogue e do *facebook* da editora que esta dá a conhecer a um grande grupo de pessoas os seus projetos futuros e os seus mais recentes lançamentos.

Porém, não menos importante é a presença das editoras junto do seu público na difusão da literatura e no combate à iliteracia, atuando diretamente no terreno em escolas, bibliotecas, junto dos alunos, alimentando o gosto pela leitura e descobrindo o caminho para conhecerem os livros Bruaá. Desta forma, não só os editores conseguem levar o seu trabalho até aos leitores, mas despertam neles o gosto pela leitura e pelos livros de uma forma dinâmica e inovadora.



Imagem 39- Oficina de Poesia na Biblioteca Municipal de Arouca

As presenças nas feiras dos livros são também um passo muito grande para uma editora. O que se vê acontecer nos últimos anos é uma cooperação entre um grupo de pequenas editoras que se juntam num mesmo *stand* de vendas - a Prodidático - e, conseguem, assim, reduzir os custos e tornar possível a sua participação nas feiras que desejam. Dado que todas estas pequenas empresas acabam por não ser concorrentes entre si, é perfeitamente compreensível que exista este espírito de entreajuda para que possam levar a literatura para a infância mais longe. Muitas das vezes, nestas feiras, acabam por não expor apenas os seus livros, mas também dinamizar atividades em torno das suas histórias e publicações para o público interessado. Mais uma vez, vemos o elo de editor cada vez mais próximo dos pais que levam os seus filhos a participar nestas atividades e assim estar mais perto dos interessados pelo trabalho desenvolvido.



Imagem 40- Editora Bruaá na Feira do Livro de Coimbra (maio 2014) e Figueira da Foz (agosto 2014)

Para Miguel Gouveia, é crucial levar uma editora até à Feira Internacional do Livro Infantil de Bolonha, pois é lá que se realizam os maiores negócios, daí que, nos dois últimos anos, tenha levado a Bruaá até lá para agendar reuniões com os editores de forma a conseguir a venda de direitos dos seus livros, para que estes sejam publicados no estrangeiro. Portugal, sendo um pequeno mercado e com o aumento da oferta a acontecer, para além do atual contexto económico, vê as vendas a baixar, daí a necessidade de tentar conseguir atuar noutros mercados. Na Bruaá, já venderam dez direitos, um acontecimento de extrema importância, pois é desta forma que conseguem subsistir financeiramente no mercado. Desde o primeiro ano em que participaram na feira, aperceberam-se de que há uma dedicação imensa por parte dos outros editores àquele acontecimento, o que faz com que o livro infantil ganhe todo o protagonismo e os editores estejam atentos aos projetos que lhes querem mostrar. Neste sentido, Miguel Gouveia sublinha a importância de estar na feira pessoalmente para poder apresentar, ler a história e mostrar o livro a quem gosta do seu catálogo e a quem se interessa pelos seus trabalhos. Sendo as vendas de direitos uma mais-valia para a editora em termos de visibilidade da marca e também em termos financeiros, a Bruaá aposta cada vez mais na elaboração de originais.

h. Projetos Futuros

No catálogo da Bruaá, como já vimos anteriormente, encontramos apenas dois livros com ilustradores portugueses, porém, ainda este ano esta situação irá mudar. Miguel Gouveia sente que existe um carinho muito grande pelos autores e ilustradores portugueses, pelo trabalho nacional e, por essa razão, faz parte dos projetos correntes a publicação de um autor português. Com uma vasta colaboração, como ilustrador, com os livros de Leonel Neves, Tossan foi um caricaturista, *designer* e cenógrafo português que possivelmente estará um pouco esquecido, segundo o editor. A Bruaá irá, ainda este ano, publicar *O Cão Pêndio*, um livro que funciona como um jogo de palavras com a palavra cão. Tossan será assim o primeiro autor português a integrar o catálogo da Bruaá e a marcar o início de uma possível mudança nas tendências a publicar. As ilustrações também são suas.

No ano seguinte, em 2015, já têm previstas três publicações, uma de um autor brasileiro que terá ilustrações de uma artista espanhola e um outro livro de uma autora russa. O terceiro livro será uma aposta num texto que a editora recebeu e no qual resolveu apostar. De um leque de muitos *emails* e correspondência que chega diariamente à Bruaá, este texto captou a atenção dos editores. Irá ser a única publicação, em seis anos de funcionamento, que receberam e para cuja edição decidiram avançar.

Acerca da escassez de projetos portugueses no catálogo, o editor refere que esta se deve ao facto de não receberem textos que captem a sua atenção e provoquem a vontade de os publicar. Existe uma grande oferta que toca à ilustração e recebem portfólios de qualidade, porém, como não editam livros sem texto, não podem desprezar esta componente.

6. Conclusões

Ao refletirmos sobre o mercado editorial em geral, entendemos que a situação atual acarreta consigo, atualmente, uma série de dificuldades e que, após um período de mudança, com a unificação das editoras em dois grandes grupos que lideram as vendas de livros em Portugal, o mercado se encontra desenhado de uma forma bastante comercial. Porém, a grande oferta que estes grupos têm não é completamente capaz de responder às necessidades existentes, principalmente às de um público leitor mais exigente e que não se satisfaz com *bestsellers* e livros comerciais.

Assim, por existirem espaços no mercado, aos quais os grandes grupos não respondem nem pretendem responder - pois devido à sua dimensão de negócio não veem rentabilidade nesse processo - há pequenas casas editoras que desenvolvem o seu plano de negócio a partir daí, trabalhando em nichos de mercado, com temas muito específicos, dirigindo-se a um público leitor especializado e com uma estratégia de diferenciação. Pudemos verificar que, de uma forma geral, as pequenas editoras, que subsistem com este princípio de funcionamento, apostam em áreas menos desenvolvidas do mercado, contribuindo com publicações e projetos que visam dar respostas a essas necessidades. Há uma questão fundamental para o sucesso que tem a ver com a diferenciação que caracteriza o projeto da editora dentro do mercado editorial, de forma a ser viável e sustentável no meio.

Ainda que dentro do mercado editorial existam dificuldades e sérios obstáculos a ultrapassar, pudemos verificar que a literatura para a infância é um setor em grande desenvolvimento do mercado e que, nos últimos anos, tem vindo a ser alvo de um crescente interesse por parte de autores, ilustradores e das próprias casas editoriais. Há um incentivo à leitura com a dinamização das bibliotecas, com o incentivo dos professores e educadores, com a criação do Plano Nacional de Leitura, com a criação de editoras especializadas no setor. A literatura para infância atrai um grande número de autores prestigiados que antes não escreviam para a infância, para além de ilustradores portugueses reconhecidos internacionalmente. Assiste-se igualmente a uma maior presença das editoras portuguesas nas feiras internacionais especializadas no universo infantojuvenil, com ofertas de grande qualidade. As novas técnicas de impressão, que permitem abordagens

inovadoras ao livro, apresentam-se, cada vez mais, de acesso mais fácil, o que permite um maior número de livros editados e auxilia o processo da edição, aumentando a qualidade e quantidade de livros, bem como otimizando a relação qualidade preço.

De entre as várias fragilidades do mercado editorial atual, damos especial destaque à questão da distribuição, que é considerado um dos maiores obstáculos em todo o processo de edição e que se revela como sendo a fatia mais dispendiosa na chegada dos livros aos livreiros e que pode comprometer a empresa e a sua rentabilidade. Ao falarmos da distribuição, esta representa uma margem de 60% no mínimo, o que, no caso da Bruaá, levou a editora a optar por realizar a sua própria distribuição, contornando estes custos e tendo, além disso, a vantagem de possuir um maior controlo sobre as encomendas, os livros que distribuiu e a forma como os coloca no mercado junto dos livreiros. Ainda que uma empresa de distribuição projete mais facilmente a editora no mercado e consiga uma visibilidade maior, a Bruaá optou por saber em que mãos coloca os seus livros.

Miguel Gouveia, editor da Bruaá, sente uma certa pressão ao aperceber-se de que há livros que vendem mais do que os seus apenas porque têm um aspeto mais comercial, descuidando o texto e vendendo apenas pelas tendências atuais do mercado, porém, afirma que é desta forma que pretende distinguir-se e estar presente no mercado com algo inovador e que fuja dos padrões já existentes e gastos. Esta questão transporta-nos para a situação atual e que se reflete nas estantes das livrarias: a saturação do mercado devido à publicação excessiva e ao ritmo célere de publicação atual. Todos os dias há novidades a chegar às livrarias, o que pressiona as editoras a publicar cada vez mais, de forma a estarem presentes no mercado. Por esta razão, sobra muito pouco espaço para a novidade: os temas repetem-se, as capas são todas muito similares, os autores são sempre os mesmos, o que faz com que, em termos de oferta, as ideias sejam repisadas e não haja espaço para temas e abordagens novas. É com base nesta perspetiva que Miguel Gouveia fundamenta a falta de autores portugueses no seu catálogo, pois não encontra ideias nem textos de qualidade que o façam querer publicar, ainda que no presente ano e no seguinte o catálogo vá incluir alguns autores portugueses. Veja-se, ainda, a problemática da oferta em demasia para a procura existente. Em Portugal, o mercado editorial é pequeno mas, ainda assim, o ritmo de edição é célere, o que faz com que os canais de venda se saturem.

Outra situação que condiciona o ritmo de publicação da Bruaá, e da maioria das pequenas editoras, é a falta de pagamentos por parte dos seus clientes que deixam arrastar

as contas e prolongam os prazos de pagamento, condicionando todo o funcionamento da editora e colocando em causa a publicação de novos títulos, o número de tiragens e a contratação de novos colaboradores. Esta situação gerou uma mudança de comportamento na forma como este processo funciona, fazendo com que a editora parasse de enviar livros confiando nos livreiros, adotando métodos mais seguros para a editora.

Durante o processo editorial na Bruaá, uma das maiores dificuldades ligadas à criação dos livros está na tradução dos textos, cujo original pode estar em diversas línguas, para português. De acordo com Miguel Gouveia, que está encarregado desta missão dentro da editora, por vezes é um desafio muito grande fazer a tradução de um texto porque deverá manter-se fiel ao original e às intenções do autor. Há, ainda, situações mais complexas, como a tradução de poesia, ou ainda particulares tipos de escrita, muito específicos, de certos autores que usam determinados recursos estilísticos, expressões idiomáticas ou ainda registos literários desafiantes. A acrescentar a esta situação, o tradutor nunca se pode esquecer que está a traduzir para a infância e que essa questão, só por isso, já traz uma certa responsabilidade, pois tem que se adequar ao público-alvo.

Com a criação de uma livraria própria, no corrente ano de 2014, a Bruaá inaugurou um espaço onde pretende ter, além das suas publicações, as de outras pequenas editoras que considera terem trabalhos de qualidade. Há ainda o objetivo de alargar a oferta do espaço, onde pretendem cruzar variados gostos, de modo a que se torne um espaço de referência para as famílias, não só no que toca ao universo dos livros, mas também dos jogos didáticos, peças de decoração, entre outros. O objetivo para a criação deste espaço pretende ser a visibilidade que irá dar às publicações da Bruaá, às publicações para a infância feitas no nosso país e, ainda, um espaço de partilha de experiências entre autores e leitores, com a realização de horas do conto, de oficinas de escrita, de atividades variadas pensadas para os leitores.

Concluimos, ainda, que um elemento importante para a subsistência das pequenas editoras, e no qual estão a investir cada vez mais, é a venda de direitos. A Bruaá tem apostado e irá desenvolver mais a vertente da criação de originais para que possa vender os direitos destes projetos em feiras internacionais. Esta situação faz com que consigam gerar rentabilidade a partir das suas publicações e pode dizer-se que é parte fulcral no suporte financeiro da empresa, de forma a garantir a sua conservação e permanência no mercado.

No panorama atual, existiam questões que se impunham e sobre as quais procurámos responder ao longo deste trabalho. No que toca ao universo editorial, a escassez de publicações na área é limitadora, não só numa visão geral do mercado, mas também no que toca à edição do livro para a infância. Desta forma, a motivação para elaborar um contributo neste sentido é imensa e qualquer publicação que se faça é de extrema importância para que o mercado possa ser alvo de mais estudos e investigações que contribuirão, certamente, para resultados proveitosos no avanço da edição no nosso país.

Neste trabalho, foi usado o método de análise de um exemplo prático de forma a vermos respondidas e fundamentadas muitas das questões que tínhamos e que incentivaram a nossa reflexão. O contacto direto com a editora Bruaá, por meio de uma entrevista, foi fundamental para percebermos de que forma a editora se posiciona no mercado, quais as suas motivações, os seus princípios e as suas principais dificuldades na abordagem do mercado durante todo o processo de edição. Após esta análise fica a vontade da realização de um trabalho mais aprofundado no tema, aprofundando e alargando a investigação de modo a poder incluir outras pequenas editoras e, num projeto mais ambicioso, os grandes grupos, caracterizando, de forma alargada, o panorama da edição para a infância em Portugal.

BIBLIOGRAFIA

APEL (2012). *Estudo do Setor de Edição e Livrarias e Dimensão do Mercado da Cópia Ilegal* disponível em <http://www.apel.pt/gest_cnt_upload/editor/File/EstudodoSetordeEdicaoLivrariaseDimensaodoMercadodaCopiaIlegal_06mar2012.pdf>

ARIÉS, PHILIPPE (1973). *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro.

AZEVEDO, FERNANDO FRAGA DE (2004). *A literatura infantil e o problema da sua legitimação* disponível em <<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/2854/1/Literatura%20Infantil.pdf>>. Universidade do Minho.

BASTOS, GLÓRIA (1999). *Literatura Infantil e Juvenil*. Lisboa. Universidade Aberta.

BEJA, RUI (2012). *A Edição em Portugal 1970-2010: percursos e perspectivas*. APEL.

BLOGUE TANTAS PÁGINAS (2012). *Bruaá: «Nós somos o caracol na beira da estrada que vê passar a corrida das grandes editoras»* disponível em <<http://tantaspaginas.wordpress.com/2012/01/27/bruaa-nos-somos-o-caracol-na-beira-da-estrada-que-ve-passar-a-corrida-das-grandes-editoras/>> (consultado a 1-8-2014)

DIÁRIO DIGITAL (2010). *Bags of Books, uma nova editora dedicada ao livro ilustrado* disponível em <http://diariodigital.sapo.pt/news.asp?id_news=485148> (consultado a 5-8-2014)

DIREÇÃO GERAL DOS LIVROS E DAS BIBLIOTECAS (s.d.). *Lista de vencedores e menções honrosas 1996/2012* <http://www.dglb.pt/sites/DGLB/Portugues/premios/premiosAtribuidosDglb/Documents/Listagem_PNI_Vencedores_e_Men%C3%A7%C3%B5es_Honrosas.pdf> (consultado a 6-6-2014)

DUQUE, BÁRBARA (2010) *Olhar a leitura-literatura para a infância: perspectivas, contextos e práticas* disponível em <http://moodle.fct.unl.pt/pluginfile.php/130809/mod_data/content/10082/projecto_d_e_tese_Barbara_Duque.pdf>

FERNANDES, CATARINA (2013). *A Edição do Álbum Ilustrado: Relatório de Estágio na Kalandraka*.

FURTADO, JOSÉ AFONSO (2009). *A edição de livros e a gestão estratégica*. Lisboa. Booktailors.

GENS, TERESA (2011). *Bruaá Editora - A vida em letras* disponível em <http://www.jornaldenegocios.pt/empresas/pme/detalhe/bruaaacute_editora___a_vida_em_letras.html> (consultado a 1-8-2014)

JORNAL DE NOTÍCIAS (2008). *Livros: Editora Bruaá estreia-se na literatura infanto-juvenil com "A Árvore Generosa", inédito em português* disponível em <http://www.jn.pt/PaginaInicial/Interior.aspx?content_id=923601>

JORNAL EXPRESSO (2010). *Livro Infantil: Bruaá edita "Lágrimas de Crocodilo", de André François* disponível em <<http://expresso.sapo.pt/livro-infantil-bruaa-edita-lagrimas-de-crocodilo-de-andre-francois=f576393>> (consultado a 5-8-2014)

JORNAL PÚBLICO (2014). *Mais de 180 obras portuguesas apoiadas em 2013 para publicação no estrangeiro* disponível em <<http://www.publico.pt/cultura/noticia/mais-de-180-obras-portuguesas-apoiadas-em-2013-para-publicacao-no-estrangeiro-1619525>> (consultado a 2-2-2014)

LUZ, ANA MAFALDA (2010). *Do Projecto à Edição Infantil: Lupa Design e Planeta Tangerina*.

NASCIMENTO, CLÁUDIA, BRANCHOR, VANTOIR E OLIVEIRA, VALESKA (2008). *A Construção social do conceito de infância: uma tentativa de reconstrução historiográfica*. Universidade Federal Santa Maria

NOVOS LIVROS (2011). *Gato na Lua: a nova editora de álbuns ilustrados infantis e juvenis* disponível em <<http://novoslivros.blogspot.pt/2011/07/gato-na-lua-nova-editora-de-albuns.html>> (consultado a 6-6-2014)

PIMENTA, RITA (2011). *Ruído na Edição Infantil* disponível em <<http://www.slideshare.net/mrvpimenta/miudos-16-0111-bruaa>>

PIMENTA, RITA (2012). *Gatafunho: Livros ao vivo no Chiado* disponível em <<http://www.slideshare.net/mrvpimenta/pg-midos-gatafunho-220112>> (consultado a 1-8-2014)

PIMENTA, RITA (2012). *Os melhores desenhos para crianças* disponível em <<http://www.slideshare.net/mrvpimenta/midos-ilustrarte-080112>>

PIMENTA, RITA (2014). *A melhor ilustradora para a infância com menos de 35 anos é portuguesa* disponível em <<http://www.publico.pt/cultura/noticia/catarina-sobral-a-melhor-ilustradora-para-a-infancia-e-portuguesa-1631308?page=3#/0>> (consultado a 1-6-2014)

PORTAL GALEGO DA LÍNGUA (2011). *Eva Mejuto, da OQO Editora: «Desde o início apostamos por trabalhar com autores e ilustradores portugueses»* disponível em <<http://www.pglingua.org/noticias/entrevistas/3597-eva-mejuto-da-oqo-editora-ldesde-o-inicio-apostamos-por-trabalhar-com-autores-e-ilustradores-portuguesesr>>

RAMOS, ANA MARGARIDA (2007). *Livros de palmo e meio: Reflexões sobre literatura para a infância*. Lisboa. Caminho.

RAMOS, ANA MARGARIDA (2012). *Tendências contemporâneas da literatura Portuguesa para a infância e juventude*. Tropelias e Companhia.

RATO, VANESSA (2013). *Tentamos que os livros sejam um elo de ligação entre pais e filhos* <<http://www.publico.pt/cultura/noticia/planeta-tangerina-eleita-a-melhor-editora-europeia-de-livros-para-a-infancia-1589275#/0>> (consultado a 1-6-2014)

RISCADO, LEONOR (s.d.). *A crítica literária de literatura infantil e as escolhas do público* disponível em <http://www.casdaleitura.org/portalfbeta/bo/documentos/ot_cri_escolhas_lriscado_a.pdf>

RODRIGUES, CARINA (2007). *Literatura para a infância em Portugal: conceptualização e contextualização histórica* disponível em <<http://editora.unoesc.edu.br/index.php/visaoglobal/issue/view/42/showToc>>

RODRIGUES, CARINA (2008). *O livro no jardim-de-infância: Um olhar sobre a obra de Luísa Ducla Soares*.

RODRIGUES, CARINA (2009). *O álbum narrativo para a infância: Os segredos de um encontro de linguagens* disponível em <http://195.23.38.178/casdaleitura/portalfbeta/bo/documentos/ot_o_album_narrativo_para_a_infancia_b.pdf>

SCHIFFRIN, ANDRÉ (2006). *O negócio dos livros: como as grandes corporações decidem o que você lê*. Rio de Janeiro. Casa da Palavra.

SILVA, JOSÉ MÁRIO (2014). “*Boom*” ou “*Bang*”. Revista Atual, Expresso.

SILVA, SARA REIS DA (2008), «O caso da Bruaá – Caminhos e atalhos da edição para a infância em Portugal», in Primeiro de Janeiro, 21 de julho de 2008, disponível em <http://bruaa-editora.blogspot.pt/2008/07/o-caso-da-editora-bruaa-caminhos-e.html>.

VAHIA, LIZ (s.d.). *Entrevista a Carla Oliveira (Orfeu Negro)* disponível em <<http://www.artecapital.net/entrevista-164-carla-oliveira>> (consultado a 1-8-2014)

SITES CONSULTADOS

EDIÇÕES ETEROGÊMEAS, «livros», «autores»
<<http://www.eterogemeas.com/>> (consultado a 3-9-2014)

EDITORIA ALFAGUARA, «catálogo»
< <http://www.alfaguara.com/> > (consultado a 3-9-2014)

EDITORIA BAGS OF BOOKS, «livros», «catálogo»
< <http://www.bags-of-books.pt/bags-of-books/inicio.html>> (consultado a 3-9-2014)

EDITORIA BRUAÁ, «sobre nós», «os livros», «encomendas», «blogue», «contactos» < <http://www.bruaa.pt/>> (consultado a 3-9-2014)

EDITORIA CAMINHO, «a editora», «catálogo»
<<http://www.caminho.leya.com/pt/>> (consultado a 3-9-2014)

EDITORIA GATAFUNHO, «livros gatafunho»
<<http://www.livrosgatafunho.com/>> (consultado a 3-9-2014)

EDITORIA GATO NA LUA, «sobre nós», «os livros»
< <http://gatonalua.pt/>> (consultado a 3-9-2014)

EDITORIA KALANDRAKA, «projeto kalandraka», «catálogos»
<<http://www.kalandraka.com/pt/>> (consultado a 1-6-2014)

EDITORA OQO, «sobre a editora», «catálogo» <www.oqo.es/editora/pt-pt>
(consultado a 1-6-2014)

EDITORA ORFEU, «autores», «livros»
<<http://www.orfeunegro.org/prev/index.php>> (consultado a 3-9-2014)

EDITORA PATO LÓGICO, «editora», «autores», «livros»
<<http://www.pato-logico.com/>> (consultado a 3-9-2014)

EDITORA TCHARAN, «autores», «livros»
<<http://www.tcharan.pt/>> (consultado a 3-9-2014)

EDITORA TRINTA POR UMA LINHA, «sobre nós», «loja»
<<http://www.trintaporumalinha.com/>> (consultado a 3-9-2014)

GRUPO BERTRAND CÍRCULO, «quem somos», «editoras»
<<http://www.grupobertrandcirculo.pt/>> (consultada a 30-12-2013)

GRUPO LEYA, «editoras», <<http://www.leya.com/pt/>> (consultada a 30-12-2013)

GRUPO PORTO EDITORA, «sobre nós», <www.grupoportoeditora.pt>
(consultada a 30-12-2013)

PLANETA TANGERINA, «livros», «autores», «editora»
<<http://www.planetatangerina.com>> (consultado a 3-9-2014)

ANEXOS

1. Guião da Entrevista Editora Bruaá

2. Entrevista Editora Bruaá

Guião da Entrevista Editora Bruaá

A Bruaá

1. Como surgiu a Bruaá?
2. Porquê a edição de livros para a infância?
3. Que critérios usam para a escolha dos livros que publicam? Quais as vossas principais preocupações?
4. Sente que há clientes que compram as vossas publicações pela confiança que depositam no trabalho que desenvolvem?
5. A Bruaá não é só uma editora. Presta também serviços de *design*. É esta segunda componente essencial para a subsistência da empresa?
6. Em que feiras internacionais já estiveram presentes? É esta uma parte importante na difusão da Bruaá?

Edição e Distribuição

7. Como é feita a distribuição dos vossos livros pelos canais de venda?
8. Como se processa a edição de um livro na Bruaá?
9. Como se negociam os direitos para a edição de um livro? É um processo difícil?
10. A Bruaá dedica-se maioritariamente a tradução de livros. É difícil traduzir livros para a infância? Com que dificuldades se depara?
11. O livro *O Arenque Fumado* (2011) e *Esqueci-me Como se Chama* (2011) foram ilustrados por portugueses. Consideram a integração de mais ilustradores ou até autores portugueses, futuramente, no vosso catálogo?
12. No presente ano de 2014, abriram a livraria. É uma livraria de literatura para a infância ou a livraria exclusiva das publicações Bruaá?
13. Sente que é importante para um editor estar perto do público leitor? Que meios usam para que isso aconteça?

14. Agora no papel de livreiros, para além do de editor, conseguem detetar e perceber os problemas do mercado no que toca à edição/distribuição dos livros?
15. Qual deverá ser a posição e o comportamento a ter de uma pequena editora numa área dominada por grandes grupos?
16. Quais os vossos planos para o futuro em termos de publicações? Irão manter-se com a mesma linha editorial?

O Mercado Editorial Atual

17. Sente que há uma relação de entreaajuda entre as pequenas editoras ou pelo contrário há uma relação de concorrência?
18. O que mudou na Bruaá e no mercado editorial desde que fundaram a editora?
19. A nova visão como livreiros mudou a forma como viam o mercado editorial? Deu-vos outra visão para a publicação de novos livros no futuro?
20. Para concluir... A edição para a infância está de boa saúde?

Entrevista Editora Bruaá

Intervenientes: Miguel Gouveia (M.G) e Joana Dias (J.D)

Local da Entrevista: Loja Bruaá no CAE – Centro de Artes e Espetáculos da Figueira da Foz

Data: 10.09.2014

Duração: 1:55:35

J.D. Como surgiu a Bruaá?

M.G. Eu era professor de inglês/português já há dez anos e a Cláudia era *designer* e ainda é. É uma situação um pouco comum: eu estava farto de andar com as malas para trás e para a frente porque estava em Lisboa, a Cláudia continuava em Coimbra e então num período já de grande cansaço pensámos no que poderíamos fazer que nos pusesse juntos e onde fizéssemos algo que gostássemos. Foi quando começou a germinar a ideia da editora e do *design* porque seria uma maneira de juntar duas coisas que estão relacionadas.

J.D. Mas o Miguel não estava de maneira nenhuma ligado aos livros...

M.G. Só na parte do ensino. É a única ligação. E tudo o que implicava e ainda implica a gestão de uma editora é um longo processo de aprendizagem. Fomos perguntando, fomos falando com outros editores, lojas, para tentar perceber como é que funcionava todo este mundo antes de fazermos o plano de negócios. Eu também estive sete anos num colégio inglês e a biblioteca deles abriu-me um pouco os olhos, porque a biblioteca portuguesa era uma migalha comparada. De facto havia títulos e autores que eu nunca tinha visto publicados aqui em Portugal e que, de facto, me aguçavam o apetite para criar qualquer coisa. Eu lia livros e pensava “porque é que isto não está publicado cá”, por exemplo. E ao fim ao cabo, é uma questão de justiça intelectual para os nossos miúdos porque, agora aconteceu um grande *boom* de literatura infantil e a oferta está bastante generosa, mas até aí há uns cinco, dez anos atrás vê-se um mercado dominado por meia dúzia de nomes como José Jorge Letria, Luísa Ducla Soares, Alice Vieira e eram sempre os mesmos. Não havia a variedade que se impunha. Ainda há livros que eu considero fundamentais para percebermos mais ou menos o que já foi feito e, até para quem quer começar a escrever para a infância ter uma panorâmica, se bem que hoje com a internet não há desculpa porque há muita informação. No fundo, começou a criar-se aquela ideia de que há aqui um

nicho por explorar com autores fantásticos, livros incríveis e ninguém está a fazer isso. Havia, uma das minhas referências ainda hoje, a Planeta Tangerina, mas é um projeto totalmente autónomo, com características muito próprias, mas a nível do livro estrangeiro traduzido não. Os livros Horizonte, por exemplo, faziam, o Rogério de Moura que foi um grande editor e que agora é a filha Catarina que é a editora dos livros Horizonte e que já tinham posto em Portugal propostas muito, muito boas. E havia um ou outro, só depois comecei a prestar mais atenção a quem já tinha feito o quê. A Kalandraka instalou-se aqui porque “em terra de cego, quem tem olho é rei” e basta olhar para o catálogo da Kalandraka e percebermos o tanto que eles já nos deram, mas mesmo assim achámos que ainda há aqui um caminho que alguém pode ocupar. E foi assim, a partir de um cansaço que eu adorava e tenho muitas saudades de dar aulas, que nasceu a Bruaá. Apesar de agora, com a editora, ainda consigo estabelecer contacto com os alunos e com as escolas, embora não seja substituto, mas enfim. Ao fim e ao cabo, permitir que estivéssemos juntos, porque estávamos num casamento de fim de semana. Tinha um emprego fantástico, num colégio privado, daqueles empregos para toda a vida. Há dias em que me fustigo com a decisão mas acho que o dinheiro não é tudo, não acho, tenho a certeza.

J.D. O facto de começarem com as traduções, nasceu do contacto do Miguel com os livros do colégio...

M.G. Sim, havia já um contacto anterior, se bem que não comparável ao que depois, com a pesquisa de mais autores, me deu. Mas sim, foi esse crescente sentimento que falta aqui muita coisa e acho que temos público. Eu acho que as pessoas deviam estar saturadas de comer sempre arroz com feijão e para isso acontecer de forma nova e original quisemos que fosse “A Árvore Generosa”. Estranhávamos muito que ele ainda não tivesse sido publicado cá e quisemos começar com algum impacto. Esse e tantos outros, que de facto não se percebe onde andam os editores e se eles andam aí, andam com uma ideia completamente errada do que o público quer. Se bem que, apareceu a Bruaá, apareceu a Orfeu Negro, apareceu a Bags of Books, uma série delas que começaram a fazer moça, e nalguns nota-se uma tentativa de sofisticação nalgumas escolhas. Porque o público torna-se mais exigente a partir do momento em que lhe derem mais e melhor. Se lhe dermos o tal arroz e feijão eles só conhecem isso e não pedem mais. É esse o papel das pequenas editoras.

J.D. A seguinte questão já acaba por estar respondida, sobre o porquê dos livros para a infância...

M.G. Para já é uma arte muito difícil escrever, ilustrar e editar livros para a infância. É uma eterna discussão. Todos falam de livros para crianças mas quando se pede para definir o que é isso, é o cabo dos trabalhos. O livro dito para crianças, é uma invenção recente, com um par de séculos, e quando se tem esta nova visão da criança, como um ser com necessidades diferentes... Mas é um mundo fascinante e, por ser tão fascinante e desafiante é, por um lado por essa falta de oferta, por outro é uma área muito desafiante e só quem achar que é fácil é que não consegue perceber que, de facto, a infância, como dizia o poeta é “outra coisa”. Não o que as pessoas pensam porque, nós enquanto adultos, temos esta ideia romantizada da infância. Acho que todos nós já nos esquecemos de todos os medos, anseios, horrores, humilhações pelos quais passámos em crianças e portanto sempre que aparece um livro com um tema mais puxado e com ilustrações mais sofisticadas pensam “isto não é para crianças”. Acham que os livros para crianças são os coelhinhos, os ursinhos, as mensagens coloridas com finais felizes e no fundo, hipócritas. Muitos dos autores são, no fundo, hipócritas porque escrevem e ilustram para manter a vida escondida.

J.D. Aliás, muitas das fábulas, na sua versão original, tinham finais muito duros e as adaptações mudam por completo esses finais...

M.G. Completamente. Por isso eu acho uma área muito, muito estimulante porque há uma grande pressão. Porque ao fim ao cabo, isto é um negócio de adultos: o escritor, o editor, o vendedor.

J.D. Até o cliente final é adulto.

M.G. A criança é o último recipiente e ela só recebe o livro depois de ele ter passado por vários censores porque somos todos censores, quer queiramos quer não. Um escritor quando escreve é censor, porque em vez de escrever uma palavra pensa que será o avô, a tia e o pai que se vir aquela palavra já não o comprará. O ilustrador sabe que se mostrar uma pilinha ou uma maminha, os pais não vão comprar. Nos EUA eles censuram mesmo o livro, por exemplo *Na Cozinha da Noite* de Sendak, em que o miúdo aparece ali a voar todo nu. Tudo o que apareça nudez é censurado, mas isso é uma galáxia à parte. Mas por tudo isso, por essa pressão desta visão do que é a infância, e o que de facto ela é, é aqui que se joga o desafio desta área. E por isso acho muito estimulante redefinir o que é a literatura para a infância que ao fim ao cabo é literatura e ponto final. Simplesmente é uma outra

forma de narrar, que tenha esse diálogo entre a ilustração e o texto que adiciona ainda mais fascínio à coisa e trabalhar um pouco contra essa visão paternalista que todos os adultos, mesmo da área da literatura, têm face à literatura para a infância, porque não a conhecem, porque não a leem e ainda mantêm essa visão muito caduca do que é escrever para a infância.

J.D. Que critérios usam para a escolha dos livros que publicam? Quais as vossas principais preocupações?

M.G. O texto. Pode vir a melhor ilustração do mundo mas se tiver um texto que não aporta nada de novo, sendo que já tudo foi escrito, na minha opinião, embora nem tudo foi feito com o que se pode escrever. É uma coisa que está para acontecer, tanto na literatura adulta, embora quem o faça é apelidado e rotulado de “escritor difícil” porque ainda se escreve como em pleno séc. XIX se escrevia- narrações com principio, meio e fim, relações sociais absolutamente normais e banais- é sempre a mesma coisa, com esta ou aquela variação. Agora, pegar num texto, em ideias e como se apresenta isso, é totalmente diferente e essa capacidade de escrita só a tem quem lê muito, quem tem uma visão panorâmica de tudo o que foi feito e se está a fazer no mundo inteiro, coisa que é muito raro acontecer. As pessoas têm esta noção de facilidade do que é escrever para crianças, no fundo pensam que escrever é fácil, de uma maneira geral. Toda a noção de criação hoje em dia está envolta nesta noção de facilidade.

J.D. Até a facilidade de quem escreve se intitular autor/escritor...

M.G. Sim, há gente que acha que porque escreve é escritor, sendo que o escritor é um pouco mais do que isso, mas enfim... Mas acima de tudo é o texto, seja por uma simplicidade aparente que demonstra um grande estudo por trás, seja por uma novidade qualquer pela forma como escreve e pela forma como interage com a ilustração, no nosso caso, porque aí os escritores ainda têm mais uma ferramenta que têm de dominar que é anularem-se, muitas vezes, para deixar sobressair a ilustração e saber fazer esse diálogo. Nem todos sabem fazer isso. Há quem escreva sem imaginar o trabalho que cabe à ilustração de narrar também. Por isso é muito raro o texto que nos agarra, principalmente porque acho que todos os editores devem ser grandes leitores para perceberem toda a ideologia que está por trás de um texto, que é um capítulo fascinante da literatura infantil – a ideologia latente ou mesmo desavergonhada que muita gente usa para dizer o que pensa das coisas. Muito de quem nos escreve e envia originais, tem essa ideia romantizada e

errada do que é ser criança e mostra um mundo almofadado que não existe. Mas estamos numa fase incrível da noção do que é ser criança. O texto agarra-nos, o que o texto demonstra. E nota-se quem trabalha nesse sentido. Estamos a trabalhar há seis anos e vamos editar o primeiro texto que nos foi enviado (e já nos foram enviadas dezenas ou centenas). Houve um texto que nos foi enviado o ano passado e nós vamos publicá-lo. O resto têm sido descobertas feitas por nós.

J.D. Isso vai ser então uma grande aposta, uma vez que vão sair um pouco da vossa linha editorial...

M.G. Até agora temos comprado direitos, mas também temos feito bastante originais, sendo, republicações, como estes dois últimos do Ivan Chermayeff que foram publicados nos anos 60 nos Estados Unidos e nós conseguimos cópias, lemos os textos e achámos fabulosos. Outro como *A Rainha das Rãs que não Podia Molhar os Pés* (2012), o *Arturo* (2012). Só para perceberes que de todos estes textos que nos enviaram, só um é que... E já tivemos ofertas de pessoas famosas! Mas escreviam tão mal. Podíamos vender muito, ganhar muito dinheiro, mas perdíamos a nossa credibilidade. Os editores dos grandes grupos são gestores, há pouco tempo saiu um livro editado pela Letra Livre do Andre Schiffrin, que é filho de um grande editor francês e basicamente é um livro que explica como os grandes grupos hoje operam e como se despedem editores para se colocarem gestores. Há metas e como qualquer empresa, querem chegar lá. Se quiserem editar um livro do João Manuel, toda uma mesa se senta, a contabilidade, o marketing e pesam os prós e os contras. Ninguém está para aturar escritores experimentalistas e se eles saem, saem por pequenas editoras. Penso que sempre foi assim e sempre será. O que mais me interessa é a forma como as pessoas escrevem e o escritor é isso, se joga dentro de fórmulas e a literatura infantil está cheia delas, se um livro vende tudo bem. Um bom escritor é aquele que cria, que é um incompreendido. A literatura infantil precisa de frescura, de ideias nos textos, mas a maioria são fórmulas. O que nos agarra é isso, é como os cometas, é um de vez em quando mas temos que estar atentos.

J.D. Sente que há clientes que compram as vossas publicações pela confiança que depositam no trabalho que desenvolvem?

M.G. Sim, olhando para as vendas e para a nossa nula publicidade, é o *site*, o *facebook*, o *twitter* e os livros vendem-se e portanto sim, há um grupo fiel.

J.D. E também há muita gente a escrever sobre vocês...

M.G. Sim, também temos notado que a nível de imprensa temos muita atenção, no pouco e cada vez menor espaço que há para a crítica e recensão de livros... Agora sentimos também a crise, não somos exceção. Acima de tudo, sentimos um grande carinho porque nós não saímos do escritório a não ser um convite de uma escola. Nós somos duas pessoas e é muito difícil e acho que não temos que fazer mais do que fazemos. Há editores que montam um circo à volta de si mesmos e que já não é suficiente escrever o livro, que publicam um livro e têm que andar a falar e a explicar o que escreveu. Ora, se isto acontece é porque ninguém percebeu o que andaste a escrever. O escritor escreve, o editor edita, o leitor lê, mas hoje em dia há toda uma *performance* à volta deste processo. Os livros devem falar por si e os leitores devem avaliar. Nós, e voltando à questão anterior, queremos desafiar a ideia de literatura infantil e pensar o que é que um pai ou um adulto com uma criança a lerem aquele livro e os dois se desafiarem naquela leitura, não só a criança, pois há cada vez mais adultos a ler este tipo de livro. E depois, não serem livros tipo *chiclet*, que se lê e deita fora. Há livros que têm boas ilustrações mas o texto não acrescenta nada. Acho que o leitor não deve sair do livro da mesma maneira que entrou.

J.D. Relativamente à parte da Cláudia, quanto ao *design*... É esta componente essencial para a subsistência da empresa?

M.G. Era se tivéssemos clientes. Por um lado a editora, à medida que vamos avançando no tempo, ocupa-nos cada vez mais e deixa menos tempo à Cláudia para ser designer e procurar clientes e trabalhar nessa área. Por outro, continuamos. Ela continua a fazer as capas, os livros, a paginação. Por outro lado, a empresa cresce, somos dois quando precisávamos de ser três ou quatro e essa parte acaba por ficar um bocadinho aquém. Mas ela funciona e está aí. Sim, de vez em quando, quando aparece um trabalho conseguimos equilibrar as contas. No início tínhamos muito trabalho mas lá está, a editora cresce e precisa dos dois.

J.D. Relativamente às feiras internacionais já estiveram presentes nalguma? Sentem que é importante na difusão da Bruaá?

M.G. É sem dúvida muito importante. Portugal é um mercado pequeníssimo, há cada vez mais oferta, as vendas são cada vez menores, também pela crise e no nosso caso e de muitas editoras, a venda de direitos é pão na mesa porque é isso que equilibra de facto as contas. No caso da Bruaá tem sido, porque nós já vendemos direitos não pra muitos, mas já

vendemos dez direitos o que é muito bom como pequena editora e isso só se consegue de facto, indo lá e estando cara a cara. Podes enviar mil *emails* mas também há outros quinhentos editores que estão a enviar emails. Sentares-te, mostrares o livro, leres a história, apresentar, é totalmente diferente do que enviar o pdf. Fomos às duas últimas edições de Bolonha e tivemos que marcar reuniões antes, que é um processo se começa em Dezembro quando aquilo é em Março do ano seguinte. Há pessoas que respondem, outras não porque podem não ver no nosso catálogo nenhuma identificação. É muito, muito importante e percebemos logo isso no primeiro ano. Cada vez tentamos fazer mais originais porque nos primeiros anos só comprávamos direitos e percebemos que se nos queríamos manter à tona tínhamos que começar a fazer originais. E conseguimos: a *A Rainha das Rãs que não Podia Molhar os Pés* (2012) vendeu para seis países, o *Arturo* (2012) vendeu para três, o *Guarda Como um Segredo* vai para França, o *Estava a Pensar para a Coreia* e pronto, são gotas bastante fortes que ajudam a equilibrar as contas. Aliás, no ano passado foi fulcral termos vendido aqueles direitos todos porque senão... E dá muito mais trabalho fazer os originais porque tens de trabalhar tudo de raiz. Se comprares os direitos, enviam-te os ficheiros, tens que fazer a tradução e enviar para a gráfica. Fazer de raiz, para uma equipa de duas pessoas é muito trabalhoso mas depois vale a pena por causa disso.

J.D. Agora quanto à edição e distribuição... Como é feita a distribuição dos vossos livros pelos canais de venda?

M.G. Nós desde o início que somos nós que distribuímos. Um dos nossos grandes medos era a distribuição porque são margens de 60% para cima. E depois é a questão de pegares em mil livros e meteres em mãos de desconhecidos, sem saberes como os tratam, como os apresentam nas lojas. Então decidimos fazer esse sacrifício, se bem que com dois ou três livros, faz-se bem, com vinte livros é diferente. Podíamos ter visibilidade muito mais depressa com distribuição mas também não era rentável. Com o tempo tivemos que mudar a nossa postura para com os livreiros devido à falta de pagamento e às faturas em atraso. Ao longo deste tempo fomos batendo com a cabeça nas paredes, começámos a falar com a Planeta Tangerina, com a Orfeu, para percebermos como faziam.

J.D. Como se processa, depois da escolha, a edição de um livro na Bruaá?

M.G. Depende do estado em que nos chega o texto. Com a ilustração, temos que muitas vezes esperar pelos ilustradores porque normalmente são muito requisitados e não

cumprem os prazos. Mas nós percebemos, porque eles precisam de tempo para criar. Porém é importante termos sempre um projeto previsto, porque se um falhar, há o outro. Isto teoricamente, porque como pequena editora não temos capacidade para ter vários projetos a decorrer ao mesmo tempo. Temos que ter dois ou três no máximo. Decidimos no ano anterior o que vamos publicar no próximo ano, para Bolonha ter uma ideia do que vamos publicar e levar uma maquete, depois a parte do *design* que cabe à Cláudia conjugar tudo, a par com a contabilidade e secretaria. Por vezes torna-se caótico porque posso estar a traduzir e ter outras tarefas pendentes em que pensar. É necessária uma grande disciplina, é um processo demorado mas a partir do momento em que escolhemos um texto, temos que escolher um bom ilustrador para poder casar aquilo tudo. Já recebemos trabalhos que não gostámos e tivemos que optar, já nos aconteceu ter ilustradores muito requisitados e tivemos que abandonar o projeto e isso são coisas que atrasam o trabalho, porque ficamos sem propostas para o próximo ano. Antes dessa procura do ilustrador, pesquisamos muito pelos textos, pela internet encomendamos os livros, há grandes desilusões e há grandes surpresas. Nunca sabemos o que vai vender muito. No fim, reunimos um leque de possíveis editores com quem temos contacto e que gostam do nosso catálogo para poderem ver o projeto. Esse basicamente é o nosso processo.

J.D. Como se negociam os direitos para a edição de um livro? É um processo difícil?

M.G. Sim, porque envolve uma parte jurídica para a qual nós não temos qualquer preparação e tem sido uma aprendizagem muito grande que devemos muito à Monica Bergna, que desde cedo nos adotou e foi-nos dando umas “aulas” de negociação que foram muito valiosas. Fomos percebendo o que cada um pedia e a regatear também. Foi fundamental perceber como eles vendiam, para nós podermos vender da mesma maneira. Eu penso que, quando o editor se apaixona pelo livro da mesma maneira que tu, ele paga, dentro do bom senso. Mas não é fácil, fazer as coisas sem ter um orientador.

J.D. Mas e o contrário? Quando são vocês a comprar direitos?

M.G. Por vezes já está outro editor português interessado no livro que nós queríamos. Ganhamos uns, perdemos outros. O concorrente mais direto que temos é a Orfeu Negro porque temos gostos muito semelhantes e o mercado é muito pequeno. No restante, a única negociação é o preço que nos pedem. Só houve um livro em que não baixaram o preço, ele ainda não foi publicado em Portugal, mas temos que perceber que há mais livros no mundo e ultrapassar, apesar de chorarmos um bocadinho!

J.D. Quanto às traduções? Com que dificuldades se deparam? É difícil traduzir para a infância?

M.G. Sim, principalmente no que toca às rimas. É difícil porque, para já, temos a ilustração a contar também e ao traduzir nunca podemos procurar essa fidelidade ao texto original, embora muita gente faça isso e fique um texto pesado. É preciso uma delicadeza e uma sensibilidade, não desvirtuando o texto de partida, mas não criando uma coisa muito séria. Nesse sentido é difícil chegar a essa musicalidade que o autor quis. Acho que o *Guarda Como um Segredo* (2008) foi um desafio incrível porque a autora escreve com muita musicalidade que é difícil manter no português. Mas ao fim ao cabo tens que fazer uma escolha, cumprir uma data e largar o texto porque nunca está acabado. Mas não considero nada fácil. Da mesma maneira que escrever não é fácil e traduzir é um trabalho de autoria também. Nota-se sempre quando um texto é mal traduzido.

J.D. O livro *O Arenque Fumado* (2011) e *Esqueci-me Como se Chama* (2011) foram ilustrados por portugueses. Consideram a integração de mais ilustradores ou até autores portugueses, futuramente, no vosso catálogo?

M.G. Sim, porque fomos percebendo que, podemos estar errados, mas há um grande carinho pelos autores portugueses e há essa facilidade de eles andarem em tournée pelo país e tudo isso vende os livros. Nós não tendo autores portugueses, só tendo ilustradores, que não são aqueles que normalmente falam, não ajuda muito à divulgação dos livros. Este texto, para o ano, é de uma portuguesa e vamos ter também uma ilustradora portuguesa. Este ano também vamos editar um livro que irá ter texto e ilustração de um autor português que já ninguém se lembra, ele é uma raridade. Chama-se Tossan, foi um caricaturista, *designer*, cenógrafo, literalista, foi muita coisa. Ele ilustrou uma série de livros para o Leonel Neves dos Livros Horizonte, há muito tempo. E ele fez, há cinquenta anos, um livrinho que se chama o *Cão Pêndio*, que são jogos de palavras com a palavra cão. É uma coisa muito inocente mas ao mesmo tempo muito querida. Portanto, vamos fazer esse que vai ser o nosso primeiro autor Bruaá português. Mas o Tossan vai precisar de um certo trabalho de divulgação porque a obra dele está completamente esquecida, eu também não gosto de tudo o que ele fez mas aquele livrinho é muito engraçado. Para além disso vamos ter um autor brasileiro ilustrado por uma espanhola e vamos ter uma autora russa. Mas os portugueses... É porque a nível de texto não tem aparecido nada, a nível de ilustração há de facto muita coisa mas nós não fazemos só livros com ilustração. Este da autora russa é

inspirado numa curta-metragem que ela fez, normalmente faz-se o livro e depois faz-se o filme, aqui foi o contrário. Nós ainda não sabemos se vamos colocar texto ou não vamos, mas iremos decidir. É simplesmente a questão do texto, as coisas que nos enviam... Não temos tido sorte.

J.D. Agora que abriram a livraria... É uma livraria de literatura para a infância ou exclusiva das publicações Bruaá?

M.G. Não. Só nossa não dava, ficavam muitas prateleiras vazias. Tivemos que ter mais coisas, jogos... Nós chamamos-lhe loja porque a ideia é que os miúdos que entrem aqui vejam qualquer coisa para eles e que não tenhamos apenas coisas para as crianças mas que o adulto também veja algo para eles. E a ideia era cruzar os livros com objetos. Por exemplo, temos ali aqueles pássaros de cerâmica que aludem ao livro do *Urso e o Gato Selvagem* e o próprio objeto tem uma história por trás. *O Jardim de Babai* tem ali ao pé dele uns potes em que se pode semear e crescer ervas aromáticas, o que tem que ver com a história em que o cordeiro planta o seu jardim. E sempre que possível iremos fazer essas ligações, com objetos para adultos que os levem para o livro. Era o que há bocado falávamos, o adulto que se senta com a criança a ler o livro, sente-se depois inspirado a pegar no vaso e ir plantar qualquer coisa. Por isso não será só uma livraria queríamos que fosse mais do que isso.

J.D. Sente que é importante para o editor estar perto do público leitor? Que meios utilizam para que isso aconteça?

M.G. Pois, o trabalho é tanto que às vezes não pensamos nisso. Deixamo-nos ir na vaga dos convites, quando alguma escola nos convida tentamos manter esse contacto. Agora com a livraria, vamos tentar que aos sábados haja sempre aqui qualquer coisa, estaremos abertos a sugestões de autores que queiram cá vir. Não temos capacidade para organizar um plano de atividades. Pensamos fazer a hora do conto e estar abertos a propostas de pessoas que queiram cá vir. O resto é as redes sociais, que acaba por ser o ponto de ligação mais forte que temos com o público. Estamos na Figueira e tudo acontece no Porto ou em Lisboa mas vamos tentar que a Figueira fique no mapa, agora que temos o espaço. Já propusemos ao Davide Cali se queria cá vir, ele faz oficinas de escrita e isso seria engraçado porque a Figueira fica a meio caminho. É muito difícil para a nossa numerosa equipa de dois organizar tudo isto. Gostávamos, e ainda por cima estando no CAE e

havendo salas disponíveis, de organizar e fazer porém a lista de coisas é enorme e a capacidade é outra.

J.D. Agora no papel de livreiros, para além do de editor, conseguem detetar e perceber os problemas do mercado no que toca à edição/distribuição dos livros?

M.G. Nós como vamos trabalhar apenas com algumas e não com todas, ao contrário dos outros livreiros... Nós não vamos querer um bocadinho de tudo, vamos querer ter um bocadinho de pouco porque, mais uma vez, não temos essa capacidade. Mas toda a gente com que trabalhamos, trabalha bem, também são três, quatro pessoas e como livreiros temos a certeza que vamos fazer o contrário que muitos fazem. Vamos cumprir, até porque se trabalhamos com pouco não podemos... Todos eles são nossos amigos, a Planeta Tangerina, a Orfeu, a Bags of Books e até porque de certa maneira a Bags of Books reduziu o ritmo de edição e abriu a livraria e trabalham connosco e trabalham muito bem. Aperceberem-se de quem está aqui a trabalhar a sério, e mais vale trabalhar com poucos do que muita coisa. Sempre tive notícias de mau trabalho e quanto maior era a editora mais isso acontecia: os pedidos chegavam tarde ou o atendimento era inexistente. Com as pequenas editoras não se põe essa questão, até porque se conheceres bem as pessoas e trabalhares bem com elas, não vejo esse problema.

J.D. Qual deverá ser a posição e o comportamento a ter de uma pequena editora numa área dominada por grandes grupos?

M.G. É pedra na engrenagem. Acima de tudo se vais começar uma coisa numa área já tão densamente populada por tantos projetos, por tantas pessoas presentes e passadas que já fizeram muito. O importante é que faças algo de novo, como em tudo, mas a verdade é que muita gente acaba por repetir com outras roupagens. Não é nada fácil este negócio, porque só se fores uma grande editora, com muitos projetos e tiveres o rolo sempre, sempre a rolar, com muitas novidades a sair é que te permite ganhares muito e naturalmente ganhares dinheiro. Este negócio é o negócio da dita paixão, só aguenta se gostares muito disto. Se estás aqui para teres um negócio puro e duro é muito difícil porque eu chego ao fim do dia esgotado e não vejo a editora a crescer, vejo a editora a manter-se, o que também não é nada mau. O que nos alimenta ao fim do dia quando estamos desiludidos é, de facto, o próximo projeto, o que já fizeste quando olhas para trás, é o amor aos livros, embora este seja muito vago. Há dias em que apetece deitar a toalha ao chão porque não é um negócio de esplendor. Não é como um restaurante onde o pagamento é imediato.

Depois por outro lado, não é assim tão mau porque conseguimos manter, atravessando este pântano da crise. Aliás, a livraria é isso, mais um sacrifício/prazer, mas implica que eu venha para aqui à tarde passa a ser um novo trabalho e um novo escritório, acrescido ao trabalho que já tínhamos. Mas sendo o teu filho, vais buscar energias onde tu achavas que já não tinhas. Mas não tem nada a ver com o trabalho das nove às cinco. Mas há um gosto, quando vês os teus livros a vender ao lado de livros de grandes editoras que graficamente são desrespeitosos do leitor. Sinto que estamos a marcar a diferença e a marcar território e a fazer qualquer coisa. Sendo que não quero abandonar o mundo, mas manter a coisa equilibrada.

J.D. Sente que há uma relação de entreaajuda entre as pequenas editoras ou pelo contrário há uma relação de concorrência?

M.G. Quer dizer, no final há concorrência mas é tudo tão pequeno aqui para o bom e para o mau, porque todos nos conhecemos. No bom, há essa camaradagem, não conhecia a Orfeu, a Planeta Tangerina e quando fomos a Bolonha... No fim há um jantar para editores portugueses onde nos conhecemos todos. Agora fomos à Ilustratour e eu fui com a Carla da Orfeu e conversámos pois ela é uma pessoa muito simpática e eu também já aprendi coisas com ela e ela comigo. Com a Planeta Tangerina, também a mesma coisa. Contactamo-nos mutuamente para trocar informações. Acho que isto é fantástico! Ou tu te pões numa posição de individual e não te dás com ninguém mas não ganhas nada com isso.

J.D. Vocês até estão juntos, por exemplo, na Feira do Livro de Lisboa num mesmo stand...

M.G. Isso tem que ver com a distribuição, feita pela Prodidáctico, pelo Fernando Castro, que juntou a Kalandraka, a Orfeu, a Planeta, a APCC, Serrote, Bruaá e ele só trabalha isto. É ele que leva estas editoras à feira do Livro pois os custos são elevados e é mais inteligente assim. Por exemplo, em Bolonha a Planeta Tangerina já não faz assim, têm um pavilhão só deles porque têm uma procura muito grande pois ganham muitos direitos e é uma aposta que fazem. Nós também gostávamos de fazer essa aposta mas ainda não temos capacidade. Acho que há um grande companheirismo.

J.D. No fundo, vocês acabam por abranger nichos muito próprios o que não faz de vocês concorrentes.

M.G. Sim, no fundo acaba por haver um respeito imenso pelos autores. Quando a Planeta Tangerina decidiu editar um livro do Davide Cali, a Isabel ligou-nos para dar esse

conhecimento pois temos imensos títulos dele no nosso catálogo. O Davide Cali produz imenso, enviar para todos mas houve esta palavra amiga. Da mesma forma que a Carla da Orfeu também nos fez isso e até para saber a nossa opinião. E há pouco tempo, com a Catarina Sobral, que tem trabalhado com a Orfeu, trabalhou com a Pato Lógico e nós percebemos que não havia exclusividade e convidámo-la para fazer um projeto mas enquanto não percebemos que ela estaria a trabalhar para outras editoras, também falámos com a Carla (Orfeu). Ninguém está aqui para lixar o próximo e se estás, estamos num mundo muito pequeno onde a palavra passa com muita facilidade. Só temos a ganhar com esta relação. É tudo gente boa!

J.D Desde que fundaram a editora, que mudanças é que vocês veem no mercado editorial?

M.G. Mais oferta e agora menos procura com a crise. Acho que existe a ideia errada de que se estamos a aparecer na imprensa é porque estamos a ter sucesso. Há uma notoriedade e visibilidade mas no dia-a-dia é a luta pura e dura de um negócio difícil. Estou a dizer isto porque de repente apareceram várias editoras. Todos têm liberdade para fazer, mas há uma oferta maior. Vais a uma Bertrand, numa secção do Chiado à secção infantil e se não vais com ideia nenhuma, como a maioria das pessoas, perdeste. As pessoas hoje em dia funcionam mais à base da editora e fazem a procura guiando-se por aí pois há editoras de referência. O posicionamento do produto, os tops também influencia bastante esse público mais flutuante que não sabe o que quer. Depois há a questão das idades nas crianças, coisa que é muito relativa.

J.D. A nova visão como livreiros mudou a forma como viam o mercado editorial? Deu-vos outra visão para a publicação de novos livros no futuro?

M.G. É a questão da tentação de vermos que há livros que vendem muito mais que os nossos porque têm um aspeto mais “pop”. Nós sentimos que há muita ilustração que tem por trás uma máquina de marketing avassaladora e faz-nos crer que há uma moda, que são todos editados por grandes editoras que de repente são a coqueluche da edição mundial. Depois têm grandes departamentos de marketing, de direitos e os livros vendem-se noutros países. Mais uma vez, às vezes sou preconceituoso com isso, porque depois vemos os textos e... São o tipo de livro que o leitor procura e vende. Também há uma coisa que eu aprendi há pouco tempo, tu pegas em dez livros e levás às livrarias para saber se estarão interessadas ou não. Há editores que deixam de editar aquilo que querem e editam o que

lhes dizem que vai vender. Se formos a analisar todos esses livros que são grandes sucessos, todos eles caem em fórmulas, e há pessoas mais inteligentes que conseguem disfarçar melhor, é isso que vende. A máquina precisa de livros e tu tens que a alimentar. Os escritores são contratados por grandes editoras e têm que continuar a produzir, as ideias não aparecem todos os dias e têm que recorrer à caixinha das fórmulas. Mas para saber isso tudo é preciso estudar e aprender porque quantas mais armas tu tiveres seja como editor, seja como leitor, mais facilmente desmascaras os maus escritores e editores. O mais engraçado hoje em dia é que todos têm a ansiedade de criar e até pagam para serem publicados, quando devia ser o contrário. Por tudo isso, é um mundo cão, mas um mundo fascinante ao mesmo tempo. No livro infantil ainda mais, porque é a única área em que temos um adulto a escrever para a criança, com uma ideia de infância, o que nos vale é que a criança lê segundo a sua inocência, a sua personalidade e a sua experiência. Leiam tudo, é isso que defende os leitores contra os maus escritores, é a nossa experiência.

J.D. Quanto mais não seja para alimentar o espírito crítico...

M.G. Sim, porque se continuas a comer fórmulas não saís dali. O leitor é outro autor, porque o autor disse algo que ele interpretou à sua maneira e eu acho isso fascinante. Por isso, quando um autor escreve a pensar que vai tocar aos seus leitores, acho que isso é que é a liberdade do leitor, retirar a sua própria mensagem. Acho que a maioria dos autores devia parar para ler o que já foi feito, pois há uma saturação absolutamente incrível de publicação. Enquanto que quando nós começámos, reconhecíamos ali um ou dois nichos, agora está tudo preenchido. Ainda há a questão de se recuperar livros antigos, mas isso é muito arriscado. Acho que se edita em demasia e não temos mercado para isto tudo mas como o mercado funciona à base da novidade e da faturação, tens que estar sempre a debitar livros para entrar dinheiro. Não podes deixar a máquina parar. Já nem os próprios livreiros sabem o que estão a vender. Acho toda esta área fascinante porque é um mundo de adultos pois somos todos censores. Acho fascinante respeitar a individualidade da criança e venderes livros porque se apresentas propostas extremamente alternativas não aguentas muito.

J.D. Para concluir... A edição para a infância está de boa saúde?

M.G. Está. Acho que nunca estive tão bem. Só quem não quer é que não lê. A nível de ilustração estamos muito bem servidos, a nível de texto acho que um pouco mais não faria mal a ninguém. Mas penso que é uma queixa internacional, é um défice no texto. Na

ilustração há muita oferta mas na ideia para o livro, não. É por isso que muitos recorrem a reilustrações de textos que já foram feitos. Mas tudo isso são técnicas que camuflam um pouco a falta de textos porque não há gente a escrever bem para a infância e os que já existem tem contratos chorudos com grandes editoras. Agora, a nível português, admito que sou um pouco preconceituoso porque comecei a medir erradamente tudo pelas mesmas bitolas. Acho que nos foge o texto para o lirismo e que se torna meloso demais e não saímos daquilo. A nível do absurdo, do surrealismo, temas que eu adoro... Acho que não temos uma grande tradição na infância, não temos Lewis Carrol, não somos herdeiros disso, somos herdeiros de outras coisas com menos piada. Faltam-nos tipos que tragam frescura e totalmente despregados! Foge-nos o pé para a poesia mais lírica. Às vezes quando o texto é engraçado, é um engraçado muito correto e que não me enche as medidas. Assumo que procuro mais autores estrangeiros, até porque não recebo nada de especial de autores portugueses. Se há uma coisa que nos encanta também é que nos enviam coisas sem ver o nosso catálogo antes... Recebemos e estamos abertos, acho que essa é a posição a ter de uma editora: estar aberto aos seus clientes e autores, mas de facto o que tem chegado não vai de encontro ao que fazemos. Já apanhámos de tudo, pessoas que enviam textos adultos, pessoas que escrevem muito seriamente... Acho que deviam parar e ler o que se faz atualmente. Parece que pararam no tempo e ainda estão a escrever como se escrevia no séc. XIX. Há essa ideia errada de infância e pessoas que continuam a escrever de uma forma muito cor-de-rosa para as crianças mas depois há outros que não o fazem. Mas o grande público que te vai comprar bastantes livros é essa a ideia que tem por isso não podemos gritar tão alto. Quem vem para a edição deve gostar muito disto e pensar que pode fazer alguma coisa de diferente, senão acho que não vale mesmo a pena. Brincar com a inteligência das pessoas é uma coisa muito grave e o discurso de “é isso que eles querem”... O problema é que debaixo desta massa de papel que é debitada todos os dias começam a ficar esquecidos bons escritores e bons ilustradores por causa da moda e é nosso papel mostrar o que já foi feito. Se este senhor já escrevia assim, se o *Livro Inclinado* é de 1910, o que anda aqui a fazer um Zé Manuel qualquer a escrever sobre um coelhinho fofinho, não faz sentido, simplesmente. Não quero mudar o mundo, mas à nossa medida vamos cá deixando qualquer coisa, boa ou má, só o tempo o dirá.

